

# PUC

MONICA DE VASCONCELLOS DIAS

CASAMENTO E COABITAÇÃO: IMAGINÁRIO E COTIDIANO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Departamento de Psicologia

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, 10 de Março de 1995.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

RUA MARQUÊS DE SÃO VICENTE, 225 – CEP 22453

RIO DE JANEIRO – BRASIL

MONICA DE VASCONCELLOS DIAS

CASAMENTO E COABITAÇÃO: IMAGINÁRIO E COTIDIANO

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-RIO como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Ana Maria Nicolaci-da-Costa

Departamento de Psicologia

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, 10 de Março de 1995.



Meus agradecimentos.

- a Ana Maria Nicolaci-da-Costa, orientadora da dissertação, pelo apoio e confiança.

- a Ricardo Pessoa Arrais, pela compreensão e incentivo constante.

- a meus pais, pelo carinho e estímulo.

- às mulheres entrevistadas, nesta pesquisa, que comigo compartilharam as suas vivências e sem as quais este trabalho não teria sido possível.

- à CAPES e à FAPERJ, pela ajuda financeira.

- ao Departamento de Psicologia da PUC-RIO, aos professores e funcionários, pelo apoio na realização desse trabalho.

## RESUMO

Nos últimos trinta anos, a concepção de casamento nas classes médias urbanas tem se modificado bastante. Até a década de 60, casamento era entendido, unicamente, como a relação que se instaurava a partir de uma cerimônia religiosa e/ou civil. As pessoas consideradas casadas eram aquelas que haviam feito esse ritual e tinham um "papel passado" atestando isso. As transformações sociais das décadas de 60 e 70 promoveram um questionamento dos valores vigentes e influenciaram a mudança dessa concepção de casamento. Os sujeitos passaram a questionar a estrutura e o funcionamento das relações conjugais, bem como, a necessidade de legalizar a união conjugal. Atualmente, nas classes médias urbanas, a concepção de casamento abrange o "viver junto" com ou sem vínculos legais. E, os sujeitos, nesses segmentos, têm optado tanto pelo casamento tradicional, religioso e/ou civil, quanto pela coabitação sem vínculos legais. Sendo assim, este estudo procura discutir as diferenças e semelhanças, ao nível do imaginário e do cotidiano, entre o casamento legalizado e a coabitação sem vínculos legais. A discussão tem como base uma pesquisa de campo realizada com mulheres da classe média carioca que são casadas legalmente e mulheres que coabitam sem vínculos legais.

## ABSTRACT

In the last thirty years, the conception of marriage has been changed in the middle class. Until the sixties marriage was defined by the wedding ceremony. And married people were those who had a paper atesting this, a marriage license. In the sixties and seventies the social changes promoted the questioning of the values and influenced this conception. People began to ask the structure and functioning of the marriage relationship as well as the necessity of the marriage bond. Nowadays, in the middle class, the conception of marriage embraces life together with or without a marriage license. And those individuals have chosen between married and unmarried cohabitation. This dissertation is supported in a research made with women who live in married and unmarried cohabitation and also analyses the similarities and differences between those two kinds of relationship.

## SUMARIO

INTRODUÇÃO .....	1
CAPITULO 1	
1 - CONSIDERACOES SOBRE O CASAMENTO.....	7
1.1 - <u>Introduzindo o objeto de estudos</u> .....	7
1.1.1 - O casamento tradicional.....	8
1.1.2 - Modernização dos valores e as modificações na concepção de casamento.....	14
1.1.3 - Redefinição da concepção de casamento.....	20
CAPITULO 2	
2 - CONSIDERACOES SOBRE A COABITAÇÃO.....	25
2.1 - <u>Situando a coabitação</u> .....	25
2.1.1 - Definindo a coabitação.....	27
2.1.2 - As variações da coabitação.....	30
2.1.3 - Diferenças e semelhanças entre casamento e coabitação.....	35
2.1.4 - A coabitação no Brasil.....	38
CAPITULO 3	
3 - METODOLOGIA.....	43
3.1 - <u>Reflexões sobre metodologia</u> .....	43
3.1.1 - Os objetivos iniciais, o instrumento de coleta de dados e a delimitação da amostra.....	45
3.1.2 - Os sujeitos da pesquisa.....	49
3.1.3 - Montagem do roteiro e realização das entrevistas.....	51
3.1.4 - Procedimentos de análise dos dados.....	56

## CAPITULO 4

4 - ANÁLISE DOS DADOS.....	62
4.1 - <u>Categoria 1 - Opção conjugal</u> .....	65
4.1.1 - O namoro.....	65
4.1.2 - Opção pela coabitação.....	69
4.1.3 - A coabitação antes do casamento.....	74
4.1.4 - A opção pelo casamento.....	77
4.1.5 - Legalização ou não da união: motivações e diferenças.....	81
4.1.6 - A Ambigüidade através dos símbolos: os usos e significados do noivado, da aliança e do ritual de casamento.....	89
4.1.6.1 - Noivado.....	90
4.1.6.2 - Uso da aliança.....	91
4.1.6.3 - Ritual de casamento.....	96
4.2 - <u>Categoria 2 - Papel passado</u> .....	100
4.2.1 - O imaginário das diferenças: institucionalização, segurança, relação conjugal e cotidiano.....	100
4.2.1.1 - Institucionalização.....	100
4.2.1.2 - Segurança.....	101
4.2.1.3 - Papel passado, relação conjugal e cotidiano...113	
4.2.2 - Os significados do papel passado: ambigüidade, confusões e preconceitos velados.....	115
4.3 - <u>Categoria 3 - Valores</u> .....	124
4.3.1 - Conceção de casamento.....	124
4.3.2 - Compromisso.....	127

4.3.3 - Pontos fundamentais na escolha do parceiro.....	131
4.3.4 - Pontos fundamentais na relação conjugal.....	135
4.3.4.1 - Amor.....	141
4.3.4.2 - Sexo.....	147
4.3.4.3 - A dinâmica da sexualidade: atração, entendimento, satisfação e frequência.....	150
4.3.4.4 - Fidelidade.....	155
4.4 - <u>Categoria 4 - Dinâmica da relação</u> .....	162
4.4.1 - Individualidade, conjugalidade e cotidiano.....	162
4.4.1.1 - As diferenças individuais.....	162
4.4.1.2 - Expectativas e projetos.....	165
4.4.1.3 - Divisão de espaço/privacidade.....	169
4.4.1.4 - Dependência/independência.....	173
4.4.1.5 - Pontos que afastam e aproximam o casal.....	177
4.4.2 - A dinâmica do cotidiano: divisão de papéis, tarefas domésticas, rotina e regras.....	180
4.4.2.1 - Papéis femininos e masculinos.....	180
4.4.2.2 - Papéis ativos e passivos.....	190
4.4.2.3 - Regras.....	196
4.4.2.4 - Rotina.....	199
 CAPITULO 5	
5 - CONCLUSÃO.....	209
5.1 - <u>Considerações finais</u> .....	209
5.1.1 - O processo de escolha conjugal na coabitação e no casamento.....	210



5.1.2 - Os usos e significados dos rituais e símbolos no casamento e na coabitação.....	220
5.1.3 - Ideais de conjugalidade e dinâmica da relação na coabitação e no casamento.....	224
5.1.4 - O "papel passado" e o imaginário das diferenças entre casamento e coabitação.....	238
5.1.5 - Diferenças entre casamento e coabitação.....	245
BIBLIOGRAFIA.....	248

## INTRODUÇÃO

Nos últimos 30 anos, a concepção de casamento, nas classes médias cariocas, tem sofrido muitas modificações. Até a década de 60, casamento, nesses segmentos, era considerado como a união legitimada por laços religiosos e legais. A partir de transformações sociais ocorridas nas décadas de 60 e 70, a concepção de casamento e os valores relativos à estruturação e funcionamento das relações conjugais foram bastante questionados, e sofreram muitas modificações. Surgiram, então, outras possibilidades de arranjos conjugais, entre essas a coabitação sem vínculos legais.

Até a década de 60, os valores que regiam e organizavam as relações conjugais eram baseados em normas sociais bem definidas e padrões de comportamento rígidos e diferenciados para homens e mulheres. Com as transformações sociais ocorridas, nessa época, houve um questionamento dessas regras e padrões, o que modificou, profundamente, a estrutura e o funcionamento das relações conjugais.

Na ausência de regras sociais bem delimitadas, os sujeitos passaram a organizar suas relações em função de valores mais individualizados e flexíveis, baseados, na maioria das vezes, em referenciais internos e na experiência pessoal. Os valores que passaram a reger as relações conjugais, nas classes

médias cariocas, desde então, baseiam-se numa configuração individualista-igualitária. Os sujeitos, nesses segmentos, sofrem, também, a influência de um modelo psicologizante e/ou psicanalítico.

As relações conjugais apóiam-se em um conjunto de valores que privilegia formas mais pessoais de conduta. A concepção de casamento tem um enfoque individualista, fundamenta-se mais nas concepções que cada cônjuge traz, da sua formação e vivência para a relação, do que em regras e normas definidas explicitamente pelo social.

O casamento, nesses segmentos, é entendido como uma relação baseada em critérios de escolha afetiva e sexual que se sustenta, sobretudo, pelo desejo que ambos têm de manter uma vida em comum. Nessa concepção, valoriza-se mais o laço afetivo e o compromisso interno de cada cônjuge com a relação do que os seus vínculos formais. Ou seja, a obrigatoriedade da união ser sancionada pela Igreja e/ou pelo Estado. Nesse sentido, a concepção de casamento tende a transcender a sua estrutura institucional e ser entendida como um "viver junto" com ou sem vínculos legais.

Sendo assim, podemos considerar que, atualmente, nas classes médias cariocas, os sujeitos convivem, basicamente, com uma concepção de casamento que abrange duas possibilidades de opção conjugal. Uma que se fundamenta em um vínculo formal e

constitui-se a partir da idéia tradicional de união solene com legitimação religiosa e/ou civil. É outra que se baseia na ausência desses vínculos formais e fundamenta-se na idéia de que o casamento é a convivência, independente da legitimação religiosa e/ou civil. Essas duas possibilidades convivem, nesses segmentos, tanto no nível social, como modelos de relação conjugal, quanto no nível individual, como ideais de conjugalidade.

A definição de casamento como um "viver junto" com ou sem vínculos legais propicia o desenvolvimento de um tipo específico de relação conjugal que é a coabitação. A coabitação pode ser definida como a relação em que o casal vive como casado, mas não tem a sua união legalizada.

A difusão da coabitação, nas classes médias urbanas, está essencialmente ligada à "modernização" dos valores relativos às relações familiares e conjugais. Surgiu como uma decorrência do questionamento da concepção de casamento e representou uma ruptura com valores e normas tradicionais. Uma vez que a concepção de casamento tradicional, nesses setores, envolvia a idéia de legitimação pelos vínculos religiosos e/ou legais.

Inicialmente, a coabitação, nas classes médias cariocas, constituiu-se como uma escolha apenas para aqueles que já tinham tido um casamento anterior. Posteriormente, tornou-se, também, uma primeira opção para aqueles que nunca haviam se

casado. Atualmente, a coabitação sem vínculos legais é um tipo de relação bastante difundido e constitui-se tanto como uma opção conjugal quanto como uma fase intermediária entre namoro e casamento.

Os relacionamentos conjugais, nas classes médias cariocas, atualmente, se constituem tanto da forma tradicional, legitimados por vínculos religiosos e/ou legais, quanto como uma coabitação sem vínculos legais. As duas possibilidades de escolha conjugal coexistem tanto ao nível individual quanto ao nível social. Entretanto, os estudos sobre as diferenças entre essas duas opções conjugais, aqui no Brasil, ainda são escassos. Com o propósito de preencher um pouco esta lacuna, nos propusemos neste trabalho a lançar um olhar mais detalhado para as características de constituição e funcionamento do casamento e da coabitação nas classes médias cariocas. E, tentar compreender como as mulheres que optam pelo casamento ou pela coabitação, como primeira opção conjugal, vivenciam, no seu imaginário e no seu cotidiano, as suas escolhas conjugais. Pretendemos discutir, sobretudo, o processo de escolha do casamento e da coabitação, os ideais de conjugalidade em que se apóiam e as suas diferenças aos níveis imaginário e cotidiano.

Os capítulos que compõem esta dissertação estão divididos da seguinte forma. O primeiro capítulo aborda algumas considerações sobre o casamento. Analisa, principalmente, as transformações pelas quais este tem passado e a concepção de casamento atual. O segundo capítulo tece algumas considerações

sobre a coabitação, procura analisar o seu surgimento e as suas características, tendo como base estudos feitos em outros países. O terceiro capítulo trata, basicamente, da metodologia utilizada na pesquisa de campo: a escolha dos sujeitos, a elaboração e realização das entrevistas e as categorias de análise dos dados. O quarto capítulo refere-se à análise dos dados da pesquisa de campo e é o mais extenso, pois organiza-se em torno da análise do discurso das entrevistadas e inclui longos trechos de falas transcritas. O quinto, e último capítulo, trata da conclusão do trabalho. Aborda, principalmente, as semelhanças e diferenças, ao nível do imaginário e do cotidiano, entre o casamento e a coabitação.

CAPITULO 1

CONSIDERAÇÕES SOBRE O CASAMENTO

## 1 - CONSIDERAÇÕES SOBRE O CASAMENTO

### 1.1 - Introduzindo o Objeto de Estudos

Definir casamento parece ser uma coisa simples se partirmos do princípio que todos compartilham da mesma concepção do que seja um casamento. No sentido clássico do termo, casamento significa "união solene entre duas pessoas de sexos diferentes, com legitimação religiosa e/ou civil" (Ferreira, 1983). Esta é a definição aceita e compartilhada pela maioria. Entretanto, em função de uma série de transformações sociais, ocorridas nos últimos 30 anos, outras definições de casamento surgiram.

Atualmente, podemos considerar, também, como casamento aquelas uniões que não são legitimadas pela cerimônia civil e/ou religiosa. Uma grande parcela das relações conjugais, nas classes médias dos grandes centros urbanos, se estrutura desta forma. A origem da mudança na concepção de casamento desses segmentos está, certamente, ligada aos grandes questionamentos surgidos nas décadas de 60 e 70. Vários fatores, nessa época, convergiram para a mudança de valores que se seguiu. Com relação ao casamento, essas mudanças, também, se fizeram presentes, principalmente na pluralização das opções de relação conjugal: o casamento tradicional, o divórcio e o recasamento, o casamento em casas separadas e o



casamento sem vínculos legais. Enfim, atualmente, existe uma gama considerável de opções conjugais e cada uma delas dá origem a uma concepção de casamento.

O nosso interesse maior recai sobre a relação conjugal em que o casal mora na mesma casa, mas não tem vínculos legais, a coabitação sem vínculos legais. Esse tipo de relação conjugal tem aumentado bastante nas classes médias urbanas, e apóia-se numa concepção de casamento e num ideal de conjugalidade específicos.

Para chegarmos às considerações sobre a coabitação percorreremos um caminho que começa na definição tradicional de casamento, passa pelas transformações que alteraram essa concepção e chega a outras definições de casamento, onde está inserida a coabitação.

### 1.1.1 - O Casamento Tradicional

A concepção de casamento tem sofrido modificações ao longo dos tempos. Na antigüidade, os casamentos eram arranjados pelas famílias e os cônjuges não tinham direito de escolha. Os sentimentos que nutriam um pelo outro não importavam. O objetivo da união era o de selar alianças entre as famílias e produzir herdeiros. O casamento era um ato essencialmente privado e não religioso, intermediado apenas pelas famílias.

De acordo com Ariès(1982), a partir do século XIII a Igreja começou a intervir nos casamentos, a fim de torná-los um sacramento religioso. No modelo de casamento proposto pela Igreja, o consentimento dos futuros esposos tinha um papel importante, o que não ocorria no modelo leigo. O vínculo matrimonial considerado legítimo era aquele estabelecido entre pessoas livres e iguais em suas decisões. E, uma vez que o casamento era consentido e sacramentado tornava-se único e indissolúvel.

Ariès afirma que, depois que o casamento religioso foi totalmente assimilado, as atenções passaram a recair sobre a importância do registro por escrito. A cerimônia de casamento passou a conter a idéia de ato público com a assinatura de um registro. O ato de casar-se passou a ser legitimado por esse momento pontual. O casamento, que antes era um ato essencialmente privado, transforma-se, com a intervenção da Igreja e do Estado, em um ato essencialmente público.

A partir do século XVIII, a concepção de casamento passa a envolver, também, a noção de amor como base da união. Os cônjuges passam a escolher-se em função dos sentimentos que despertam um no outro. O amor passa a ser considerado essencial para o casamento. A cerimônia de casamento tem o objetivo de sacramentar esse amor e torná-lo legítimo. A concepção de casamento, a partir de então, apóia-se na idéia de consagração

de um relacionamento amoroso.

Como decorrência disso, podemos definir casamento como uma união entre um homem e uma mulher, que consagra um relacionamento amoroso, a partir de uma cerimônia religiosa e/ou civil. Nessa cerimônia, o casal assume um compromisso público de união, tendo como testemunhas os familiares, os amigos e os representantes da Igreja e/ou da lei. A partir dessa cerimônia, a relação afetiva e sexual desse casal torna-se legítima e oficial.

O casamento que une dois indivíduos, une também duas famílias e muda o status desses indivíduos diante da sociedade. O casamento é um ato que envolve uma dimensão social e pública, que institucionaliza uma relação amorosa e instaura o lugar do legítimo para os decedentes.

Casamento, no sentido estrito do termo, pode ser definido a partir do ato que o constitui, a cerimônia religiosa e/ou civil. Mas essa definição apóia-se, quase que exclusivamente, numa dimensão social. Dimensão essa que diz respeito às regras sociais que regulamentam os usos e costumes de cada cultura e época para as relações de parentesco. Casamento, num sentido mais amplo, envolve também outras dimensões, tais como: a dimensão individual e a relacional. Estas referem-se mais ao que não é visível na relação, ou seja, aos aspectos singulares de cada relação. A dimensão individual pode ser entendida como aquela que se refere, entre outras coisas, aos sentimentos, à sexualidade, às expectativas e aos projetos de

cada cônjuge para a relação. A dimensão relacional diz respeito mais à dinâmica da relação e ao vínculo que se estabelece entre o casal. As três dimensões, social, individual e relacional, se interligam e a ênfase em cada uma delas dá margem a definições de casamento diferenciadas.

Tradicionalmente, define-se casamento a partir da sua dimensão social. O que distingue uma relação de namoro ou noivado de uma relação de casamento é a celebração de uma cerimônia, que marca a passagem de um estágio, de um status e de um grau de compromisso para outro. A dimensão social é privilegiada comumente porque é a mais visível e, por isso mesmo, passível de generalização. Serve para indicar o grau de compromisso daquela relação para o grupo social. O significado da cerimônia de casamento é o mesmo para todo o grupo e indica as relações de parentesco que se estabelecem a partir daí.

Em organizações sociais mais simples, fica mais fácil definir casamento através dos usos e costumes, pois esses são unificados. O conjunto de valores e crenças é compartilhado por todos. Numa organização social mais complexa, como a nossa sociedade contemporânea, isto não é tão simples, pois não existe essa unificação. Os valores e as crenças são diferenciados de acordo com vários fatores como, por exemplo, religião, nível social, econômico e cultural. Assim, podemos dizer que na nossa sociedade contemporânea existe uma definição clássica de casamento que é a "união

solene de duas pessoas de sexo diferente, com legitimação religiosa e/ou civil"(Ferreira,1983), que é compartilhada pela maioria, mas que não é a única possível.

A definição de casamento depende, também, da ênfase que se dá aos aspectos familiares ou individuais do casamento. Como dissemos anteriormente, casamento, em última instância, liga duas famílias, mas é, essencialmente, a ligação de dois indivíduos. Nesse sentido, se privilegiamos o casamento como uma relação que une duas famílias, a ênfase vai recair na preservação de valores familiares e a relação do casal em si vai ficar em segundo plano. Macfarlane(1986) destaca isso na seguinte passagem:

*" (...) o casamento assinala a transferência de uma pessoa de um grupo familiar a outro, bem como a aliança entre dois grupos. Tanto a transferência quanto a aliança são simbolizadas por presentes e cerimoniais. Todos os familiares envolvidos se reúnem e celebram seu novo relacionamento, um processo que freqüentemente coloca em segundo plano a relação entre os noivos. A cerimônia é uma encenação em que as pessoas, embora desempenhando papéis costumeiros, procuram se ajustar ao novo relacionamento".*

*(Macfarlane, p.314).*

Nessa passagem, Macfarlane assinala o significado da cerimônia de casamento como um ritual para ajustar tanto os cônjuges quanto os familiares à nova condição. Poderíamos dizer até que a cerimônia tem uma função de ajuste maior para a família que para os cônjuges. A cerimônia de casamento é uma

forma de enfatizar e preservar valores familiares e tradições. Mas se, ao contrário disso, privilegiarmos o casamento como a união de dois indivíduos, sem valorizarmos as ligações familiares, o enfoque muda bastante.

Segundo Russo e Santos(1981), na sociedade contemporânea, o casamento ocupa um lugar de destaque entre as relações significantes para o indivíduo. A relação conjugal é a relação central entre as da esfera privado, em função dos laços com a família extensa serem geralmente frouxos. O casamento é uma escolha individual que consagra um relacionamento amoroso. E mais que isso, busca uma integração psicológica, sexual e intelectual dos parceiros. O casamento, na atualidade, tenta, cada vez mais, transcender a sua dimensão social e privilegiar a sua dimensão individual. A idéia básica é a de que o casamento une dois indivíduos acima de tudo. A união de duas famílias ou os laços formais com as instituições (Igreja e/ou sociedade civil) são meras eventualidades. As considerações de Russo e Santos (1981) se apóiam mais em uma perspectiva individualista de casamento.

Atualmente, a concepção de casamento se debate o tempo todo entre uma perspectiva que enfatiza mais os traços individuais e outra que o faz com os traços mais familiares do casamento. Se os traços familiares são valorizados, a concepção de casamento se ajusta a formas mais tradicionais de relação conjugal. Se, ao contrário, os traços individuais são

privilegiados, a concepção se ajusta a formas mais diferenciadas e individualizadas de concepção de casamento, ou para opô-la ao termo tradicional, mais modernas.

Para a classe média brasileira, o casamento legitimado pelos laços civil e religioso, com celebração solene e pública, foi a única concepção possível durante muito tempo. O casamento era indissolúvel e uma união só era reconhecida se fosse dentro desses padrões. Essa concepção de casamento foi predominante até a década de 60. Nos últimos 30 anos, isso tem se modificado bastante. Ocorreram muitas transformações sociais que acarretaram profundas modificações nos valores relativos às relações conjugais. Essa concepção de casamento foi bastante questionada e surgiram outras possibilidades de arranjos conjugais. A partir disso, casamento não significa mais a mesma coisa para todos. A concepção de casamento clássica continua a ser uma referência, mas não é mais o único modelo.

#### **1.1.2 - Modernização dos Valores e as Modificações na Concepção de Casamento**

A modificação na concepção de casamento das classes médias urbanas, sobretudo a carioca, foi uma decorrência dos questionamentos, ocorridos nas décadas de 60 e 70, que provocaram uma "modernização" no conjunto de valores desses segmentos. O movimento feminista, a pílula anticoncepcional, a liberação sexual da mulher, o ingresso da mulher no mercado de trabalho, a

institucionalização do divórcio, os movimentos de contracultura, o milagre econômico, a difusão da psicanálise, entre outros, contribuíram, de forma significativa, para a transformação dos valores que orientavam as relações conjugais e a própria concepção de casamento. Esses movimentos trouxeram, no seu bojo, a difusão de princípios igualitários e individualistas, que forneceram elementos para um questionamento da relação conjugal.

Até o início da década de 60, a sociedade brasileira, sobretudo a classe média carioca, poderia ser definida como tradicional. Segundo Nicolaci-da-Costa(1987, 1988), existia um conjunto de normas e valores rígidos. Havia, principalmente, um grande respeito à hierarquia, a valores morais rígidos e assimétricos para homens e mulheres, e uma divisão bem marcada de papéis, sentimentos e formas de expressão destes que eram diferenciados de acordo com o sexo, a idade ou a posição social e familiar. A religião, sobretudo a católica, era ainda uma importante fonte de referenciais. A experiência dos sujeitos era organizada de fora, pois havia regras sociais para quase tudo. Os valores que regiam e organizavam as relações conjugais, até o início dos anos 60, eram baseados em normas sociais bem definidas.

Com as transformações ocorridas na sociedade brasileira nas décadas de 60 e 70, sobretudo os movimentos que foram citados acima, os padrões se modificaram bastante. De acordo com Nicolaci-da-Costa, a rigidez das regras sociais, os



valores bem definidos, os padrões de comportamento rígidos e diferenciados para homens e mulheres foram profundamente questionados. Questões como a virgindade feminina, a marcada segregação de papéis, o código moral assimétrico, a religião, a gravidez imediatamente após o casamento, entre outros, foram intensamente debatidas. Esses debates e mudanças afetaram, significativamente, a estrutura e o funcionamento da relação conjugal. O questionamento das regras sociais relativas ao processo de namoro, noivado e casamento também provocou um esvaziamento das mesmas, ocasionando uma ambigüidade social quanto aos procedimentos relativos a esses processos.

Em decorrência disso, houve um esvaziamento das regras sociais e os padrões de comportamento foram delimitados, num primeiro momento, em oposição ao que estava estabelecido e, posteriormente, passaram a seguir padrões mais singulares. Os sujeitos passaram a organizar-se em função de valores mais individualizados e flexíveis. Na ausência de regras sociais bem delimitadas, passaram a organizar as suas experiências a partir de um referencial interno, baseado na experiência pessoal. A regra passou a ser, então, a busca por soluções mais individualizadas.

Como decorrência desses questionamentos, o ideal de casamento se modificou bastante. O ideal de casamento, até o início da década de 60 se caracterizava, basicamente, pelos seguintes aspectos. O processo de namoro era ainda controlado e as mulheres, na grande maioria, casavam virgens. Após o

casamento, a relação entre os cônjuges era hierárquica e o homem era o principal membro do casal. Existia uma nitida divisão de papéis e universos em masculinos e femininos. Ao homem cabia o domínio público e à mulher o domínio privado. O homem tinha o papel de provedor e a mulher de dona de casa. O vínculo entre o casal era formal, estável e indissolúvel. Existiam mecanismos para garantir a estabilidade do casamento. O duplo padrão de moralidade, ou seja a infidelidade permitida somente ao homem, era amplamente aceito.<sup>1</sup>

Esse ideal de casamento foi profundamente questionado nessa época e, como decorrência disso, surgiram outros ideais de conjugalidade, que pretendiam ser mais condizentes com uma nova realidade. Esses novos ideais pleiteavam, entre outras coisas, que os casais tivessem um "contrato" de casamento mais flexível. Os principais aspectos desse contrato seriam a menor segregação dos papéis conjugais, a vigência de um código moral simétrico, o respeito ao espaço e à individualidade de cada um, e a igualdade entre homem e mulher nos planos profissional e sexual.

Os valores que passaram a reger as relações conjugais, nas classes médias cariocas, desde então, parecem ser, na maioria dos casos, baseados numa configuração individualista-igualitária. Nesses segmentos, os sujeitos

---

1. Cf. Nicolaci-da-Costa (1987, 1988)

sofrem a influência de um modelo psicologizante e/ou psicanalítico. A ausência de regras sociais bem delimitadas os aproximou de um sistema de valores que privilegia formas mais pessoais de conduta.

De acordo com Salem(1989) e com Soares(1989), nas classes médias cariocas, sobretudo nas da zona sul, os ideais de conjugalidade, atualmente, privilegiam aspectos como igualdade, liberdade, singularidade e mudança na relação conjugal. Valorizam a preservação da individualidade na relação amorosa e o respeito às diferenças individuais. Privilegiam a subjetividade, valorizam as experiências pessoais como únicas e singulares, atribuem importância à verbalização e a elaboração de emoções, bem como ao crescimento e desenvolvimento individual.

Os casais, nesses segmentos, possuem uma intensa disposição para psicologizar o relacionamento amoroso e fundamentar o vínculo conjugal em dispositivos internos e subjetivos. O vínculo conjugal é afetivo e psicológico e a manutenção da relação conjugal apóia-se no desejo de estar com o outro. Os casais possuem, ainda, um compromisso com a auto-observação dos sentimentos e desejos, e uma disposição intensa para o diálogo e o questionamento de si mesmo e da relação. Enfim, buscam uma relação que seja baseada em laços afetivos, no desejo de estar com o outro e, que tenta preservar a individualidade e o espaço de cada um na relação.

Segundo Goldenberg(1991), atualmente, amor e

igualdade são categorias centrais na concepção de casamento nas classes médias cariocas. O ideal de conjugalidade, nesses segmentos, tenta reunir e conciliar aspectos tradicionais e modernos da vida conjugal. O que se busca é:

*" (...) um relacionamento que não seja efêmero mas também não seja obrigatoriamente definitivo, sendo a duração renegociada todos os dias, que seja baseado em desejos internos (e não em coerções sociais) e na igualdade entre os parceiros amorosos (...)"*  
(Goldenberg, 1991, p.99).

Os relacionamentos conjugais, nas classes médias cariocas, atualmente refletem uma tensão constante entre aspectos tradicionais e modernos da vida conjugal. Nesses segmentos, os sujeitos convivem com ideais de conjugalidade que apresentam tanto traços tradicionais quanto traços modernos. Há uma tentativa de conciliação desses traços, mas isso nem sempre é possível. Existe uma pluralidade de arranjos conjugais que engloba tanto o casamento tradicional como a coabitação sem vínculos legais e, até mesmo o casamento em casas separadas. Muitas vezes coexistem na mesma relação conjugal aspectos tradicionais e modernos.

Podemos dizer, então, que antes das transformações citadas acima, concepção de casamento e ideal de conjugalidade, nas classes médias cariocas, eram uniformes e compartilhados por todos. Existia somente uma definição de casamento e todos buscavam o mesmo ideal de conjugalidade. A partir das transformações introduzidas nos anos 60 e 70, a concepção de

casamento e os ideais de conjugalidade, nesses segmentos, se pluralizaram. Atualmente convivem, tanto ao nível social quanto ao nível individual, várias concepções de casamento. Sendo assim, seria interessante redefinirmos a concepção de casamento sobre a qual vamos nos apoiar neste trabalho.

### 1.1.3 - Redefinição da Concepção de Casamento

A partir da discussão empreendida acima, podemos concluir que, atualmente, nas classes médias cariocas, o casamento apóia-se em um conjunto de valores que privilegia formas mais pessoais de conduta. A concepção de casamento, nesses segmentos, tem um enfoque individualista, privilegia mais o indivíduo que as ligações com as famílias. Sustenta-se mais nas concepções que cada cônjuge traz da sua formação e vivência para a relação, do que em regras e normas definidas explicitamente pelo social.

Casamento, nesses segmentos, é entendido como uma relação baseada em critérios de escolha afetiva e sexual, onde a escolha do parceiro é feita em função das qualidades pessoais e dos sentimentos que nutrem um pelo outro. A essência que se busca no relacionamento conjugal é a maior integração afetiva, psicológica e sexual dos parceiros. E a manutenção do casamento baseia-se na relação afetiva, no ajustamento sexual e na capacidade de adaptação mútua do casal.

O casamento, nas classes médias cariocas, tem em suas bases mais um ideal romântico do que a idéia de um contrato formal. O contrato seria um código introjetado, um compromisso interno de cada cônjuge com a relação e não um código imposto por regras sociais. Valoriza-se mais o laço afetivo e o compromisso interno que o compromisso imposto pelos vínculos formais. Vínculos esses que são representados pela obrigatoriedade da união ser sancionada pela Igreja e/ou pelo Estado.

O casamento, nas camadas médias cariocas, tende a transcender à estrutura institucional e sustentar-se, sobretudo, no desejo que ambos têm de manter uma vida em comum. Assim sendo, o casamento pode ser entendido como um "viver junto" com ou sem vínculos legais. Entender o casamento como um "viver junto" com ou sem vínculos legais nos leva a admitir a existência de, pelo menos, duas concepções de casamento. Uma que se apóia em um contrato formal e legitimado pela Igreja e/ou pela lei e outra que se baseia em um contrato informal sem a intermediação de instâncias sociais.

No primeiro caso, o contrato formal é firmado segundo as leis da Igreja e/ou da sociedade civil. O casamento é entendido como uma instituição que já tem diretrizes pré-determinadas. A base é definida a priori e os indivíduos somente se "encaixam" nos papéis pré-determinados. O casamento é entendido como um compromisso que se apóia e se legitima a

partir de leis sociais. O compromisso formal é aquele assumido diante da coletividade e que tem implicações legais.

No segundo caso, o contrato informal é algo que não se fundamenta em padrões pré-determinados, é definido pelo casal no decorrer do seu relacionamento. É um contrato que pode ser explícito ou tácito, que se refere a padrões de relação entre o casal, mas que tem como base critérios individuais, ligados mais às expectativas mútuas que às expectativas sociais. Um contrato que privilegia mais a dimensão individual e relacional do casamento. O compromisso é entendido como aquele que é assumido diante de si mesmo e do parceiro sem a intermediação de instâncias sociais. Um compromisso que se apóia e se legitima a partir de um compromisso interno, assumido consigo mesmo e com o parceiro, e não a partir de um compromisso assumido diante de uma coletividade.

Definidos, então, esses termos podemos dizer que nas camadas médias do Rio de Janeiro, os sujeitos convivem com duas concepções de casamento. Uma que se fundamenta em um vínculo formal, constitui-se a partir da idéia tradicional de união solene com legitimação religiosa e/ou civil. E outra que se baseia em um vínculo informal, ou seja, fundamenta-se na idéia de que o casamento é a convivência, independente da legitimação religiosa e/ou civil. Essas duas concepções de casamento convivem, nesses segmentos, tanto no nível social, como modelos de relação conjugal, quanto no nível individual, como ideais de conjugalidade.

Nessa dissertação vamos considerar essas duas concepções de casamento, uma vez que o nosso universo será o das camadas médias do Rio de Janeiro. Não obstante, o nosso interesse maior recai sobre a relação conjugal sem vínculos legais. Assim sendo, consideramos importante tecer algumas considerações sobre esse tipo específico de relação conjugal. O que passaremos a fazer no capítulo que se segue.



## CAPITULO 2

### CONSIDERAÇÕES SOBRE A COABITAÇÃO

## 2 - CONSIDERAÇÕES SOBRE A COABITAÇÃO

### 2.1 - Situando a Coabitação

Como dizíamos no capítulo anterior, a concepção de casamento se modificou muito nos últimos 40 anos, sobretudo nos grandes centros urbanos. Atualmente, a concepção de casamento abrange o "viver junto" com ou sem vínculos legais. Esta concepção de casamento propicia o desenvolvimento de um tipo específico de relação conjugal que é a coabitação. A coabitação pode ser definida como a relação em que o casal vive junto na mesma casa, como se fosse casado, mas não é legalmente casado.

A coabitação é uma forma de relacionamento conjugal não tradicional que se difundiu, mundialmente, a partir da década de 70. A coabitação tem sido assumida como um estilo de vida alternativo, nas classes médias, nos grandes centros urbanos, que são mais tolerantes com comportamentos não convencionais. A coabitação é escolhida, geralmente, por pessoas que se identificam mais com valores não tradicionais. É também mais aceita como opção conjugal por aqueles que não são engajados em nenhuma religião.

O crescimento da coabitação, sem o casamento, se deu pelo avanço da modernização das sociedades e, pelo intenso debate, nas décadas de 60 e 70, sobre a instituição do casamento

e a posição da mulher na família e na sociedade, o que alterou os padrões de formação da estrutura conjugal e familiar. O resultado disso, na classe média, foi que alguns questionaram a instituição do casamento e optaram por formas diferentes de relação conjugal, enquanto outros permaneceram com o modelo tradicional. O surgimento da coabitação sem o casamento foi, então, resultado de um questionamento das normas e expectativas da relação à dois.

Nos anos 60, a coabitação emergiu como um estilo de vida alternativo para aqueles que tinham restrições à instituição do casamento e que encaravam esta como algo que precisava de profundas modificações. A coabitação surgiu, primeiramente, como uma forma de relação alternativa ao casamento. Contudo, a coabitação transcendeu esta concepção de oposição ao casamento e, com o passar do tempo, se constituiu, também, como uma opção para aqueles que não tinham objeções ao casamento. A coabitação transformou-se numa forma de conhecer o parceiro mais intimamente através da convivência antes do casamento, ou ainda, numa forma de ter uma relação diferente, mas que não fosse necessariamente oposta ao casamento. Uma relação que se apoiasse em regras semelhantes às do casamento, mas que não fosse socialmente sancionada.

Segundo Spanier(1983), o aumento da coabitação pode ser explicado em parte pela aceitação social dessa forma de relação conjugal e, em parte, pelo aumento da liberdade sexual entre os jovens, o que fez com que o contato sexual deixasse de

ser uma razão para o casamento. O aumento da coabitação como primeira opção conjugal entre os jovens cresceu na mesma proporção em que a sociedade começou a assumir e aceitar formas de relacionamento não tradicionais e, também, relativizou a importância do status de casado como forma de respeitabilidade do indivíduo. A coabitação de não-casados tornou-se, então, um arranjo conjugal possível e respeitável.

Apesar da coabitação ser, atualmente, uma forma de relação conjugal muito difundida, ainda existe muita ambigüidade em torno dela. Isto se dá pela dificuldade de situá-la dentro do referencial das relações socialmente instituídas. Não é um namoro, pois o casal mora junto como se fosse casado. E, para alguns, ainda não é um casamento, pois não foi socialmente sancionado. Clayton e Voss(1977) afirmam que existe uma discussão em torno da coabitação no sentido de identificar se esta forma de relação se constitui como um substituto para o casamento, como um novo estágio no processo legal, ou apenas como uma alternativa ao casamento.

### **2.1.1 - Definindo a Coabitação**

O termo coabitação foi criado para definir este tipo de relação da forma mais neutra possível, uma vez que esta diferencia-se e apóia-se em um referencial de conjugalidade diferente das relações conjugais convencionais. De acordo com

Roussel(1978), para definir esse tipo de relação conjugal os termos noivado ou ensaio para o casamento não se aplicam. O termo união livre também não é adequado, pois sugere que o casamento é recusado em seu princípio ou impossível de ser feito e, isto só se aplica a uma minoria, a maioria não tem nenhuma objeção ao casamento. O termo coabitação é o mais adequado, pois é essencialmente descritivo e não possui nenhum outro significado. Designa o modo de vida pela sua característica essencial, uma única casa para o casal.

A coabitação é um tipo de relação conjugal que também se diferencia do concubinato e do amasiamento sob o ponto de vista dos valores nos quais se apoiam estes tipos de relação.

A expressão concubinato possui um significado pejorativo, é associada a uma união ilegítima em sua constituição. É associada à mancebia, ou seja, a algo dissoluto, libertino, devasso, à vida de amantes. Em suma, a uma relação que não tem o lugar do legítimo, mas do que é marginal, escondido, do não assumido. E isto não corresponde à atitude dos que coabitam. A coabitação não possui esse significado pejorativo e marginal, pelo contrário, desfruta até de uma semiconsagração social. Semiconsagração social, pois é aceita como uma forma de relação que não é marginal, mas que ainda não tem o caráter oficial e cerimonial do casamento, embora, muitas vezes, se constitua como um rito preliminar.

Segundo Béjin(1982), a coabitação contemporânea

aparece como uma tentativa de síntese e de conciliação de traços próprios do casamento com traços das uniões extraconjugais. A coabitação ocuparia uma posição intermediária entre o casamento e a união extraconjugal. Não é tão efêmera quanto a maioria das uniões extraconjugais mas, também, não se supõe que seja uma relação definitiva. Funciona como se sua duração fosse negociada todos os dias.

A expressão amasiamento, também, não se aplica a esta forma de relação pois, está associada, no Brasil, a um tipo de união muito difundida nas camadas menos favorecidas da população e, que é produto de um costume e uma tradição nesses segmentos e, não uma relação que se estabelece a partir de uma ruptura com valores estabelecidos, como é o caso da coabitação nas classes médias.

Segundo Azevedo(1966), o amasiamento é um tipo de união consensual de relativa estabilidade, que pode tanto ser de curta duração quanto estender-se por um longo período. Os amasiados constituem famílias de relativa estabilidade e, muitas vezes, neste tipo de união a mulher traz filhos de relações anteriores. Existe, por parte dos amasiados, uma expectativa recíproca de obrigações, lealdade e assistência. De acordo com Azevedo:

*" No Brasil (...) esse tipo de união e a família correspondente são comuns às classes pobres e de côr das cidades e zonas rurais, principalmente daquelas em que se concentram descendentes dos antigos escravos." ( Azevedo, 1966, p.122).*

Azevedo afirma ainda que, os amasiados resistem à ligação pelos laços legais e sacramentais alegando que não têm condições financeiras de arcar com as despesas dos papéis e da cerimônia religiosa. Mas subjacente a essa resistência está presente, também, a idéia de que as pessoas unidas pelos laços legais:

*"(...) esquecem-se de seus deveres de afeição e assistência para com o cônjuge respectivo."  
(Azevedo, p. 124).*

### 2.1.2 - As Variações da Coabitação

A atitude diante da coabitação é variada. Esta pode ser encarada como uma forma de relação conjugal alternativa ao casamento ou, simplesmente, como uma forma de conhecer o parceiro mais intimamente e testar a relação no cotidiano. Muitos dos que coabitam pensam em casar-se legalmente, mas outros coabitam mesmo sem pensar nesta possibilidade. O ponto principal não parece ser a legalização da união mas a estabilidade da mesma, os níveis de certeza sobre o relacionamento. Segundo Clayton e Voss(1977), a coabitação não se mostra, na maioria das vezes, uma forma de relacionamento conjugal permanente, a tendência é que a relação acabe ou que os parceiros se casem.

A coabitação constitui-se, basicamente, como: uma fase preparatória para o casamento, uma alternativa a este ou, ainda, uma variação do mesmo.

De acordo com Roussel(1978), a coabitação, enquanto fase preparatória, constitui-se como um "casamento experimental". Nesta variante, a instituição do casamento é pouco contestada e a duração média da vida em comum antes do casamento é breve. Constitui-se como uma fase experimental com o objetivo de casar legalmente posteriormente.

Nesse sentido, a coabitação seria uma forma de testar a estabilidade da relação. Se, durante o período de coabitação, a relação se mantivesse estável e o casal se ajustasse aos seus papéis conjugais, o casamento seria realizado. A coabitação seria, ainda, um período de escolha, uma forma de avaliar melhor as qualidades e defeitos do outro antes de se comprometer com um casamento.

A coabitação, como uma fase experimental, não assume este tipo de relação como um casamento. Constitui-se apenas como um estado intermediário entre o namoro e o casamento. Assim sendo, a concepção de casamento em si não sofre alterações. O que se modificam são as regras de namoro, noivado e casamento. A coabitação passa a funcionar como uma espécie de noivado mais aprofundado, um "casamento experimental", que visa ao "verdadeiro casamento" posteriormente. Desta forma, poderíamos dizer que a coabitação, como fase experimental, não rompe com valores e normas estabelecidas, apenas as modifica. Transforma uma regra estabelecida, o noivado, em algo mais adequado à realidade contemporânea.



O ideal de conjugalidade em que se apoia este tipo de coabitação é o de que a convivência intensa e cotidiana, sob o mesmo teto, seria a única forma de conhecer realmente o parceiro na sua intimidade e verificar se, apesar das diferenças é possível a convivência. Compartilha com a idéia de que os ajustamentos entre o casal devem ser feitos antes do casamento e, não posteriormente, como é o caso da forma tradicional de casamento. A idéia da legalização da união está presente, mas a pressão para a realização do casamento, na maioria das vezes, não é grande. O ritual de casamento funcionaria mais como um rito de confirmação do que como um rito de transição, e a legalização da união seria uma mera formalidade.

Roussel(1978) afirma que a coabitação como relação alternativa ao casamento é escolhida por aqueles que contestam a instituição do casamento. A coabitação, neste caso, constitui-se como uma relação em que a duração média da vida em comum é mais longa e a oposição ao princípio do matrimônio é mais forte. Contudo, esta é a posição da minoria. De acordo com Roussel, a maioria dos que coabitam tem intenção de casar-se posteriormente.

Clayton e Voss(1977) afirmam que a coabitação pode ser, também, uma alternativa para aqueles que tiveram uma experiência negativa com o casamento. Nesse caso, a coabitação seria uma alternativa razoável para uma segunda união.

A coabitação, como alternativa ao casamento, pretende se constituir como um modelo oposto ao casamento e, portanto, não assimila esta forma de relação como um casamento. Busca ser uma relação "alternativa" que rompe com valores e normas estabelecidas. Pressupõe a idéia de que casamento é um modelo ultrapassado que precisa ser reformulado. Entretanto, não encara a coabitação como uma forma de reformulação do casamento, mas como algo diferente deste. A coabitação não é considerada um casamento.

O ideal de conjugalidade, nesta variação de coabitação, fundamentar-se-ia na idéia de que a instituição do casamento em si é algo que "contaminaria" o relacionamento. Ou seja, o casamento por si só já traria uma série de papéis e posições pré-estabelecidas, como um modelo pronto e acabado. Sendo assim, a relação afetiva seria afetada por estes padrões pré-estabelecidos, o que prejudicaria o livre fluir das emoções. O casal ficaria preso a seus papéis conjugais tornando a relação algo estereotipado. Além disso, o vínculo entre o casal, estando sacramentado e legalizado, faria com que o casal se apoiasse nisso e se acomodasse na relação. Nesse sentido, o simples fato de identificar a coabitação com uma forma de casamento levaria o casal a, sentir o peso dos papéis pré-estabelecidos e, se relacionar de uma maneira estereotipada, como no casamento. Assim, o vínculo entre o casal não é identificado como o de um casamento e a relação se estabelece de forma ambígua, o que a torna bastante frágil.

Para Lewin(1982), a coabitação constitui-se como uma variação do casamento e não como uma alternativa a este. Segundo o autor, muitos dos que coabitam não têm objeções ao casamento e, eventualmente, aceitam se casar. Não se opõem ao princípio do matrimônio, nem consideram a coabitação como uma fase experimental, desejam apenas uma relação diferente.

A coabitação, como uma variação do casamento, estaria fundamentada na idéia de que não existem diferenças entre o casamento e a coabitação. As normas e expectativas para a relação são semelhantes em ambos os casos, a única diferença é que os casados têm uma certidão de casamento e os coabitantes não. Nesse sentido, a coabitação estaria baseada apenas em um compromisso individual, enquanto que o casamento se basearia, também, em um compromisso social. A coabitação identifica-se com o casamento mas, estabelece diferenças na sua constituição ao estruturar-se na ausência dos vínculos legais e religiosos. Não é uma forma de relação que se opõe ao casamento, constitui-se como uma opção conjugal. É uma forma de relação conjugal que rompe com valores e normas estabelecidas, pois modifica a concepção tradicional de casamento. É um casamento que se estrutura de uma outra forma. Está vinculado à noção de que casamento é o "viver junto" com ou sem vínculos legais.

O ideal de conjugalidade, nesta forma de coabitação, apóia-se na idéia de que uma relação conjugal caracteriza-se pela convivência cotidiana sob o mesmo teto. É, o

que importa, realmente, na relação é o vínculo afetivo e sexual dos parceiros e, principalmente, o desejo de estarem juntos, e não os vínculos religiosos e/ou legais. O que, efetivamente, marca um vínculo conjugal é o compromisso interno de cada parceiro com o outro e com a relação.

### 2.1.3 - Diferenças e Semelhanças entre Casamento e Coabitação

O casamento e a coabitação são equivalentes em vários aspectos, exceto no estado civil. Lewin(1982) afirma que tanto os casais casados como os que coabitam sentem as mesmas normas sendo aplicadas à relação. A única diferença entre os que vivem juntos casados e os que coabitam é que os primeiros têm uma "licença de casamento" e os segundos não. Mas Clayton e Voss(1977) afirmam que a coabitação não aparece como uma analogia perfeita de uma lei consensual de casamento, pois os parceiros, muitas vezes, não se reconhecem como sendo casados. E o fato do casamento ser socialmente sancionado e envolver obrigações legais o diferencia da coabitação.

Assim sendo, casamento e coabitação se diferenciariam na sua dimensão social. O casamento seria uma relação apoiada na legitimação social, com um lugar bem delimitado, e a coabitação não. O lugar da coabitação seria sempre ambíguo e intermediário, o que não daria a esta forma de relação o mesmo status do casamento.

Contudo, se compararmos as dimensões individual e relacional, casamento e coabitação se equivalem. Ambas são relações amorosas onde a convivência cotidiana é um traço fundamental na dinâmica relacional e a integração afetiva e sexual uma busca constante. As normas e expectativas para a relação se assemelham. De acordo com Stafford et al (1977), na coabitação os casais buscam uma relação de intimidade sexual e afetiva que propicie segurança emocional e apóie o crescimento e desenvolvimento individual. Estas são expectativas semelhantes às do casamento.

Com relação à forma de desempenho dos papéis conjugais, casamento e coabitação também se assemelham. De acordo com Clayton e Voss(1977), no desempenho dos papéis conjugais parece existir pouca diferença entre a coabitação e o casamento. Stafford et al(1977) afirmam que, na divisão de tarefas tanto na coabitação quanto no casamento, as mulheres são mais responsáveis pelas tarefas domésticas. Contudo, na coabitação, essa delimitação de papéis é menos rígida do que no casamento. E, os coabitantes tendem a trocar mais de papéis que os casados. Béjin(1982) afirma que na coabitação a tendência é o estabelecimento de uma complementariedade na divisão de papéis, cada um se especializando numa tarefa. Mas existe uma busca de igualdade, uma barganha constante na divisão das atribuições de cada um.

O casamento e a coabitação são semelhantes, ainda,

em vários outros aspectos. Segundo Béjin, a escolha do parceiro na coabitação é feita com base em critérios como a compatibilidade cultural e sexual. O entendimento sexual é considerado como absolutamente necessário para que a relação se mantenha. Com relação à fidelidade, os coabitantes, na maioria das vezes, querem ser fiéis, pois temem que a infidelidade possa destruir a relação. Uma vez que este tipo de união estaria pautado num "contrato" cujas condições são indefinidamente rediscutidas e cuja possibilidade de rompimento, a qualquer momento, torna-o especialmente frágil. No entanto, toleram infidelidades passageiras.

Béjin afirma ainda que, na coabitação, o relacionamento com a família e os amigos é valorizado, mas o relacionamento do casal é o centro da área afetiva. O vínculo conjugal é eleito como o mais importante. Com relação aos filhos, a possibilidade de tê-los não é recusada, mas o casal prefere dar um tempo para si e adiar o nascimento de um filho.

A questão dos filhos na coabitação é bastante peculiar e controversa. Alguns coabitantes preferem adiar o nascimento dos filhos para o casamento, outros legalizam a união quando nasce um filho, mas existe uma porção significativa que não tem objeções ao nascimento de filhos na coabitação. De acordo com Lewin(1982) a gravidez e os filhos não são, por si só, um motivo para a legalização da união. Podemos supor que, a razão disto está no fato de que, atualmente, os filhos são considerados legítimos sem que os pais sejam legalmente

casados. Em virtude disso, a coabitação tem se tornado, cada vez mais, de uma possibilidade "legítima" de opção conjugal e de constituição familiar.

#### 2.1.4 - A Coabitação no Brasil

A coabitação, nas classes médias brasileiras, é um fenômeno relativamente recente que se difundiu, sobretudo, a partir das décadas de 60 e 70. E, está, essencialmente, ligado à modernização dos valores relativos às relações familiares e conjugais. A coabitação, nas classes médias urbanas, surgiu como decorrência do questionamento da concepção de casamento tradicional e, representou uma ruptura com valores e normas tradicionais. Uma vez que a concepção de casamento tradicional, nesses segmentos, envolvia a idéia de vínculo religioso e/ou legal.

Os estudos sobre esta forma de relação conjugal, no Brasil, ainda são escassos. A maior parte da bibliografia disponível refere-se a estudos com famílias ou casais e não enfoca, especificamente, a coabitação. O único estudo que se refere à coabitação foi desenvolvido por Berquó(1989a, 1989b). Neste estudo, a autora aborda os aspectos demográficos dos novos arranjos familiares e, entre eles, inclui a coabitação. Berquó(1989a, 1989b) refere-se à coabitação como um desses novos arranjos conjugais, entretanto, o enfoque dado ao tema é

essencialmente demográfico. Contudo, a autora chama a atenção para aspectos como, o crescimento da coabitação, a partir da década de 60, e a sua difusão nas classes médias urbanas.

Segundo Berquó, no Brasil a coabitação tem sido assumida como um estilo de vida alternativo para as classes médias dos grandes centros urbanos e tem aumentado bastante desde a década de 60<sup>1</sup>. No passado, este tipo de união estava mais associado aos estratos menos favorecidos da população. Nas classes médias, a coabitação constituía-se, eventualmente, como uma possibilidade, apenas para os descasados, antes da sanção do divórcio, em 1978. Contudo, mesmo após a sanção do divórcio, a coabitação nas classes médias continuou crescendo. E, constituiu-se, também, como uma alternativa de primeira opção conjugal para os segmentos mais jovens da população, nos grandes centros urbanos. Nestes segmentos, a coabitação significou uma ruptura com valores e normas tradicionais, funcionando como uma espécie de "casamento experimental".

Baseados nas afirmações acima, podemos supor que a coabitação no Brasil se constitua de forma semelhante à descrita nos tópicos anteriores. Contudo, os trabalhos sobre o assunto são poucos e não descrevem, em profundidade, as características dessa forma de relação, apenas a situam em um contexto bastante

---

1. A taxa de crescimento da coabitação, segundo os dados de Berquó (1989b), situa-se entre 6,5% do total de uniões em 1960 subindo para aproximadamente 12% em 1980.



amplo. Portanto, não podemos descrever, a partir desses estudos, as características que essa forma de relação assume no Brasil. Podemos afirmar, apenas, que é uma forma de relação conjugal muito difundida atualmente e, que pode funcionar como uma espécie de "casamento experimental" ou como uma opção conjugal. Sendo assim, tentaremos fazer essa caracterização a partir da nossa pesquisa de campo.

Supomos que a coabitação nas classes médias cariocas funciona de forma semelhante ao casamento, mas não sabemos se os que coabitam encaram essa forma de relação como um casamento. Pretendemos, então, descobrir, a partir da pesquisa de campo, como a coabitação é encarada, se esta se constitui ou não como um casamento. E, se o fato de ter, ou não, uma união legalizada traz, ou não, modificações na dinâmica da relação conjugal. Tentaremos traçar um perfil dessa forma de relação conjugal, nas classes médias cariocas, a partir do ponto de vista das mulheres, que coabitam sem vínculos legais e das que são legalmente casadas.

Pretendemos, então, identificar as especificidades da coabitação para esse segmento das classes médias cariocas. E, verificar as características da coabitação quando esta se constitui como a primeira opção conjugal da mulher. Tentaremos verificar como se estabelece o processo de escolha da coabitação e compará-lo com o da escolha pelo casamento. Tentando identificar, assim, as peculiaridades dessas escolhas.

Pretendemos, além disso, explorar e identificar os ideais de conjugalidade em que se apóiam essas opções. E, analisar como essas mulheres estão lidando com essas formas de opção conjugal, principalmente no que se refere à concretização desse ideais de conjugalidade no cotidiano. E, identificar, nesse processo, possíveis diferenças entre a coabitação e o casamento legalizado.

Passaremos a descrever, no capítulo que se segue, a metodologia utilizada na pesquisa de campo em que se fundamenta esta dissertação.

CAPITULO 3

METODOLOGIA

### 3 - METODOLOGIA

#### 3.1 - REFLEXÕES SOBRE METODOLOGIA

Metodologia refere-se, basicamente, aos procedimentos utilizados por um pesquisador para esclarecer suas questões. A metodologia diz respeito à forma de conceber e abordar um objeto de estudos. As peculiaridades de cada estudo residem, em grande parte, na escolha da abordagem metodológica. Esta vai determinar todo o processo de realização da pesquisa.

Numa pesquisa de campo, a escolha de instrumentos adequados para a coleta e análise de dados é um ponto fundamental. A viabilidade da pesquisa depende, significativamente, da capacidade desses instrumentos serem sensíveis às características e especificidades do objeto de estudos. Principalmente, quando se quer apreender aspectos de uma realidade subjetiva como sistemas de valores, motivações, sentimentos, etc. Nesse caso, o instrumento de análise dos dados, deve buscar uma compreensão do objeto de estudos indo além do observável, estabelecendo inferências e atribuindo significados. Enfim, revelando o seu universo de significações.

O processo de realização de uma pesquisa de campo não é desinteressado, neutro. O pesquisador vai a campo interessado em responder a determinadas questões. Ele interage com o seu objeto de estudos, é parte atuante no processo de

pesquisa.

Quando a entrevista é o instrumento de coleta de dados a participação e influência do pesquisador no processo é ainda maior. O pesquisador tem que interagir com a sua fonte de informações, o entrevistado, para ter acesso aos seus dados. Nessa interação, o pesquisador não é neutro, ele vai perguntar, ouvir, conversar, fornecer uma série de pistas verbais e não verbais, para que o sujeito se disponha a falar e lhe forneça os dados necessários para a sua pesquisa. Além disso, o pesquisador vai conduzir, de certa forma, o entrevistado para as questões que ele, previamente, delimitou como relevantes para a compreensão do seu objeto de estudos.

Sendo a pesquisa de campo, basicamente, um processo de interação, é importante que o pesquisador descreva os seus passos nas diversas fases da pesquisa. É, também, necessário que faça uma reflexão sobre a escolha dos seus instrumentos de trabalho. Nesse sentido, gostaríamos de propor que metodologia, neste estudo, seja entendida como uma reflexão sobre os caminhos seguidos pelo pesquisador nas diversas fases do seu trabalho, da proposição à realização da pesquisa (Queiroz, 1991). Assim, neste capítulo, faremos uma reflexão sobre os procedimentos utilizados no nosso estudo de campo, dos objetivos iniciais à análise dos dados.

### 3.1.1 - Os Objetivos Iniciais, o Instrumento de Coleta de Dados e a Delimitação da Amostra

Quando nos propusemos a realizar uma pesquisa de campo sobre opções e ideais de conjugalidade, buscávamos compreender, basicamente, dois aspectos: como se dava a escolha pela coabitação ou pelo casamento e, como o "papel passado" influenciava a forma dos sujeitos se vincularem à sua relação conjugal. Para responder a estas questões, decidimos entrevistar sujeitos que já tivessem vivenciado esse processo e optado pela coabitação ou pelo casamento. Acreditávamos que, a partir do relato de suas experiências, poderíamos apreender os sentimentos, motivações e valores que estivessem subjacentes ao seu comportamento frente à opção conjugal escolhida. Supúnhamos que suas opções conjugais seriam influenciadas, basicamente, pelas suas concepções de casamento e pelo conjunto de valores em que se apoiavam.

Para empreendermos este trabalho, escolhemos como instrumento para a coleta de dados a entrevista. Levamos em consideração nessa escolha as qualidades desse instrumento, que são descritas abaixo por Minayo(1993):

*" O que torna a entrevista instrumento privilegiado de coleta de informações para as ciências sociais é a possibilidade de a fala ser reveladora de condições estruturais, de sistemas de valores, normas e símbolos (sendo ela mesma um deles) e ao mesmo tempo ter a magia de transmitir, através de um porta-voz, as representações de grupos determinados, em condições históricas, sócio-econômicas e culturais específicas."*

*(Minayo, 1983, p. 109,110)*

Dentre os vários tipos de entrevistas existentes optamos por trabalhar com a entrevista com roteiro. Esta apóia-se na elaboração de um roteiro que consiste em itens ou tópicos. Estes, em seu conjunto, refletem as questões do pesquisador e contribuem para o delineamento do objeto de estudos. O roteiro tem como finalidade ser um guia para o pesquisador durante as entrevistas, funciona como um facilitador da conversa.

Na entrevista com roteiro, o entrevistador deixa o entrevistado com um certo grau de liberdade para conduzir o seu discurso. Porém, sempre que o entrevistado se desvia muito dos pontos que interessam ao pesquisador ou, não os aborda espontaneamente, o entrevistador faz intervenções com o objetivo de reconduzir o entrevistado aos assuntos que pretende investigar. Nesse sentido, o entrevistado dispõe de um certo grau de liberdade e iniciativa para conduzir a sua fala mas, fundamentalmente, é o pesquisador que orienta o diálogo.

Pelos fatores descritos acima, consideramos que este instrumento, a entrevista com roteiro, seria o mais adequado para o nosso trabalho pois, nos permitiria entrar em contato com o universo de valores dos sujeitos, captar o seu imaginário, através do seu discurso sobre os temas abordados. Entendemos que a análise da fala dos sujeitos seria a melhor forma de ter acesso aos seus valores e motivações. Esta nos permitiria identificar as coerências, contradições e ambigüidades que envolvem as opções conjugais no casamento e na coabitação.

Concomitantemente à delimitação dos objetivos e do instrumento de coleta de dados, delimitamos a nossa amostra, ou seja, os sujeitos da pesquisa. Definimos que estes deveriam ser mulheres, casadas legalmente ou coabitando sem vínculos legais, de classe média, moradoras da cidade do Rio de Janeiro, na faixa etária de 22 a 36 anos.

No projeto inicial dessa pesquisa, pretendíamos entrevistar os casais. Entretanto, durante a realização de algumas entrevistas-piloto, isso se mostrou bastante complicado, pois os homens, com raras exceções, não se dispunham a participar das entrevistas, alegando sempre outros compromissos. Ao contrário destes, as mulheres mostravam-se sempre muito solícitas e disponíveis. Por esses motivos, decidimos, então, conduzir a pesquisa entrevistando somente mulheres.

O critério utilizado para selecionar a amostra foi o de que as entrevistadas deveriam estar casadas ou coabitando a pelo menos 6 meses e esta deveria ser a sua primeira relação conjugal. Foram consideradas como primeira relação conjugal, também, aquelas em que as entrevistadas coabitaram com seus respectivos cônjuges antes de se casarem legalmente. A legalização destas uniões foi considerada como uma continuidade da mesma relação.

Restringimos a amostra a mulheres vivendo uma primeira relação conjugal, pois acreditamos que os mecanismos



envolvidos na escolha de uma primeira relação conjugal são diferentes dos envolvidos na escolha de uma segunda relação conjugal. Consideramos que o fato de estar vivendo uma primeira relação conjugal suscita algumas questões, e formas de lidar com essas, diferentes das suscitadas por uma segunda relação conjugal. Nesse sentido, a nossa amostra deveria abranger apenas mulheres vivenciando a primeira relação conjugal.

Delimitamos a faixa etária entre 22 e 36 anos pois, consideramos que, nessa faixa etária, é mais comum as pessoas estarem vivendo a sua primeira relação conjugal.

Escolhemos entrevistar mulheres casadas legalmente e mulheres que coabitam com seus parceiros, pois acreditávamos que a análise comparativa dos dois grupos seria mais rica. Tendo como referencial o casamento legalizado, a análise das características da coabitação se tornaria mais clara. Através de uma análise comparativa seria possível identificar a presença ou não de diferenças significativas na estruturação e dinâmica das relações conjugais, bem como o vínculo estabelecido entre o casal.

A classe média foi escolhida, pois o nosso interesse era verificar como a coabitação se constitui nesse segmento. Admitindo que a concepção de casamento, nesse segmento, é a de um "viver junto" com ou sem vínculos legais, gostaríamos de verificar se, de fato, a coabitação era considerada um casamento.

E, se o fato de ter ou não um "papel passado" diferenciava as duas formas de relação, seja na dinâmica, seja no imaginário.

Assim, a partir das delimitações dos objetivos, do instrumento de coleta de dados e dos sujeitos, fomos a campo realizar a pesquisa. As características dos sujeitos da pesquisa e da metodologia utilizada nesse trabalho de campo serão descritas a seguir.

### 3.1.2 - Os Sujeitos da Pesquisa

Os sujeitos desta pesquisa foram 20 mulheres, casadas legalmente e coabitando sem vínculos legais, na faixa etária entre 22 e 36 anos. O perfil sócio-econômico e cultural das entrevistadas era de classe média. Entendemos classe média, aqui, não só como um referencial sócio-econômico mas, também, como um referencial de universo simbólico, de conjunto de valores.

Entre as vinte entrevistadas dessa pesquisa, dez eram casadas legalmente e dez coabitavam com seus parceiros sem vínculos legais. Das entrevistadas casadas legalmente, três haviam coabitado com seus respectivos cônjuges, por um período de mais ou menos 1 ano, antes de se casarem legalmente. Onze entrevistadas tinham filhos: cinco destas coabitavam sem vínculos legais e seis eram legalmente casadas.

As 20 entrevistadas eram brasileiras, de classe média e residentes na cidade do Rio de Janeiro nos seguintes bairros: Cosme Velho (1), Laranjeiras (2), Ipanema (3), Leblon (3), Gávea (1), Alto da Boavista (1), Jardim Botânico (1), Barra da Tijuca (3), Vargem Pequena (1), Tijuca (3), São Cristóvão (1).

Estes bairros foram delimitados da seguinte forma: Inicialmente, no projeto de pesquisa, havíamos delimitado a zona sul do Rio de Janeiro como campo do nosso trabalho. Contudo, pela dificuldade de encontrarmos sujeitos, sobretudo mulheres vivenciando a coabitação como primeira opção conjugal, decidimos ampliar esse universo. Principalmente porque as próprias entrevistadas, moradoras da zona sul, estavam nos indicando conhecidas suas, também, em outros bairros da cidade do Rio de Janeiro.

Ao ampliarmos o nosso universo de pesquisa, para outros bairros do Rio de Janeiro, levamos em consideração, também, que a maioria das entrevistadas, residindo atualmente fora da zona sul, durante a sua adolescência morou nessa região e, possui um *background* sócio-econômico e cultural semelhante. Desta forma, consideramos que o local onde residiam no momento não descaracterizaria a nossa amostra.

Para identificarmos o *background* sócio-econômico e cultural das entrevistadas, privilegiamos a observação de aspectos como: escolas e universidades onde estudaram ou estudam

e, também, a sua atividade profissional.

As entrevistadas estudaram em escolas tradicionais e experimentais e, também, em universidades públicas e/ou particulares. A maioria tinha curso superior completo ou em vias de conclusão e era profissionalmente ativa. As que tinham curso superior incompleto dividiam-se entre as que exerciam alguma atividade profissional, as que não trabalhavam e as que ainda estudavam.

O perfil profissional e educacional das entrevistadas era o seguinte: 12 tinham curso superior completo e eram profissionais: psicólogas (6), jornalistas (2), ceramista (1), advogada (1), engenheiras (2). Uma entrevistada era formada em Letras mas não trabalhava na sua área, estudava, no momento, psicologia. Quatro entrevistadas tinham curso superior incompleto e tinham as seguintes atividades: professora (1), vendedora (1), donas-de-casa (2). Três entrevistadas eram estudantes universitárias das áreas de: publicidade (1) e psicologia (2).

### **3.1.3 - Montagem do Roteiro e Realização das Entrevistas**

Na montagem do roteiro e na realização das entrevistas nos utilizamos dos procedimentos metodológicos descritos por Nicolaci-da Costa(1988).

As entrevistadas foram, inicialmente, recrutadas entre pessoas conhecidas ou indicadas por conhecidos da pesquisadora. Posteriormente, as próprias entrevistadas indicavam pessoas conhecidas para as entrevistas. Esse critério foi utilizado pois, de acordo com Nicolaci-da-Costa(1988), numa entrevista onde seriam abordados aspectos íntimos, sendo a entrevistada uma pessoa próxima ou conhecida de alguém próximo da entrevistadora a possibilidade de ficar mais à vontade para discorrer sobre os tópicos abordados seria maior. Desta forma, a entrevista poderia transcorrer de maneira mais informal, possibilitando uma maior integração entre entrevistada e entrevistadora e, facilitando o processo de entrevista. O que seria fundamental, uma vez que o objetivo da entrevista era a apreensão de aspectos subjetivos.

O primeiro contato entre entrevistada e entrevistadora era feito por telefone. Quando se tratava de pessoas indicadas, por conhecidos ou pelas próprias entrevistadas, pedíamos que, na medida do possível, o primeiro contato fosse feito pela pessoa que indicava. Após constatarmos que havia interesse da entrevistada em participar da pesquisa, ligávamos e marcávamos a entrevista. As entrevistas eram realizadas em hora e local escolhidos pela entrevistada, geralmente sua casa ou local de trabalho. Todas as entrevistas foram gravadas, com o consentimento das entrevistadas, para facilitar a posterior análise. As entrevistas foram realizadas no período de Julho a Novembro de 1993.

Na realização das entrevistas foi utilizado um roteiro com tópicos a serem abordados. Este procedimento foi utilizado pois, de acordo com Nicolaci-da-Costa(1988), um roteiro com tópicos ou itens, ao invés de perguntas já formuladas, além de servir como guia para as entrevistas, permitiria que os assuntos abordados fossem introduzidos seguindo o fluxo da conversa.

Os tópicos do roteiro de entrevistas foram delimitados após a realização de uma pesquisa piloto. A pesquisa piloto teve como objetivos aprofundar o conhecimento do objeto de estudos e auxiliar na formulação de um roteiro de entrevistas definitivo. Durante a pesquisa piloto, foram feitas algumas entrevistas preliminares com o intuito de testar e ajustar o roteiro. Após a realização desse estudo piloto foram delimitados, então, os tópicos do roteiro. Os tópicos continham sub-itens para facilitar o desdobramento da temática a que se referiam. O roteiro de entrevistas com os tópicos e seus sub-itens apresentava-se da seguinte forma:

- AMOR (concepção e importância)
- SEXO (importância, atração, entendimento, satisfação e fidelidade)
- ESCOLHA (parceiro e opção conjugal)
- DIVISÃO DE PAPEIS (feminino/masculino, flexíveis/rígidos, ativo/passivo, divisão de tarefas)
- ROTINA (cotidiano, relação acomodação/mudança)

- RITUAIS E SIMBOLOS (importância, significados social e individual do ritual e dos símbolos)

- ASPECTOS LEGAIS (papel passado: importância, função, valor social/individual, implicações legais/ direitos e bens)

- DINAMICA DA RELAÇÃO (expectativa/projetos, pontos fundamentais relação/parceiro, privacidade/divisão de espaço, pontos que afastam/aproximam, regras, dependência/independência, compromisso afetivo/legal, comunicação)

A escolha desses tópicos foi orientada, basicamente, pela bibliografia lida, pelos objetivos da pesquisa e pelo estudo piloto. A delimitação teve como objetivo abranger as dimensões social, individual e relacional das relações conjugais.

Na realização das entrevistas, a entrevistadora iniciava a conversa com a entrevistada abordando aspectos relacionados ao tipo de educação, ao nível escolar e familiar, que a entrevistada teve; como eram tratados aspectos como sexualidade, religião e casamento, se a entrevistada fez ou não análise ou psicoterapia; e, também, qual o modelo de casamento dos pais em relação à divisão de papéis e estado civil. Essa introdução tinha como objetivos traçar um perfil da entrevistada e descontraí-la para a abordagem dos tópicos seguintes.

A abordagem dos tópicos do roteiro, propriamente dito, era, na maioria das vezes, iniciada pelo tópico amor e era, geralmente, introduzida da seguinte forma. A entrevistadora

perguntava à entrevistada como esta via o amor dentro do namoro, do viver junto e do casamento. A pergunta era formulada na hora para que pudesse soar de forma natural, como numa conversa cotidiana. Assim sendo, a forma que a pergunta adquiria não era sempre a mesma, embora o seu conteúdo fosse preservado.

Ao abordar os tópicos introduzindo as perguntas em relação ao namoro, viver junto e casamento, pretendíamos verificar, além da temática relativa ao tópico, qual a diferenciação que as entrevistadas faziam destes temas nas três formas de relação e, sobretudo, se situavam a coabitação (viver junto) mais próxima do namoro ou do casamento. Embora abordássemos os tópicos introduzindo a pergunta em relação ao namoro, viver junto e casamento, as entrevistadas, no decorrer da entrevista, passavam a referir-se mais à relação conjugal que ao namoro.

Durante a realização das entrevistas, todos os tópicos foram abordados, na maioria das vezes, sem seguir uma ordem pré-estabelecida. Os tópicos podiam emergir em qualquer ordem que preservasse o fluxo da conversa<sup>1</sup>. Aproveitando os ganchos dados pela própria entrevistada, a entrevistadora introduzia os tópicos que não eram abordados espontaneamente pela entrevistada. O objetivo desse procedimento era preservar um clima de informalidade durante a entrevista, deixando a

---

1. Cf. Nicolaci-da-Costa(1988)



entrevistada à vontade para discorrer sobre os temas sem, contudo, desviar-se muito dos tópicos a serem abordados. Tudo foi feito de forma a facilitar a apreensão dos dados.

### 3.1.4 - Procedimentos de Análise dos Dados

A metodologia utilizada para analisar os dados obtidos nessa pesquisa foi a análise do discurso. Análise do discurso é um termo bastante amplo e refere-se, sobretudo, a um campo interdisciplinar. Abarca uma considerável variedade de abordagens teóricas e metodológicas e, inclui várias áreas do saber. Existem várias formas de se proceder uma análise do discurso. E estas variam de acordo com vários fatores tais como, objetivos da análise e área do saber em que se insere aquele que empreende tal análise.<sup>1</sup>

Segundo Nicolaci-da-Costa(1988), existem, basicamente, duas posições predominantes em relação à análise do discurso: uma que é mais próxima do núcleo lingüístico e outra que é mais afastada. No primeiro caso, o objeto de estudos é o próprio sistema lingüístico, suas características, estruturas e funcionamento. No segundo, a análise do discurso é utilizada como uma forma de investigar e obter conhecimento sobre outros aspectos, que não o fenômeno lingüístico. O nosso estudo se

---

1.A esse respeito ver Nicolaci-da-Costa(1988).

insere nessa segunda perspectiva. Pretendemos utilizar a análise do discurso como um instrumento para investigar concepções e comportamentos relativos a opções de conjugalidade. Não nos prenderemos a aspectos lingüísticos, utilizaremos a fala como uma forma de ter acesso a valores e motivações.

Nosso objetivo é inferir, a partir da fala das entrevistadas, o conjunto de valores que fundamenta as suas opções de conjugalidade. Tentaremos construir, a partir disso, os ideais de conjugalidade que embasam estas relações. É, identificar, a partir desse discurso, a forma como lidam, na relação conjugal, com seus sentimentos, suas convicções, suas ambigüidades e seus conflitos.

As categorias centrais que orientam nossa análise são: opções e ideais de conjugalidade. Para identificá-las, no discurso das entrevistadas, delimitamos as seguintes categorias de análise:

- 1 - Opção conjugal
- 2 - Papel Passado
- 3 - Valores
- 4 - Dinâmica da relação

A cada uma dessas categorias de análise corresponde um grupo de itens e sub-itens do roteiro de entrevistas. Os itens e sub-itens do roteiro de entrevistas foram agrupados em uma mesma categoria de acordo com a sua temática semelhante e/ou

complementar.

A categoria Opção Conjugal corresponde à condensação dos itens e sub-itens dos tópicos escolha, rituais e símbolos. A categoria Papel Passado agrega os itens e sub-itens do tópico aspectos legais. A categoria Valores corresponde aos itens e sub-itens dos tópicos amor e sexo e, abrange também os seguintes sub-itens do tópico dinâmica da relação: pontos fundamentais parceiro/ relação, compromisso afetivo/legal e comunicação. A categoria Dinâmica da Relação envolve os itens e sub-itens dos tópicos divisão de papéis e rotina, bem como os seguintes sub-itens do tópico dinâmica da relação: expectativas/ projetos, privacidade/ divisão de espaço, dependência/ independência, pontos que afastam/ aproximam e regras. O desdobramento do tópico dinâmica da relação entre as categorias Valores e Dinâmica da Relação foi decorrente do conteúdo abordado em cada uma das categorias.

Nosso intuito, ao delimitar as categorias Opção Conjugal, Papel Passado, Valores e Dinâmica da Relação, foi condensar os dados obtidos nas entrevistas pela sua representação em categorias mais amplas, de forma que, abrangessem os objetivos da pesquisa e condensassem os tópicos do roteiro de entrevistas. Entendemos que agrupar os itens e sub-itens do roteiro de entrevistas em categorias mais amplas facilitaria a análise do discurso das entrevistadas, pois nos permitiria concentrar, em uma única categoria, vários tópicos e seus respectivos sub-itens com temáticas semelhantes e/ou complementares.

Ao procedermos o agrupamento dos itens do roteiro em uma mesma categoria de análise, consideramos que, sendo os nossos objetivos de pesquisa explorar e caracterizar opções e ideais de conjugalidade tendo como eixo central a questão da legalização ou não da relação conjugal, as 4 categorias delimitadas nos permitiriam organizar o discurso das entrevistadas de forma a construir um quadro de referências mais conciso e direcionado.

Para empreender a análise do discurso das entrevistadas, optamos por transcrever somente os trechos em que estas se referiam, direta ou indiretamente, às 4 categorias de análise. Isso se deu, pois a estruturação das entrevistas dava margem às entrevistadas para abordarem temas não diretamente ligados aos objetivos da pesquisa (a esse respeito ver Nicolaci-da-Costa, 1986). Nesse sentido, selecionar apenas os trechos que se referissem às 4 categorias era imprescindível para a organização e análise dos dados. Mesmo selecionando somente alguns trechos, o volume de falas transcritas é considerável, pois entendemos que ninguém melhor para traduzir as suas vivências, pensamentos e sentimentos que as próprias entrevistadas. Assim, em muitos pontos da análise preferimos dar voz às próprias entrevistadas. Desta forma, preservamos o seu discurso para que, através da leitura de suas falas, pudéssemos resgatar pensamentos, sentimentos e motivações e, a partir disso, compreender as suas escolhas e vivências conjugais. Na transcrição das falas das entrevistadas, tentamos preservar, o mais fielmente possível, as suas características originais tais

como: gírias, erros de concordância, hesitações e ênfases.<sup>1</sup>

Na análise dos trechos selecionados do discurso das entrevistadas, buscamos identificar as afirmações, contradições e ambigüidades que refletem as categorias Opção Conjugal, Papel Passado, Valores e Dinâmica da Relação. Nosso objetivo é identificar as diferenças e semelhanças entre casamento e coabitação através da análise comparativa do discurso das entrevistadas casadas e das que coabitam, buscando inferir, a partir disso, além do comportamento descrito o sistema de valores que está subjacente a esse comportamento.

A partir dessa análise comparativa, tentamos construir um quadro de referências que nos possibilitasse caracterizar os mecanismos de escolha, da coabitação e do casamento, e os ideais de conjugalidade em que se apóiam. De forma a identificar possíveis semelhanças e/ou diferenças nos valores e motivações dessas opções conjugais.

A análise do discurso das entrevistadas será explicitada no próximo capítulo, que se refere à análise dos dados da pesquisa de campo.

---

1. Cf. Nicolaci-da-Costa, 1988

CAPITULO 4

ANALISE DOS DADOS

#### 4 - ANÁLISE DOS DADOS

Como dissemos anteriormente, para emprendermos a análise dos dados selecionamos 4 categorias: Opção Conjugal, Papel Passado, Valores e Dinâmica da Relação. Essas categorias refletem os objetivos da pesquisa e condensam os itens e sub-itens do roteiro de entrevistas.

A categoria Opção Conjugal refere-se a aspectos como: o processo de namoro, a opção pela coabitação, a coabitação antes do casamento, a opção pelo casamento, as motivações e diferenças da legalização ou não da união e, aborda também as ambigüidades através dos símbolos como, o noivado, o uso da aliança e o ritual de casamento. Os itens e sub-itens que compõe a categoria opção conjugal refletem a organização dos dados de acordo com o conteúdo emergente no discurso das entrevistadas. Conteúdo esse que reflete tanto os aspectos recorrentes no discurso de casadas e coabitantes quanto as particularidades de cada um.

A categoria Papel Passado aborda, basicamente, 2 pontos: o imaginário das diferenças entre casamento e coabitação, identificado através de aspectos como, institucionalização, segurança, relação conjugal e cotidiano. E os significados social e individual do papel passado refletem as ambigüidades, confusões e preconceitos velados que os acompanham. As divisões e subdivisões que organizam a análise dos dados nessa categoria

expressam os principais aspectos encontrados no discurso das entrevistadas casadas e coabitantes.

A categoria Valores diz respeito ao ideal de conjugalidade das entrevistadas. Aborda aspectos como: concepção de casamento, compromisso e pontos fundamentais na escolha do parceiro e na relação conjugal. Entre os pontos fundamentais na relação conjugal alguns como, amor, sexo, dinâmica da sexualidade e fidelidade são apresentados em destaque, pois o seu conteúdo é mais extenso e abrangente que os demais pontos, também, considerados fundamentais para a relação conjugal. Os itens e sub-itens dessa categoria destacam os principais aspectos encontrados no discurso de casadas e coabitantes.

A categoria Dinâmica da Relação refere-se à relação conjugal no seu cotidiano e abrange as formas de lidar com o outro e com a convivência cotidiana. Essa categoria envolve dois eixos principais de análise. Um que aborda aspectos inerentes à individualidade/conjugalidade e ao cotidiano, que estão representados através de itens como: diferenças individuais, expectativas e projetos, divisão de espaço e privacidade, dependência e independência e pontos que aproximam e afastam um casal. O outro eixo de análise, nessa categoria, aborda a dinâmica do cotidiano, que está refletida em aspectos como: divisão de papéis (femininos/masculinos, ativos/passivos), regras e rotina. Os itens e sub-itens que compõem os dois eixos de análise da categoria Dinâmica da Relação organizam o discurso das entrevistadas casadas e coabitantes de forma a refletir os



principais pontos abordados em seu discurso.

A análise dos dados, contida nas categorias: Opção Conjugal, Papel Passado, Valores e Dinâmica da Relação, é bastante extensa. Em vários pontos desta análise, o número de falas transcritas é muito grande. Isso porque, em muitos momentos, consideramos que a melhor forma de refletir as vivências, pensamentos, sentimentos e motivações das entrevistadas era, justamente, deixar que falassem por si. Assim, através da transcrição de suas falas pretendemos expressar melhor a análise de suas escolhas e vivências conjugais.

#### 4.1 - CATEGORIA 1 - OPÇÃO CONJUGAL

A categoria opção conjugal refere-se, basicamente, a aspectos como: o processo de namoro, a opção pela coabitação, a coabitação antes do casamento, a opção pelo casamento, os motivos da escolha de legalizar ou não a relação e a ambigüidade através dos símbolos como: o noivado, o uso da aliança e o ritual de casamento.

##### 4.1.1 - O namoro

Pelo discurso das entrevistadas, casadas e coabitantes, pudemos perceber que o processo de namoro nos dois casos foi similar. Principalmente, em relação à intimidade sexual. Nesse aspecto, em ambos os casos, o relacionamento foi bem intenso.

No discurso das entrevistadas, casadas e coabitando sem vínculos legais, foram freqüentes as menções de que, durante o período de namoro era comum o casal viajar junto, passar fins de semana junto, ou dormir um na casa do outro, mesmo quando ainda moravam com os pais. As falas abaixo demonstram bem isso:

" A gente quando namorava(...) depois de um tempo, a gente começou a alugar uma casa fora com uns amigos. (...) A gente viajava toda 6ª feira e voltava toda 2ª feira de manhã. Então a gente já convivia muito em casa, a casa que era da gente, com as coisas que a gente comprava. Então tinha uma vida

assim. As férias a gente passava todas lá.  
Então já tinha um convívio muito grande."  
(Casada)

"Ah, eu e o x a gente já "tava" junto há 3 anos(...) e já tava assim: pegava a roupa botava na mochila e ia pra casa dele; dormia um dia na casa da mãe dele, aí voltava e ele dormia na casa da minha mãe. E ficava nessa... nessa função, né, de carregar a casa nas costas." (Coabitante)

De um modo geral, tanto casadas como coabitantes, vivenciaram o namoro como uma fase de muita convivência. Entretanto, o namoro, de casadas e coabitantes, se diferenciou na intensidade dessa convivência.

No caso das entrevistadas casadas (exceto as que coabitaram antes), durante o período de namoro, a convivência de dormir e acordar junto, na maioria dos casos, restringia-se aos fins de semana ou viagens.

No caso das entrevistadas que coabitam, ou coabitaram antes de casar, essa convivência foi maior e, se intensificou à medida que a relação foi se aprofundando. No namoro das coabitantes, o casal dormia e acordava junto com uma frequência maior. A rotina era a seguinte: O casal passava uma noite junto, depois um dia, depois um fim de semana, ficavam também durante a semana, aí começavam a ter roupas e objetos pessoais na casa do outro. Enfim, cada vez mais iam ocupando um espaço no cotidiano um do outro. Assim, o "viver junto" acontecia

como uma decorrência natural desse processo de convivência e intimidade. Isso fica bem explicitado através dessas falas:

" (...) A gente começou a namorar...meses depois... a gente "tava" numa relação também...é... bem comum. Que é aquela coisa assim... vai dormir na casa do namorado... aí fica o final de semana, começa a ter uma gavetinha...aí daqui a pouco você tem uma parte do armário.(...) Enfim, foi uma coisa assim. Até que a gente fez uma viagem. Quando voltou...a gente foi procurar apartamento."

( Casada - coabitou antes )

" De repente a gente "tava" bem, "tava" junto e "tava" namorando. Ah! tudo bem, quer ficar? Vamos ficar essa noite juntos, amanhã vamos ficar juntos também, daqui a pouco eu já "tô" com a escova de dentes no armário do apartamento dele. Ah! vou levar umas roupinhas também. Ai daqui a pouco a gente já "tava" morando junto." ( Coabitante )

A relação nesta fase, embora haja uma intensa convivência cotidiana, ainda é considerada um namoro. Algumas entrevistadas classificam essa fase como uma espécie de "namoro conjugal" ou um "ensaio do casamento". Esta fase é um pouco diferente da coabitação, propriamente dita, mas é o início do processo. É o amadurecimento desta fase que impulsiona a decisão de ir morar junto. Essa fase ainda não é considerada uma coabitação, ou um casamento, pois não houve, até então, uma definição da relação como tal, não houve uma decisão de ir morar junto. Até esse momento, a intensa convivência está fluindo como um processo, natural, de aprofundamento da relação do namoro. E, teoricamente, cada um mora na sua casa. Os trechos abaixo exemplificam bem essa situação:

"Eu acho engraçado porque até ele...quando as pessoas perguntam: Há quanto tempo vocês estão juntos? Ele coloca sempre o estar junto desde a época em que eu estava na casa da mãe dele...tá...na casa dele. Mas era uma coisa assim...Eu não considero aquilo. Eu considero aquilo ali um ensaio de um casamento. Pra mim casamento foi o dia que eu fui pro meu apartamento. Porque aí sim eu comecei a assumir responsabilidades do que é um casamento(...) Era sem papel(...) Eu sinto que foi um ensaio do que seria um casamento...mas foi um namoro...de viver junto." ( Casada - Coabitou antes )

"(...) a verdade é que a gente fez um estágio desse casamento na medida que a gente namorava mas ficava muito junto. Então acho que a gente pode se conhecer muito na intimidade. E isso é importante como opção pela vida conjugal(...) Acho que sem dúvida, é claro que é diferente, é diferente quando você...começa a viver na sua casa com aquela pessoa. Mas na medida que você já conhece um pouco a pessoa, já conviveu, já viajou com ela, já passou uns tempos com ela, enfim. Você consegue conhecê-la melhor na intimidade, acordando, dormindo, os hábitos e vê se você consegue conviver, realmente, com as dificuldades, com as diferenças que existem entre um e outro(...)" ( Coabitante )

"(...) eu ficava muito na casa dele, às vezes ia passar fim de semana na casa dele, né. Tinha aquela coisa assim de uma relação já meio...que eu já achava muito conjugal e já... E achava que não ia ter tanta diferença, né. E até me assustei que eu achei que...é muito diferente, né...de você dividir tudo mesmo porque...por mais que você... vá, que você tenha um lugar que você deixe suas coisas, que você...esteja praticamente lá, que as pessoas liguem pra casa do outro te procurando. Por mais que você já tenha um namoro meio conjugal...É diferente de você dividir a casa, né...todas as tarefas, todas as contas." ( Coabitante )

Uma opção conjugal, propriamente dita, na coabitação, só ocorre, então, quando o casal se dá conta de que, na prática, já está vivendo junto e, resolve assumir essa situação. A fala abaixo demonstra esse processo:

"Então a gente começou o... a coisa do... do namoro enfim... Mas muito um espaço mais aberto, né. E... e as coisas foram acontecendo muito... é... gradativamente, né. Começou ele indo lá pra casa, a gente se viu morando junto, não foi uma coisa... aconteceu. (...) Ai você vai vendo as suas roupas apertadas no armário... aquela coisa... é tudo ou nada, ou você diz: não quero mais, ou você diz bom agora... (...) Então a gente resolveu se mudar... pra uma opção nossa... e assumir um pouco isso, mas sem festa, sem nada de mais."  
( Coabitante)

#### 4.1.2 - Opção pela Coabitação

O que caracteriza a decisão de coabitar, basicamente, é o desejo de aprofundar a relação, de construir alguma coisa com o outro, ter uma vida em comum e, assumir isso para si mesmo e para os outros.

"A gente namorava já a bastante tempo e tal, e... sei lá... Chegou um...uma vontade mesmo, um desejo de... sei lá... compartilhar as coisas. Até que...na época, eu me lembro bem assim que... pela nossa relação já ter essa...essa coloração meio conjugal, né...Eu já achava muito...ah tô quase lá. Já passava,

teve uma época que eu já passava mais tempo na casa dele que na casa da minha mãe, né...Aí eu falei: vou assumir logo, vou me mudar logo, porque tá muito meio termo.(...) Eu comecei a sentir vontade mesmo, né... de participar daquela casa. Eu comecei a sentir já um movimento da casa meio minha, né... de tá lá...(...) E um desejo da relação mesmo, acho isso, de aprofundar mais, começar a ter planos juntos, a ter projetos juntos, né."  
(Coabitante)

Em alguns casos, a proposta de viver junto pode surgir como uma proposta de casamento. Apoiada na idéia de que não é preciso um "papel" ou um "ritual" para selar a união entre duas pessoas. Como no exemplo abaixo:

"A proposta de não casar e vir a morar junto não casando foi dele. Não foi uma coisa minha, não, não quero casar... foi dele. Foi uma coisa assim, vamos morar juntos... logo de cara não me veio uma coisa assim... quer dizer, a proposta foi feita não no sentido de... vamos experimentar pra ver qual é e, aí se der certo, vamos casar. Não. A proposta de morar junto veio como uma proposta de casamento. Casamento no sentido da palavra... como uma opção conjugal... Quer dizer, a gente não vai morar junto pra ver se dá certo, pra... enfim... pra diminuir a responsabilidade ou o peso no casamento, mas sim como uma opção de que não precisa de um papel pra você oficializar uma união de alguém, tá." (Coabitante)

Propostas explícitas, como a do trecho acima, são minoria, geralmente a opção pela coabitação é vivenciada como um processo gradativo de aprofundamento da relação e, não como uma opção à priori. Ou seja, a noção de que não precisa de um "papel" para selar a união do casal é compartilhada por todos, mas a

coabitação, defendida como uma opção, a priori, não é comum. A opção pela coabitação é, geralmente, um processo gradual e circunstancial. O que não quer dizer que, na prática, não se constitua como uma opção conjugal. Inclusive porque, as entrevistadas que coabitam, se consideram casadas e, referem-se à sua relação como casamento.

A decisão de morar junto é, então, uma decorrência do amadurecimento da relação e do desejo de construir algo mais sólido. Mas, pode ser precipitada, também, por outros fatores tais como: sentimento de estar dividida ou uma gravidez inesperada. Como exemplificam as falas abaixo:

" (...) estava se tornando uma situação inestável porque... Eu tinha roupa aqui no consultório, livros aqui no consultório... Roupa e livros na casa dele... tá? E na minha casa. Então era uma divisão(...) então era uma divisão muito doida, eu falei: vou ficar maluca com essa coisa, né? Alguma coisa tinha que ser definida." (Coabitante)

" Quer dizer... A gente começou a viver junto por acaso. Porque ele morava sozinho... Era muito mais cómodo pra mim... Entendeu? Quer dizer, ficava com ele o tempo todo... Não tinha aquela coisa de ter que ir pra minha casa, não ir pra minha casa. E logo depois eu engravidei... Então, quer dizer isso também foi um fator determinante. Quer dizer, a gente morou junto 4 meses e eu engravidei (...) Quer dizer, eu podia ter voltado depois pra minha casa e não voltei. Quer dizer, aí sim a gente... Até eu senti que... A gente mudou de casa. E aí foi comprar coisas pra casa porque até então era tudo de qualquer jeito... Quer dizer, no meu caso o fator da gravidez foi muito... forte, né?" (Coabitante).



Na coabitação, a decisão de ir morar junto e a comunicação disso, à família e aos amigos, pode ou não ser acompanhada de festa ou ritual de casamento. Neste ponto, o grupo das coabitantes se divide entre aquelas que, fazem um ritual ou uma festa para comunicar a decisão, "oficialmente", à família e aos amigos, e aquelas que, não fazem nada "oficial", apenas comunicam o fato consumado. As falas, a seguir, demonstram isso:

" E aí a gente já tinha alugado o apartamento, já "tavamos" comprando os móveis, então a gente resolveu marcar uma data... E fazer um jantar... né? Chamar os amigos, chamar a família e tal, pra "oficializar", entre aspas, né? Aí comprou uma aliança... Mamãe deu as alianças pra gente, que eu não uso agora, mamãe deu as alianças pra gente... E... Com nomezinho gravado, a data do... Do dia que a gente "tava" casando e tal. E fizemos um jantar super legal lá em casa, né? (...) Ganhamos presente pra caramba, a gente pensou que não ia ganhar nada, ganhamos panela, pratos(...) Tiramos fotografias, enfim. Aí naquele dia que a gente foi... pro apartamento, né, morar lá." (Coabitante)

" Mas não teve aquela coisa assim: Ah vamos... Eu fui indo. Quando eu engravidei, eu já "tava" praticamente morando lá. Eu ia em casa(...) Eu ia lá de vez em quando. Não teve aquela coisa de formalizar o casamento: Dia tal a gente avisa que tá... Entendeu? Morando junto." (Coabitante)

As coabitantes que fizeram um ritual ou uma festa, para comunicar sua decisão à família e aos amigos, consideram isso muito importante. O ritual, a que se referem, não é um ritual religioso ou civil, mas um ritual no sentido mais amplo,

enquanto ato simbólico, algo que marca aquele momento e simboliza a passagem para outra fase da vida. O ritual ou a festa são considerados necessários à internalização da relação conjugal, tanto ao nível social (família e amigos) quanto ao nível individual. Assim, apesar de não se casarem, nos moldes tradicionais (religioso e civil), essas coabitantes, consideraram importante marcar esse momento com um ritual ou uma festa. É uma forma de "oficializar" a união perante o seu grupo social.

" (...) a gente não casou na Igreja, mas a gente fez uma festa(...) fez o convite e tudo(...) fizemos um almoço e chamamos todos os nossos amigos, chamamos a família inteira também. Botamos assim atrás do convite o que era casamento no dicionário(...) no meio do casamento, no meio da... do almoço, eu botei um vestido(...) ele botou uma bermuda e um... uma blusa branca. Botaram uma coroa de flores na minha cabeça, a gente passou por um arco, quebrou copo, todo mundo cantou. Teve um ritual. Esse ritual foi super legal, pra mim valeu a pena porque... Essa coisa também de você casar por casar... As pessoas me ajudaram muito, eu ganhei presente "a beca", viram como se fosse um casamento tradicional. (...) precisava de um ritual "pra" pessoas enxergarem como casados e até a gente mesmo."  
(Coabitante)

As coabitantes que não fizeram ritual ou festa não consideraram esse procedimento importante por várias razões. Algumas acham que não faz sentido fazer algo para comemorar, uma vez que já estão morando juntos. Outras acham que é bom não ter influências de ninguém nessa hora. Assim, a opção de morar junto fica sendo algo só do casal.

" Foi uma coisa totalmente nossa. Eu avisei pra minha família praticamente eu já "tava" morando com ele. Eu fui avisar um mês antes. Cheguei pra eles e disse: Olha, tenho uma coisa pra falar pra vocês: Vou morar com o x. Meu pai deu um ataque, minha mãe ficou felizinha achando que um mês depois eu ia casar(...) alguns amigos também vieram a saber... aquela coisa: Olha estamos... Não foi uma coisa assim comunicada geral. Foi uma coisa muito nossa. (...) Eu acho que isso foi bom por um lado, a gente não teve influência nenhuma no... Não teve... Foi uma coisa nossa, que a gente "tava" apostando." (Coabitante)

#### 4.1.3 - A Coabitação antes do Casamento

No caso das entrevistadas, que coabitaram antes de casar, a escolha pela coabitação não se constituiu uma opção conjugal. A coabitação foi vivenciada, ainda, como uma fase intermediária. Uma forma do casal ficar junto e ver como seria a vida de casados, até estarem seguros, o suficiente, para assumir a decisão de casar, no papel e/ou na Igreja. Assim, a coabitação foi uma solução conciliatória pois, permitiu que o casal vivenciasse o cotidiano de um casamento enquanto refletia sobre a escolha conjugal. A coabitação, nesses casos, funcionou como um período, ainda, de escolhas mútuas. Uma forma de conciliar a insegurança diante de um casamento com o desejo de ficar junto.

" (...) o lance da gente viver junto foi uma coisa muito assim... Eu acho que as coisas pra gente rolam muito assim, né? A gente é... Gosta de ter segurança em relação as coisas que tá fazendo e isso, por exemplo, é uma coisa que na época não... Por exemplo o x não "tava" seguro de que era isso que ele queria... Não queria casar oficialmente. E

isso por um lado também me trazia uma certa insegurança, então... Foi uma forma de... da gente fazer um teste. De como é que aquilo funcionava, né?" (Casada - Coabitou antes)

" A opção de morar junto foi por contingências, foi porque ele morava lá (EUA). Talvez se ele morasse aqui no Brasil a gente teria esperado, casado normalmente como mandava o figurino, como a minha mãe gostaria, né? Eu acho que foram as contingências mesmo, que a gente não "tava" agüentando ficar longe e a opção foi essa, né?" (Casada - Coabitou antes)

A coabitação foi vivenciada, em muitos casos, como um período cheio de sentimentos contraditórios. Ao mesmo tempo em que percebiam a coabitação como uma fase muito boa para o relacionamento, debatiam-se com sentimentos de culpa, por estarem fazendo algo contrário as expectativas familiares e, assim, decepcionando os pais. A opção pelo casamento, nesses casos, foi uma forma de neutralizar a pressão familiar e os sentimentos de culpa, principalmente se havia uma gravidez em curso. O casamento religioso e/ou civil funcionou como um ritual de expiação de culpa e libertação. Ao realizarem um casamento, nos moldes tradicionais, neutralizavam o peso dos anos de "educação para o casamento", e livravam-se das expectativas familiares, considerando-se, a partir de então, livres para conduzirem suas vidas. A decisão de casar foi, então, uma forma de amenizar as expectativas familiares e diminuir a sensação de desconforto, causada por sentimentos de culpa e inadequação.

" (...) eu fui morar junto com o meu marido eu tinha 19 anos, então eu era muito nova, não

tinha essa cabeça que eu tenho hoje, lógico. Então eu me sentia pressionada a fazer isso. Até porque eu fui morar junto com ele em Maio, em Dezembro eu engravidei. Então eu não via a minha mãe... Eu não conseguia ver a minha mãe aceitando eu estar grávida e morando junto, pra ela ia ser o fim da picada. (...) eu acho que a gravidez me fragilizou um pouco(...) eu me senti meio sozinha e também naquela, né? Um pouco culpada, né, por não ter casado de papel passado e tá decepcionando a minha família, né?" (Casada - Coabitou antes)

Existe uma distinção por parte das entrevistadas que coabitaram antes de casar, entre o ritual de casamento tradicional (Civil e Religioso) e o ritual como algo mais significativo, mais afetivo.

O ritual de casamento tradicional é considerado uma obrigação, uma formalidade para satisfazer a família e/ou desfrutar de facilidades sociais. Na maioria das vezes, esse ritual não teve um significado maior no nível afetivo, foi uma mera formalidade, uma vez que o casal já vivia junto e, em alguns casos, até já esperava um filho. Foi somente um ritual de confirmação.

Algumas entrevistadas fizeram um outro ritual de casamento, além do tradicional, que foi considerado por elas mais significativo. As que não fizeram outro ritual afirmam que gostariam de ter feito. Esse ritual seria uma cerimônia onde só o casal celebraria a sua união. E, segundo as entrevistadas, refletiria verdadeiramente o sentimento e a importância do ato de casar-se, pois não seria dirigido pelas convenções sociais, nem

sofreria influências familiares.

" A gente mandou fazer uma aliança, quando eu vi eu(...) botei a data de um primeiro casamento da gente, que a gente considera mais. Foi um casamento quando a gente fez a viagem... a gente passou um mês fora... No Nordeste, e a gente casou numa praia deserta, entendeu? E foi assim super gostoso(...) a gente fez o casamento ali, sozinhos, entendeu? Os dois... Numa praia deserta.(...) Eu acho até engraçado porque aí vem a coisa do social... Porque a família geralmente lembra do dia do casamento, no papel(...) pra gente a gente considera muito mais mais... Esse do papel ficou esquecido(...) quer dizer, não é muito considerado não. A coisa de afetivo foi o primeiro casamento... Foi mais ainda o primeiro casamento, lá nós dois na praia... sem convidados, sem ninguém. Só nós e o sol."  
( Casada - Coabitou antes )

" (...) seria tipo assim... Você... Eu acho que não precisa de mais ninguém... Você vai, você e a outra pessoa... Vai sei lá, pra um lugar assim... Sem ninguém... Pra uma cachoeira... Aí você chega lá, se molha e... "Pô", para pra pensar no que é a relação, entendeu? Ou falando, ou até pensando mesmo. Eu acho que ia ser assim... Uma coisa... O casamento perfeito."( Casada - Coabitou antes)

#### 4.1.4 - A Opção pelo Casamento

A opção conjugal no casamento é impulsionada, também, pelo desejo de aprofundar a relação e construir algo junto com o outro. O que caracteriza, basicamente, a decisão de casar é a percepção de que a relação tem que evoluir para um outro estágio, que não existe mais espaço na relação para um

esquema só de namoro. A opção de casar reflete uma conformidade com os padrões de educação recebidos e, uma ligação forte com esses valores familiares.

" Chegou um ponto da relação em que não tinha, pelo menos assim eu vejo, que não tinha mais muito espaço pra continuar naquele esquema de namoro. Ou a gente... É... Marca... É... Dá um passo mais decisivo ou... Se termina, entendeu? E foi por aí que veio a idéia do casamento, né?" ( Casada )

" Eu, pelo menos, namorei 6 anos e meio, chegou uma hora que era tipo ou a gente casa ou a gente vai fazer outra coisa. É... Ou casa ou separa, porque não..." (Casada)

" Talvez até porque tinha... Por eu ser filha, né, dos meus pais, por ter recebido essa educação, né? Que eles me deram, tinha uma idéia de que realmente eu tinha que casar dessa forma, e que seria melhor assim, entendeu? (...) Eu realmente eu... É... Achei que foi melhor assim... Do que não ter casado dessa forma, né? " ( Casada )

No discurso das entrevistadas que optaram pelo casamento, pudemos perceber que predomina o sentimento de que casamento é alguma coisa importante, para a família e para elas, por uma questão de educação ou religião. A opção pelo casamento é algo claro e delimitado, sendo a única opção possível, pois se apóia em princípios religiosos ou morais.

" É... A opção de casar no papel ou morar junto pra mim é outra coisa muito clara. Como eu fui educada nessa família mais tradicional católica... É... O casamento pra mim sempre foi passado como uma coisa que era natural acontecer na minha vida. (...) quando você casa por mais que você queira assumir um relacionamento só você e seu marido... Você casa com a família também do teu marido e com a tua, né? Não é um casamento só de vocês

dois, né? É melhor que seja um casamento mais harmonioso em termos de uma família maior(...)" ( Casada )

" (...) desde cedo, a gente aprende que casamento, né? Você vai chegar numa determinada idade que você vai casar, entendeu, vai tá bonitinho ali, virgem de preferência, enfim. Então se você às vezes foge um pouco a isso parece que é como se você não tivesse sido aceita. Talvez até por isso que eu tenha casado dessa forma. " ( Casada )

De um modo geral, o casamento religioso é bastante valorizado, por uma questão de ligação com a religião ou, ainda, pela beleza da cerimônia. Contudo, tanto o casamento religioso quanto o civil são considerados importantes como eventos sociais e familiares. Algumas entrevistadas, entretanto, consideram a cerimônia religiosa ou civil algo importante, também, para a relação afetiva do casal. Contudo, na maioria dos casos, o ato de se casar só é considerado importante, pois a família quer ou exige que seja assim..

" Eu quando... Eu quando resolvi casar, a gente casou porque a minha mãe disse que a gente tinha que casar, de papel passado. Se não casasse de papel passado ela não liberava o apartamento dela pra gente morar. Então não tinha outra opção." (Casada)

"(...) a opção de casar, de casar mesmo, era muito mais uma questão de... Tanto pra mim quanto pro x, de uma.. Por ser, por estar tão envolvida com a religião, pode ser meio piegas mas... é como a coisa tá pintando pra mim... A nível de relação afetiva era uma coisa importante ter... Ter uma cerimônia religiosa, né?(...) E, de certa forma agradaria,



principalmente, aos pais dele. Porque também são pessoas... A mãe dele é muito católica. E meu pai e minha mãe... Por serem ateus, tanto faz. Mas tinha uma questão social... Quer dizer, minha primeira filha vai casar, então queriam que fosse um casamento certinho."  
(Casada)

Apesar da cerimônia religiosa e/ou civil ser algo valorizado pela maioria das casadas, existem aquelas que, também, gostariam de ter feito um outro tipo de ritual de casamento. Geralmente, a cerimônia de casamento e a festa sofrem muita influência da família. E, acabam sendo, sempre, algo conciliatório entre o que a família quer e o que os noivos querem. Sofrendo tantas interferências a cerimônia de casamento ou a festa acabam não sendo como as entrevistadas gostariam. Como demonstra o trecho abaixo:

" Eu tinha vontade de ter casado totalmente diferente do que eu casei. Eu me casei na Igreja de véu e grinalda, com aqueles convidados todos, com festa. Eu queria ter feito um casamento diferente... descalça, com tochas, com cachoeira. E a minha mãe achou "over": Imagina! Pra onde é que a gente vai levar essas pessoas e... Foi terrível. (...) Eu acho que é aquela coisa assim(...) aquilo já "tava" meio pré-determinado e, eu não consegui fazer muito diferente." (Casada)

#### 4.1.5 - Legalização ou não da união: Motivações e Diferenças

A opção pela coabitação, na maioria das vezes, não é feita em oposição ao casamento. Ou seja, as coabitantes, de um modo geral, não têm grandes restrições ao casamento, apenas consideram desnecessário um "papel passado" para "legalizar" a união. Assim, a maioria das coabitantes não escolheu a coabitação porque fosse contra o casamento, mas porque a relação se estabeleceu assim. Como mostram as falas abaixo:

" Eu acho assim... Não foi uma opção... É... Não houve na verdade uma opção... No sentido que você opta por um casamento. Não houve uma opção por um não casamento. Eu comecei a namorar e de repente a gente começou a morar junto. E a coisa se estabeleceu assim. Eu acho assim, eu não tenho nenhuma... É... Grande restrição contra o casamento, eu só acho que no meu caso... É... É desnecessário."  
(Coabitante)

" Na verdade a gente não tenta marcar é... Coisas diferentes: Oh, nós somos diferentes porque nós não temos "papel". Na verdade não(...) a gente não tem, por exemplo, não tem nenhuma coisa de: Ah nós temos uma relação aberta, nós resolvemos não casar porque nós... Não. Não foi uma coisa de opção. Foi uma coisa que foi indo e, agora parar pra casar? Sabe? É aquela coisa: Time que "tá" ganhando a gente nunca mexe. (Risos) Então não tem sentido agora casar, né?"  
(Coabitante)

" Não tenho também um preconceito anti: Não, casar no papel não, de jeito nenhum. Foi uma coisa que foi de comum acordo, né? Pras duas partes: "Pô" vai ter o maior trabalho... Pagar juiz... Uma coisa que não tinha importância pra gente, né? (Coabitante)

Entretanto, algumas entrevistadas que coabitam, fizeram a opção pela coabitação mesmo, de forma consciente. Também, não como uma oposição ao casamento, mas como uma opção por uma relação sem a interferência do "papel passado".

" Eu sempre verbalizei é... Não querer casar, papel, não é importante, enfim... E... Isso... E... Foi sendo aceito gradativamente... E até mesmo concebido como uma opção... Gostosa(...) Não tem condição de ser diferente, foi uma opção." (Coabitante)

" Casamento no sentido da palavra... como uma opção conjugal... Quer dizer, a gente não vai morar junto pra ver se dá certo, pra... enfim... pra diminuir a responsabilidade ou o peso no casamento, mas sim como uma opção de que não precisa de um papel pra você oficializar uma união de alguém, tá." (Coabitante)

"(...) a coisa do papel... E... Da escolha de morar junto ao invés do papel... É porque realmente eu não vejo... Eu não dou um valor. Quer dizer, eu não acho que seja diferente, né?" (Coabitante)

A opção pela coabitação passa, também, pela valorização de outros aspectos do casamento. O questionamento principal na hora da opção conjugal não é ter ou não o "papel passado" na relação. E, sim, quais os sentimentos em relação ao parceiro e que tipo de relação iam poder vivenciar.

" O questionamento principal, primordial pra mim, não era o papel ou não... Era porque eu "tava" escolhendo aquela pessoa, entende? O que eu queria com aquela pessoa? Que tipo de

relação que, de repente, ia dar pra estabelecer com aquela pessoa... Né? Quais as dificuldades que, possivelmente, eu encontraria, né? Então, as minhas questões são outras. Isso não é o relevante, entende? Pra mim nunca foi. (...) O que eu considero mais importante são outros aspectos do casamento... E não um papel, entende?" (Coabitante)

Já, a opção das casadas pela legalização, na maioria das vezes, passa por uma não reflexão sobre a possibilidade de escolha de outras formas de opção conjugal. Por um conformismo com o que é socialmente estabelecido, pela noção de que é assim que se casa. Como demonstram as falas abaixo:

" Nós pensamos no casamento, mas também, a gente não parou pra pensar... Vamos casar e pronto. " (Casada)

"(...) eu não tinha idéia, entendeu? Do que era. Ah, Vamos casar? Vamos casar. Tem que ter papel. "Tá" bom vamos assinar o papel." (Casada)

" Eu acho que o civil, ele entra muito mais até a nível legal do que em outra circunstância. Quer dizer, ele não tem nenhum valor... Moral, espiritual(...) Não tem esse simbolismo que pra mim tem a cerimônia religiosa... Mas é aquela coisa, já que estamos... Vamos fazer tudo dentro do normal e, até pra uma questão legal, de garantia tipo... O que era antes de um e do outro continua sendo e, o que "tá" pra frente, no futuro, é dos dois e dos filhos do casal." (Casada)

" Eu particularmente assim... Eu não questionava. Pra mim era tipo tranquilo, vou casar, entendeu?" (Casada)

A escolha do casamento legalizado, pelas casadas, passa, também, por aspectos como facilidades oferecidas pela família e a sociedade.

" Por uma questão muito cômoda também, né? De ganhar as coisas, sabe? De ter uma facilitada pro começo. Porque senão seria inviável... Financeiramente falando." (Casada)

A opção de legalizar a união, por parte das que coabitaram antes de casar, passa por aspectos como tranquilizar a família, aliviar as pressões familiares e/ou para desfrutar de facilidades sociais. Como exemplificam os trechos abaixo:

" Olha, é... De certa forma até um pouco dessa pressão... De família, né? Porque as coisas ficaram muito pesadas, né? (...) E, por outro lado também surgiram algumas questões práticas que... Levaram um pouco a gente a fazer isso, né? Tipo é... Colocar meu marido como dependente meu no meu emprego... Eu ter direito a algumas regalias que ele tinha no emprego dele(...) Então acho que foi uma conjunção dessas duas coisas, né?"  
(Casada - Coabitou antes)

"(...) talvez hoje eu não casasse de papel passado(...) foi uma coisa pra; Oh, "tá" aqui, "tá" casadinho. Foi muito uma coisa pra mostrar, pra tranquilizar mamãe, pra tranquilizar papai de que eu "tô segura."  
(Casada - Coabitou antes)

Já a questão de uma possível legalização da união, por parte das que coabitam, é controversa. A maioria não pensa em legalizar a união, já que não consideram isso significativo. Contudo, algumas admitem legalizar a união somente se existirem razões de ordem prática, tais como, impedimentos ou facilidades

burocráticas.

"(...) eu não tenho assim... Não sinto necessidade, nunca me pediram certidão de casamento pra fazer nada." (Coabitante)

" Se houvesse alguma facilitação legal mesmo. No sentido de... Sei lá... Ou filho, ou viagem, ou ir morar em outro lugar(...) essas coisas assim, eu casaria." (Coabitante)

" Eu só assinaria, eu só vou assinar um papel se for mais facilitador burocraticamente por alguma coisa." (Coabitante)

Algumas poucas consideram que a legalização seria, também, uma forma de confirmar uma união que está dando certo. Outras pensam exatamente o contrário, já que a união está dando certo sem o papel pra que legalizar?

"(...) talvez um dia a gente venha a se casar no papel(...) atualmente na minha vida seria uma forma assim de... É... Como se diz... Homenagear meu casamento... Não... Mas é... Confirmar. Uma espécie de confirmação de um relacionamento que a gente "tá" gostando e que a gente gostaria, então, de confirmar pra gente mesmo, pros filhos talvez, eu não sei... Ainda não "tá" muito... A gente não tem essa coisa muito definida." (Coabitante)

"(...) ele fala muito: "Pô" a gente precisa casar, vamos casar? Eu digo pra ele: Pra que que a gente vai mexer em time que "tá" ganhando (Risos). "Tá" tão bom como "tá", "tá" tão... Tranquilo. Você vê essa necessidade de casar no papel? Pra que?" (Coabitante)

Os filhos podem ou não ser um motivo para legalizar a união. Umam acham que legalizariam se tivessem filhos ou se o fato de não serem casadas prejudicasse da alguma forma estes. Entretanto, a maioria, das que têm filhos, afirma que, não ser legalmente casada não atrapalha em nada os filhos e, questiona se seria realmente importante para os filhos terem pais legalmente casados.

" Honestamente, eu não sei se hoje em dia isso é importante pras crianças, terem pais casados no papel. O que isso muda? Por exemplo, minha filha quando quer... Saber do casamento, eu tenho um álbum com as fotos do meu casamento, tenho um painel aqui no corredor com as fotos(...) Na escola os meus filhos também, até hoje isso nunca pesou."(Coabitante)

" Só se fosse uma coisa... É... desse tipo, entendeu? Quer dizer, por exemplo, se a gente comprasse um apartamento e pra, se a gente quizesse colocar no nome da minha filha a gente tivesse que casar... Ai eu casaria." (Coabitante)

"(...) quando tiver filho, se necessitar por causa de burocracias tudo bem." (Coabitante)

A maioria das coabitantes, entretanto, não sofre, de forma ostensiva, pressões familiares ou sociais para legalizar a união. Entre o casal também não existem pressões para legalizar a união, sobretudo porque a relação se estabeleceu assim de comum acordo. As "pressões", quando detectadas no discurso, são bastante sutis como as brincadeiras do tipo: Quando é que vocês vão casar? Ou mesmo entre o casal com coisas do tipo: A gente podia casar pra ganhar presentes!

"(...) a minha mãe não cobra, a mãe dele não cobra, ninguém cobra(...) Não cobra, né? Brinca assim, fala: Ah, quando é que vocês vão casar? Quando a gente vai a algum casamento assim de amigos(...) Ai você escuta um comentário ou outro, sempre fica aquilo na sua cabeça. Mas não é cobrança... Porque a sociedade fala, né? É aquilo, entendeu? Não te cobra o tempo inteiro mas... Quando pode te lembra, né?" (Coabitante)

" (...) eu nunca me senti assim... É... Cobrada nesse sentido de que... Quer dizer... Nunca senti de ninguém... Assim... Da minha sogra talvez, que é uma pessoa mais conservadora." (Coabitante)

"(...) eu acho que a gente, de vez em quando a gente até brinca: Ah vamos casar(...) mas muito mais de farra do que... Quer dizer, eu não me sinto cobrada disso, entendeu? E muito menos ele.(...) "rola" esse tipo de coisa entendeu? Mas muito mais na brincadeira do que uma necessidade de legalizar, oficializar a história." (Coabitante)

" A gente já pensou várias vezes tipo assim: Ah vamos casar pra gente ganhar uns presentes, pra montar a casa". (Coabitante)

Um outro aspecto interessante, presente no discurso das entrevistadas que coabitam sem vinculos legais, é o que se refere às modificações que a legalização poderia trazer para a relação do casal. Modificações não no nível concreto, burocrático, mas em um nível mais subjetivo, de alteração do vínculo estabelecido entre o casal. Nesse aspecto, as fantasias, presentes no discurso das entrevistadas, referem-se à influência do papel em questões como separação e acomodação. Ou seja, o



temor de que, ao assinar o papel, a relação possa tornar-se acomodada ou, ainda, que modifique tanto o vínculo estabelecido que o casal se separe.

" Eu tenho uma amiga que... Ela casou... Casou assim, juntou. Viveu 1 ano, 2 anos com ele assim e, casou de papel passado. Uns 2 meses depois ela se separou. Aí essa história me impressionou muito, também. (...) Eu não sei até que ponto isso assustou eles, entendeu? Essa coisa de, de repente, você... Se unir legalmente... Perante a lei você vai tá sempre ligado aquela pessoa, enquanto vocês tiverem casados, entendeu? Eu acho que, a princípio, isso não tem problema, na minha situação agora, sem ter compromisso de papel... Não interfere em absolutamente nada. Eu não sei, se um dia eu me casar de papel passado, se vai passar a interferir na minha vida emocional. Eu não sei." (Coabitante)

" Eu teria essa fantasia de que eu estaria mais... Mais amparada, entende? Ao mesmo tempo, acho que isso seria horrível, porque eu ficaria me... Me escorando, sabe? Estaria me acomodando nesse tipo de situação... Talvez, até, em função disso, eu não tivesse... Não estaria lutando tanto pra vencer profissionalmente, pra ser independente, como eu sou hoje, financeiramente." (Coabitante)

" Eu acho que eu não viveria essa coisa de: Ah, agora que eu tô no papel, que eu tô... Que eu assinei um papel, sabe? O relacionamento tá mais tranqüilo, vai ser mais tranqüilo, tô mais segura, entende? É... Eu acho que, também, não pensaria assim: Ah, se eu casar amanhã, legalmente, vai mudar tudo. Não. Talvez, até, mudasse. (...) Mas, eu, também, não sei se isso seria o suficiente pra... Botar tudo a perder." (Coabitante)

" Eu acho que talvez... Não sei, eu não sei se eu carregaria aquele ranço de que... Ah, sabe... Eu casei, aí tem o papel, desfazer..." (Coabitante)

Algumas entrevistadas, no entanto, não consideram que o papel pudesse ter "poder" de modificar a relação estabelecida. Pelo contrário, consideram que teriam a mesma atitude diante da relação se tivessem o "papel passado".

" Eu não sei se, também, papel passado ia mudar muito não, tá? Eu não enxergo... Ele enxerga muito mais isso do que eu, tá? Ele enxerga como uma coisa que pesa. Eu enxergo como uma coisa que... Eu acho que... não pesa. Acho que não aumenta a responsabilidade... Eu me vejo tão responsável... Dentro de... Enfim... De numa briga ter... Não é: Ah, tchau, vou pra casa da minha mãe. Não. Poder... Enfim... Junto tentar... Batalhar mesmo, assim... Uma série de dificuldades. (...) Por isso que eu vejo que, se tivesse um papel, eu também, eu acho, acredito que eu ficaria agindo da mesma forma, né? Batalhando, conversando, enfim. Tendo a mesma... O mesmo compromisso. Eu não me vejo tendo nem menos, nem mais... Sem papel." (Coabitante)

#### 4.1.6 - A Ambigüidade através dos Símbolos: os usos e significados do noivado, da aliança e do ritual de casamento.

Os símbolos, como a aliança, o noivado e o ritual de casamento, tradicionalmente, marcam as várias fases de um relacionamento e, sinalizam o grau de compromisso entre o casal. Contudo, percebemos que, na análise do discurso das entrevistadas que coabitam e, até, das que são legalmente casadas, esses símbolos, muitas vezes, podem ser bastante ambíguos. E, tanto

corresponder aos referenciais tradicionais, sendo assimilados desta mesma forma, também, pelas coabitantes, quanto revestir-se de significados ambiguos, mesmo para as casadas legalmente.

#### 4.1.6.1 - Noivado

O discurso das entrevistadas, casadas e coabitantes, a respeito do significado do noivado é bem parecido. As entrevistadas consideram que o noivado é um período de organização, ou seja, um período onde existe um esforço de ambos para estruturar-se, tanto do ponto de vista financeiro quanto do emocional, para a vida em comum. Esse período, inicia-se quando o casal resolve ter uma vida em comum, ou seja, quando há a conscientização desse desejo e, vai até à efetiva mudança para a mesma casa. O período do noivado pode existir tanto na opção de casar-se legalmente quanto na de coabitar sem vínculos legais, embora não seja, necessariamente, uma fase obrigatória em nenhuma das opções conjugais. O noivado independe da opção conjugal e também não está ligado a uma comunicação formal, para o grupo social, da decisão do casal. O noivado, quando existe, é mais um pacto entre o casal do que um referencial social e, não é muito valorizado nem na coabitação nem no casamento.

" A gente ficou noivo... Assim (risos)... Mas também não teve, não foi uma coisa de... Pros outros não. Foi entre a gente, né? (...) Então, o dia que a gente conversou, que a gente resolveu... Colocar esse plano em prática, a gente ficou noivo. A gente se... Já era diferente do namoro. Porque já tinha esse projeto. Só que até a gente conseguir... As coisas todas, até financeiramente, estruturar as coisas todas pra poder... Fazer a mudança,

né? Demora um tempinho. Aí esse período, foi o período do noivado." (Coabitante)

" Noivado eu sempre achei uma coisa meio boba... Né? Estou noiva! Pra mim, isso sempre foi uma idéia que eu tive... Estar noiva significa estar... Com a data do casamento marcada. Quer dizer, o dia que você resolve... Seja pra morar junto, seja pra casar, o que for... Em geral, você tem um planejamento... Pra mim, ficar noiva é esse sentimento de... Daqui a tanto tempo eu vou tá, realmente, morando na mesma casa com alguém. Principalmente, quando você faz isso oficialmente, né? Tem um dia que você vai... Que muda a sua vida, né?" (Casada)

#### 4.1.6.2 - Uso da Aliança

O uso da aliança na mão direita ou esquerda pode ou não ser uma referência segura na identificação do vínculo entre o casal, principalmente na coabitação. Tradicionalmente, a aliança na mão direita sinalizaria que o casal está noivo e, na mão esquerda que está casado. Entre as entrevistadas que coabitam, isso pode ou não corresponder à real situação do casal.

Na coabitação, os significados atribuídos a esse objeto são muitos. Usar a aliança na mão direita, antes de ir morar junto "oficialmente", como uma forma de expressar esse desejo. E, depois do ritual ou festa que "oficializa" a união trocá-la para a mão esquerda. Usar aliança na mão direita, mesmo morando junto, e considerar a troca para a mão esquerda um ato para o dia do "casamento oficial", na Igreja ou no cartório.

" Quando a gente entrou numa de casar, a gente resolveu ficar noivo. Ai usava a aliança na mão direita... Ele comprou a aliança, tudo bonitinho, ai me deu de presente. Eu achei super bonito e tal. Ai a gente começou a usar... Porque... Já era o desejo, já era a marca desse desejo. (...) Até que a gente juntou as coisas... Ai, lá no dia, a gente colocou a aliança na mão esquerda."

(Coabitante)

" Eu ganhei de dia dos namorados uma aliança... Eu uso, eu ganhei. Eu gostei... E, ele tá usando também. Ai falam pra gente botar aqui (aponta a mão esquerda) porque a gente é casado. Eu boto na outra (aponta a mão direita). Eu não sou casada... Quando eu casar eu boto nessa (aponta a mão esquerda)."

(Coabitante)

As falas acima exemplificam bem a ambigüidade que pode envolver o uso da aliança na coabitação. Nesse caso, o uso da aliança na mão direita tanto pode sinalizar um noivado quanto uma coabitação. A origem dessa ambigüidade está, possivelmente, no conflito gerado pela internalização do uso "adequado", tradicional, desse símbolo e a sua expressão atual. Ou seja, o uso da aliança demonstra o desejo de sinalizar um vínculo mas, ao mesmo tempo, esse símbolo está ligado a uma referência tradicional de casamento e, portanto, não se encaixaria de forma "adequada" num referencial de coabitação. A tentativa de conciliar as duas coisas pode, em alguns casos, gerar um conflito. Em outros não, pois é assimilada, no referencial da coabitação, da mesma forma que no referencial tradicional.

Na coabitação, a presença, ou não, da aliança na mão esquerda, sinalizando um vínculo conjugal, pode, também, não ser

um referencial muito seguro. Nesse caso, a aliança tanto pode ser extremamente valorizada e ser usada de modo contínuo, quanto pode ser totalmente desconsiderada e, seu uso abolido.

" A aliança... Ele me deu uma aliança. Ele comprou, um dia desses, uma aliança dessa pra mim, bonita... E, ele botou uma aliança na mão dele. Então... Eu acho que você pega pedaços assim... A aliança a gente tem sim. Quer dizer, essa aliança pra mim, essa pra ele... Não tem nome gravado mas... É uma aliança nossa, de casamento." (Coabitante)

" Aliança, por exemplo, eu não uso. Nem eu nem ele. Até optamos por não usar e tal. Porque, também, achávamos que não era... Necessário. Quer dizer, não seria isso que prenderia a relação da gente... Tá com a aliança no dedo ou não." (Coabitante)

" Uma época eu pensei da gente comprar um anel qualquer... Igual. E usar. As vezes, eu ponho um anel, só um anel. Na verdade tem um significado... Porque, às vezes, eu pego um anel, mas um anel qualquer... Eu ponho no dedo e fico: Aí, quem sabe alguém vai achar que isso aqui é minha aliança... Mas... Não é nada assim: Oh, não tenho... Na verdade eu fico com vontade de usar um anel. Que eu e ele usemos... Um anel qualquer, não uma aliancinha." (Coabitante)

" Aliança... Olha... Eu não ligo não. Eu acho assim que... Acho bonito as pessoas que usam, entendeu? Eu... É uma coisa que eu nunca, nunca... Eu nunca fiz questão, entendeu? Nem que eu nem que ele... Eu acho que isso é muito pequeno, entende?" (Coabitante)

Os trechos acima demonstram que o significado atribuído ao uso da aliança na coabitação é bastante variado. De um modo geral, o uso da aliança não é algo valorizado, mas

algumas usam de modo contínuo, e a consideram como uma aliança de casamento. A maioria, entretanto, não se identifica com esse símbolo, por considerá-lo desprovido de um significado maior, ou totalmente desnecessário para a manutenção do vínculo entre o casal. Entretanto, algumas demonstram desejo de usá-lo, ora querendo simbolizar um vínculo de casamento ora identificando-o, apenas, como um anel qualquer.

O significado atribuído ao uso da aliança no casamento também é variado. O discurso das entrevistadas, casadas legalmente, demonstra, basicamente, duas posturas em relação ao seu uso. Em uma postura, a aliança é considerada um símbolo significativo, algo que sinaliza a união e mostra para o grupo social que existe um vínculo importante entre o casal. Na outra postura, o uso da aliança não tem importância porque é apenas um símbolo. E, um símbolo que já não agrega esse significado de união, é apenas uma convenção.

" Eu me lembro que o padre, na época, falou... Que, na verdade, a aliança... São dois círculos que se, que se... Entrelaçam, né? Quer dizer, eles não são um só... São dois... São duas pessoas. Quer dizer, não adianta querer, imaginar que serão uma única pessoa... Que não são. São duas pessoas com personalidades, com ambições... Quer dizer... São diferentes, né? Não adianta você tentar fundir numa coisa só, porque não dá certo... Mas, que tão entrelaçadas. E isso, a aliança é meramente um símbolo disso. Mas... Não sei... É uma forma bonita de você... Professar, digamos, isso pra sociedade... Quer dizer, existe alguém do outro lado dessa aliança, né? É uma coisa que tem um valor afetivo bonito."  
(Casada)

" Aliança eu não ligo muito... Mas eu uso..."

Não me incomoda. (...) Eu não ligo muito, tem vezes, até, que eu tiro. Porque, eu acho que não... A aliança é um símbolo, né, não vai mudar em nada." (Casada)

Enquanto, algumas entrevistadas usam a aliança porque gostam e, até, transferem para esse objeto o sentimento de estarem casadas, sentindo-se desconfortáveis quando não o estão usando. Outras usam a aliança, mas não acham algo muito significativo e, até, consideram negativo apegar-se muito a esses símbolos, pois se corre o risco de ficar só vivendo o papel social de casada e esquecer-se do sentido maior da relação conjugal.

" A aliança, eu acho, é uma coisa pra mim, é romântica, é um símbolo... Mas eu acho uma coisa bonita, né? É uma coisa que eu gosto, uso com todo prazer. Fazia questão de dizer... De ter uma aliança grossa... Não quero nada de aliança fininha! Pra mim, ma dá a sensação de uma coisa frágil." (Casada)

" Eu acho que é, de certa forma, uma coisa importante. E... Realmente, eu me sinto meio nua sem a aliança, né? É uma coisa meio engraçada... Mas, realmente, é algo importante. Aparentemente é... Não seria mas, pra mim, é importante. (...) A sensação que eu tenho, caso por alguma razão eu tire, é de que eu tô nua. É um símbolo mesmo... E, eu gosto que o meu marido, também, goste de usar. Gosto de ver que pra ele é importante também." (Casada)

" Quando eu casei, achei lindíssimo botar a aliança no dedo, assim, achei o máximo. Pois é, aí, às vezes, você acaba esquecendo da... Da realidade, aqui do dia a dia, do... Da vivência das coisas e, passa a viver, sabe, o papel, a aliança... Olha que lindo, sou casada, sabe? Tô de aliança no dedo." (Casada)



#### 4.1.6.3 - Ritual de Casamento

Os significados do ritual de casamento, para casadas e coabitantes, passam por aspectos como: comemoração, marco de um momento importante, realização de um sonho e satisfação social.

Os significados de comemoração e marco de um momento importante da vida aparecem juntos no discurso tanto das entrevistadas que coabitam, sem vínculos legais, quanto das casadas. A realização de uma festa, com significado de marcar uma mudança de vida, é comum, também, entre as coabitantes. O fato de não fazerem nenhum tipo de ritual religioso, nem se casarem no civil, não significa que não valorizem o ritual no sentido mais amplo, ou seja, como ato simbólico que marca a passagem para uma outra fase e ajuda na internalização da nova condição.

" A gente fez uma festa, a gente fez um... Foi uma coisa simbólica, um marco. (...) Eu gosto muito de rituais... Apesar de eu... Como eu não tenho nenhuma religião, nenhuma coisa assim... Que marque... Eu crio os meus próprios, né? Eu acho legal, eu acho interessante. Mas, foi uma coisa pra gente. Até tenho vontade de fazer uma festa maior um dia. (...) A gente acabou fazendo uma coisa pequenininha mas... Assim, simbólica mesmo, pra marcar, né? Uma... Acho que uma passagem mesmo, uma nova etapa." (Coabitante)

" Eu acho que é uma coisa assim... É porque, eu acho que é um momento tão importante na sua vida... Acho que é um passo... Tão importante na sua vida, (...) que você quer comemorar... Que você quer tá com pessoas, dividir com pessoas que tão junto de você... Que você tá

alegre, que você tá feliz. Enfim, é mais uma coisa assim de... Não sei... Confraternização? Alguma coisa assim de você comemorar mesmo. Marcar uma data... Pra você comemorar uma coisa que tá sendo... Um passo muito importante na sua vida. Que a coisa não fosse feita assim: Ah, quando eu vi, já tô lá. Não. Que tivesse um caminho, né? Um movimento, uma comemoração." (Coabitante)

" Nós fizemos uma festa aqui. Foi linda. Quer dizer, não teve nenhum ritual religioso, nada, mas foi uma festa. A festa, pra mim, foi uma coisa muito importante, porque foi um momento muito... Feliz meu, né? De uma opção que eu tinha feito, né, pela pessoa com quem eu queria viver e, que eu queria compartilhar isso com os meus amigos." (Coabitante)

" Eu casei no campo, mas com o juiz vindo em casa.(...) Eu achei que foi uma coisa legal pra mim, porque era uma... Era uma comemoração. Casamento é um... É um fato, né? É uma coisa que vai te marcar. É aí, eu chamei os amigos pra comemorar comigo e a família. Foi isso que eu fiz. Foi mais uma comemoração. Não é pela importância... De casar. Eu acho que é pelo fato de você tá casando... Que é um passo na sua vida, é uma mudança... Você vai sair de casa, né, construir uma família." (Casada)

Comparando o discurso de casadas e coabitantes, com relação ao desejo de comemoração do casamento, percebemos que não existem diferenças, em um sentido mais amplo, no significado atribuído a esse ato simbólico. A única diferença é que o ato das casadas tem as implicações tradicionais, de legalização, enquanto que o ato das que coabitam não tem vínculos legais, mas não é muito diferente, na sua expressão, do padrão tradicional.

O ritual de casamento, sobretudo para as casadas, tem, também, a conotação de realização de um sonho, numa visão

romântica do ato.

" Essa coisa do casamento pra mim... Foi outra coisa que... As pessoas... A maior parte das minhas amigas, acho que ninguém casou no papel... Acho que só um ou outro casaram no papel. Então, também, até que seria mais fácil de... Ah, vamos juntar. O X(marido) até falou: pôxa, você acha necessário o casamento? Eu falei: acho. Eu acho que é um sonho... Entendeu? Que eu vou realizar. Então... Eu faço questão." (Casada)

" Eu me sentiria abençoada mesmo que fosse... Eu e ele brindando, que a partir de hoje estamos casados. Eu sei que eu estaria sendo abençoada da mesma forma. Quer dizer, não precisaria, necessariamente, fazer tudo que eu fiz... Mas... Eu acho que tem sempre um sonho, dessa coisa do casamento, da noiva de branco... De existir um romantismo nisso tudo." (Casada)

Uma outra postura diante do ritual de casamento é a que o associa a um ato social, sem maiores significados além de uma satisfação para a família, para o grupo social mais próximo e para a sociedade em geral. Essa visão é compartilhada tanto pelas casadas quanto pelas coabitantes.

" Olha, eu acho que é muito mais uma coisa social... Principalmente hoje em dia, né? Social, de você tá... Não dando uma satisfação, no sentido de que, você deve isso... Mas, de você convidar umas pessoas que você gosta pra participar, né, de um momento legal seu... Do que... Realmente, isso ter um... Uma coisa forte dentro de você: que a partir daquele momento... Entendeu? Porque as coisas, hoje em dia, já acontecem naturalmente... Mesmo antes de você marcar uma data. Não falo só de sexo não, mas de tudo, né? As pessoas acabam indo, até, meio que morar junto antes de casar... E, aí, depois

casam. Não sei... Eu não dou muita importância pra isso. Acho lindo... Adoro ir a casamento, choro, faço tudo que todo mundo faz. Mas, não consigo me ver nessa situação." (Coabitante)

" É uma coisa bonita. De repente, você vem com essa criação: Ah, o casamento... Né? Você vai a vários casamentos durante a sua vida inteira, né? Você vai aqueles trilhões de casamentos, da família inteira... Então, você coloca aquilo na cabeça. Tipo assim: Ah, um dia eu vou casar, entendeu? Mas, você simplesmente vai vendo aquilo, vai vendo e não... Se toca, entende? Tem pessoas que fazem pela família e tem pessoas que fazem por... Por vontade própria, né? Mas, tem muita gente que faz porque: Ah, não. Tem que casar, entendeu?" (Coabitante)

" Eu acho que o casamento civil... Ele tem a importância... Quase que, praticamente, a nível social, né? É... É em termos familiares, em termos... Em termos, até social, de uma forma mais ampla, né? (...) A cerimônia religiosa... Em termos... É uma coisa bonita, né? (...) Eu acho que tem valor se as pessoas pararem pra pensar... No... No que aquilo simboliza, em termos de... Da relação dos dois, né? Mas, eu acho que, também, é uma coisa mais pra fora do que pra dentro... É mais pra família, pros amigos... Pra dizer pra sociedade que tá... Tá fazendo uma... Uma cerimônia. Do que... Eu acho que 90, 95% das pessoas não para pra pensar o que aquela cerimônia significa, em termos íntimos, pra ela e pra outra pessoa, né? É muito mais... É uma satisfação pro externo."

(Casada - Coabitou antes)

## 4.2 - CATEGORIA 2 - PAPEL PASSADO

A categoria papel passado aborda questões relativas ao imaginário das diferenças entre casamento e coabitação e aos significados social e individual do papel passado. O imaginário das diferenças sub-divide-se em: institucionalização, segurança, relação conjugal e cotidiano. E o tópico significados social e individual do papel passado reflete as ambigüidades, confusões e preconceitos velados que os acompanham.

### 4.2.1 - O Imaginário das Diferenças: institucionalização, segurança, relação conjugal e cotidiano

Na visão de casadas e coabitantes, as diferenças entre o casamento com ou sem papel passam por aspectos como: institucionalização, segurança, compromisso, independência, confiança, burocracias.

#### 4.2.1.1 - Institucionalização

No discurso de casadas e coabitantes, o primeiro ponto que chama a atenção é o fato destas atribuírem ao papel o peso de institucionalizar a relação. De acordo com as entrevistadas, ao assinar o papel se ganha um modelo de casamento já pronto, se permite ao social intervir no relacionamento ou, ainda, se corre o risco de apoiar-se nos papéis pré-estabelecidos

e esquecer da relação. Os trechos abaixo demonstram isso:

" (...) o papel, eu acho que ele... Meio que... Se você não conseguir, não souber levar essa coisa do casamento... Ele vira uma instituição. Você tá ali cumprindo um papel social. Você casa, daqui a três dias tão te perguntando quando é que você vai ficar grávida, enfim. Você tá ali perpetuando algo institucionalizado, o sistema, né?" ( Casada )

" (...) quando você casa formalmente, além de você tá junto com alguém, existem uma série de regras que você segue, em função daquilo ser um ato social, né? Quando você assume um casamento, junto com o fato de você tá assumindo que vai ficar junto com alguém, além disso, a reboque, você ganha um modelo pronto.(...) o próprio... fato de você fazer essa declaração pública... Eu acho que implica uma... Uma série de outras que vêm a seguir, entendeu?(...) Você dá uma autorização, eu acho, pro social, né? Pra regular algumas coisas da sua vida, entendeu?" ( Coabitante )

" Eu acho que a instituição do casamento, se você não "tá" muito atento pra isso, mata. Se você entrar numa de casar pra viver papéis mata. Tipo... Você cuida da cozinha e eu do dinheiro, da casa. (...) eu cuido daqui e você cuida dali. Você faz isso e eu faço aquilo, assim, dentro dos papéis, muito rígidos."  
(Casada)

#### 4.2.1.2 - Segurança

Um outro aspecto que aparece no discurso, de casadas e coabitantes, é a questão da segurança que o papel passado traz. A segurança a que se referem pode ser: social, legal, financeira ou, até mesmo, relativa ao compromisso e ao vínculo da relação.

A segurança social pode ser atribuída à

respeitabilidade social. Ainda existe, de forma sutil e velada, principalmente, por parte das pessoas mais conservadoras, a noção de que o casamento é algo mais "respeitável" que o "viver junto". Casar de "papel passado" seria, então, uma forma de ser aceita socialmente como casada. Pois, para os setores mais conservadores, as pessoas consideradas casadas, de fato, ainda seriam aquelas que assinaram um papel. Nesse sentido, haveria uma diferenciação entre casamento com e sem papel.

" Eu acho que mudaria assim... Um... Cabeças, aí vamos usar a palavra tradicional, dentro do que seria uma relação... Ou um casamento, aí sim, de repente as pessoas veem: Não fulano é casado, fulano mora junto."

(Casada - Coabitou antes)

" Eu acho que é ainda por causa daquela coisa de raiz, né? Que o povo traz, aquela coisa de preconceito. Quer dizer, é a amante que não casa, a p... que não casa, entendeu? A mulher que não presta que não casa. Eu acho que isso vai muito por aí. Isso "tá" arraigado(...) Então tem isso, é uma coisa assim muito... Digamos... Marginal. Ainda existe como uma coisa marginal." (Coabitante)

As mulheres que fazem questão de casar no papel são influenciadas pela idéia de que "têm que casar direitinho, como manda o figurino". Essa noção apóia-se mais em influências familiares e sociais do que em necessidades individuais. Pois, aquelas que não são influenciadas por esse tipo de pressões não fazem distinções entre o casamento com ou sem papel.

"(...) eu tenho a impressão de que a maioria das... Mulheres, tá? Fazem questão de casar no papel. Por conta da educação, porque eu acho que a educação da mulher é um pouco essa,

entendeu? De que você tem que casar direitinho... Eu fui influenciada por isso e acho que muitas mulheres são." (Casada)

"(...) foi essa a educação que hoje eu percebo que a minha mãe queria me dar: Eu estou criando as minhas filhas pra casar, pra ter o nome de um homem, né? Que dê segurança, que dê tranqüilidade, que dê uma casa, que dê um lar, né? Ela não precisa trabalhar pra isso, ela vai adquirir com o casamento. Então, se eu não tenho isso no papel passado... Eu não vou ter essa segurança, essa tranqüilidade, o lar, a família, eu deixo de ter tudo isso, mesmo morando junto." (Casada - Coabitou antes)

Essa noção de "casar direitinho" traz embutida, também, um preconceito antigo, mas ainda arraigado. A idéia de que "(...) é a amante que não casa, a p... que não casa... a mulher que não presta que não casa", como disse acima uma entrevistada que coabita.

Um outro fator, relativo à segurança social, seria o fato de que, socialmente existem algumas facilidades, no nível empresarial ou legal, para aqueles que são casados "oficialmente". O papel ainda teria esse "peso social", principalmente no nível burocrático, nas distinções de estado civil.

" Você tem algumas facilidades quando... Tá casado oficialmente. Que, às vezes, não tem quando não tá casado oficialmente. Então, em termos assim... A sociedade é... Valoriza muito essa coisa de casamento civil."

(Casada - Coabitou antes)

Nesse sentido, o "papel passado" daria uma segurança



na relação com o social, na definição do tipo de vínculo que existe entre o casal, expresso pelo estado civil. Apesar de, em alguns casos, já existirem, socialmente, possibilidades de estados alternativos ao solteiro e casado, como por exemplo companheiros ou outros, na maioria dos casos o estado civil ainda causa confusões.

Para a maioria das coabitantes, incomoda bastante ter que colocar no estado civil solteira, pois é uma situação que não corresponde nem à realidade emocional nem à realidade cotidiana. Apesar disso, a maioria afirma que só se casaria no "papel passado" se fosse, realmente, um grande facilitador de ordem prática. Esse aspecto será discutido, de forma mais detalhada, um pouco mais adiante, quando forem analisadas as questões ligadas ao significado social do "papel passado".

Um outro tipo de segurança a que se referem as entrevistadas é a legal ou financeira, no que diz respeito às questões de patrimônio e direitos legais. De acordo com a maioria das entrevistadas casadas, esta seria a única função real do papel passado: estabelecer e garantir direitos e deveres legais, principalmente, para os filhos. Contudo, admitem que, hoje em dia, até essa função do papel é relativa pois, a justiça garante direitos, também, aos que coabitam e aos seus filhos. Portanto, nem nesse sentido, o papel seria tão necessário.

" Eu acho que é muito mais... Acho que realmente é um contrato mesmo. É um contrato que você estipula com alguém.(...) Mas hoje a

legislação já resolve isso. Estar vivendo junto com alguém durante determinado tempo, passa a ter os mesmos direitos legais que se tivesse casado. Quer dizer, nem isso mais é essencial pra garantir." (Casada)

" Eu acho legal o papel pra quando você tem filho, entendeu? Porque entra o problema dos bens aí, porque não são mais seus, você vai passar pro seu filho... Entendeu? E... E... No caso de você... "Tá" vivendo junto, tem um filho, na hora que separa vai cada um pra um canto e o filho "dança" com tudo isso, que é o que acontece muitas vezes, entendeu? Sei lá, na divisão do... Dos bens, aí eu acho que o papel seria importante, né? Se a pessoa for honesta, que a gente nunca sabe... Quando briga um com o outro você vê cada coisa aí, que Deus me livre! É aquela "brigaria" toda, então eu acho que o papel é importante nessa hora. Porque é difícil um casal se separar, entendeu? Em amizade, tudo bem." (Casada)

A questão de resguardar um possível patrimônio, também, aparece no discurso das entrevistadas, que coabitam sem vínculos legais. Só que, não como uma preocupação mas, como uma referência ao discurso das pessoas mais tradicionais.

" Antigamente as pessoas, acho que ligavam mais pra isso de bens, né? De você dividir tudo... Os bens... Você tá, realmente, garantida de todos os lados, entendeu? Tipo assim: a pessoa sempre acha que, de repente, a outra vai sacanear ela, vai... Não vai querer dar nada pra ela, entendeu? (...) Acho que antigamente era mais voltado pra isso. Acho que, hoje em dia, as pessoas já não tão mais voltadas pra isso, entendeu? É cada um por si, sabe? As pessoas tão mais... Mais amigas, né, de repente, nesse setor, por não fazer questão. Porque, eu acho que, muito esse negócio de papel... As pessoas sempre falam isso, sempre falam... Quando você vai falar com uma pessoa, entendeu, mais tradicional e tudo... Você vai falar e: Não, você tem que

casar, porque amanhã ou depois ele te larga, entendeu? Sei lá, depois arranja uma mulher qualquer aí... Ou então arranja... Ou alguma coisa assim... Não vai te deixar nada, entendeu, vai ficar aquela confusão... A outra mulher também vai querer... Sabe? Eu acho que... Deixa pra lá. Eu acho que tem que ser civilizado, né? Acho que gente civilizada não precisa assinar papel pra fazer as coisas, né? Pôxa, a gente sabe que, entendeu, aquilo ali foram os dois que fizeram. A gente sabe de tudo isso, quer dizer, não tem porque... Ficar colocando no juiz, pra dizer aquilo, se cada um tem consciência daquilo, entendeu?"  
(Coabitante)

A importância do papel em caso de separação é controversa, alguns acham que o papel facilita as coisas enquanto outros, acham exatamente o contrário. A maioria das entrevistadas, contudo, não se preocupa com isso pois, considera que existe sempre um acordo tácito entre o casal em relação a isso, principalmente no que diz respeito ao bem estar dos filhos e aos bens adquiridos durante o casamento. As coabitantes consideram, inclusive, que o fato de não serem legalmente casadas demonstra a confiança que um tem no outro.

" Eu acho que se um dia a gente se separar a preocupação maior dos dois vai ser com os filhos, né? Como... Assim, como deixar bem os nossos filhos? Então... É... É nunca me ocorreu, por exemplo, ah se a gente se separar o X pode me sacanear, entendeu? Ou pode deixar de me dar dinheiro pelo fato de... Não tá casado, como é que a gente vai legalizar isso? Não. Quer dizer, eu tenho impressão que... Será tudo uma coisa muito discutida entre os dois, muito conversada e tal.(...) Até hoje não tive essa preocupação material, no sentido de que pudesse prejudicar ou eu ficar prejudicada de alguma maneira por não ser casada com ele. Acho pelo contrário, acho que até o fato da gente não ser casado é... É uma coisa que...

Traduz mais a confiança também de um no outro. Que um não vai querer prejudicar o outro." (Coabitante)

"(...) você "tando" casado ou vivendo junto, no instante que você quer fazer a separação... Você vai separar tudo nos dois casos(...) se você tem um papel passado existe toda uma estrutura social que obriga que isso seja feito. Mas eu acho que se você "tá" vivendo dez anos com uma pessoa e aí construiu coisas junto com essa pessoa, no instante que vocês chegaram a conclusão que não é mais aquilo... Cada um deve pegar a sua parte daquilo e levar.(...) eu acho que cada um deveria proceder tanto com papel como sem papel, no instante que você termina alguma coisa, cada um leva as coisas na medida em que colocou."  
(Casada - Coabitou antes)

As entrevistadas referem-se, também, a uma segurança do papel em relação ao compromisso e ao vínculo entre o casal. Com relação ao compromisso, existe, principalmente por parte das casadas, uma idéia, e de certa forma um preconceito, de que na coabitação o compromisso, com a relação ou entre o casal, é menor ou não é tão sério e, portanto, é mais fácil de se desvencilhar da relação. Para essas entrevistadas coabitar seria:

" uma forma de não assumir um compromisso tão radical logo de cara".

"(...) uma coisa que... Desde que esteja só casado, não tenha filhos, é uma coisa de menos compromisso(...) uma coisa mais fácil de você... Cortar o vínculo."

"(...) Se você gosta daquela pessoa, se você pensa em viver com aquela pessoa pra sempre, por que não legalizar?(...) eu acho que falta algum pontinho a mais pra que elas tenham essa segurança."

Assim, como demonstram as falas acima, o fato de não casar de papel passado sinalizaria, para essas pessoas, que a relação do casal na coabitação não é firme, estável ou séria. É, portanto, que o vínculo entre o casal é mais frágil e a relação pode acabar a qualquer momento. Exceto, quando existem filhos. Nesses casos, a relação seria considerada mais séria, pois os filhos seriam um vínculo mais forte e, de certa forma, conduziriam o casal para uma situação de "maior responsabilidade".

Estaria presente, então, no imaginário dessas pessoas, a idéia de que na coabitação o vínculo seria mais frágil. Isso é, de certa forma, confirmado pelas coabitantes quando se referem à sua relação de forma defensiva. Afirmando o seu compromisso com a relação e, assim, defendendo-se, antecipadamente, dessas "acusações". Como mostram as falas abaixo:

"(...) Eu não vejo o fato de você morar junto, eu não fiz disso assim... Tá... O fato de eu estar morando junto uma coisa mais fácil de eu me desvencilhar..."

"(...) o X veio, conversou com ela(mãe), né? Explicou que não era uma coisa assim... Não era uma aventura, a gente não "tava"... É... Se isentando de nenhuma responsabilidade, mas que era... Não precisava de um papel pra oficializar nada."

"(...) eu me sinto tão compromissada com o meu marido quanto... a minha amiga que assinou o papel."

"(...) eu me sinto muito mais casada, talvez, do que se fosse casada mesmo, legalmente."

" Quer dizer, eu não acho que seja diferente, né? Eu não acho que "tô" menos casada..."

As falas de casadas e coabitantes demonstram, então, que existe ainda, muitas vezes velado, um preconceito com relação à seriedade do compromisso na coabitação e, também, a aceitação da coabitação como uma opção conjugal do mesmo nível do casamento. Assim, a princípio, haveria, sempre, uma dúvida quanto à seriedade da coabitação. E, de um modo geral, as coabitantes têm, sempre, que se esforçar para demonstrar ao seu grupo social próximo que aquela relação não é frágil ou sem compromissos.

" Hoje a minha família inteira... É o marido da Y. Assumiram(...) A família dele também: Ah o X casou, mora no Rio com a esposa dele, né? Rola uma esposa, mulher, um marido. Quer dizer rola um respeito aí... De casal, né?(...) Isso não veio à toa, né? Acho que a gente criou também. Acho que é aquela coisa assim de provar que... São 7 anos, eu acho que mesmo que a gente se separe daqui a um tempo, mas tá provado que não foram 6 meses, nem nada. Hoje ninguém pode dizer: Ah tá vendo? Não deu certo porque não casou." (Coabitante)

A aceitação da coabitação, como uma opção conjugal, pela família das coabitantes varia muito. Algumas aceitam sem grandes problemas, outras já demoram um pouco mais para assimilar essa opção. A aceitação do viver junto, sem a legalização, como um casamento é, então, algo que precisa ser construído, batalhado.

"(...) até mesmo pra... Pra família... Não foi uma coisa fácil mas uma coisa construída e que hoje é... Extremamente... Foi uma coisa meio construída... Pra mim... Como eu sempre verbalizei esse tipo de coisa não quero, não vou... Independente da pessoa que eu estar nessa minha opção de vida(...) então foi uma coisa mais natural. Foi uma coisa mais construída. Hoje eu vejo que... Não foi em vão, né? Aquelas palavras meio rebeldes. (Risos) Porque eles até se acostumaram com isso. E hoje eles até curtem. Então não tem um pouco do... Não tem muita pressão nessa história toda." (Coabitante)

" A única coisa que a minha mãe falou foi: Eu gostaria que vocês casassem(...) mas já que é uma coisa que vocês não tão... Tão optando em não casar, tudo bem... Eu vou fazer tudo que vocês tiverem afim, vou aceitar, mas eu preferia que fosse de outro jeito.(...) Então tinha uma expectativa dela de que ia "rolar" alguma... Alguma coisa oficial." (Coabitante)

De um modo geral, a família associa a ausência do papel passado a um indício de fragilidade na relação, uma falta de firmeza. Por causa disso, muitas vezes existe uma cobrança maior, da família, sobre o relacionamento. Contudo, na maioria dos casos, a família acaba aceitando e respeitando a opção de coabitar. Geralmente os casais que coabitam e tem filhos sentem que a aceitação a relação é maior. É como se os filhos "legalizassem" a relação do casal. Entretanto, a estabilidade da relação também é um fator que ajuda na aceitação da coabitação, como opção conjugal, pois, vendo que o casal é unido e tem uma boa relação a família aceita melhor.

" (...) logo que a y(filha) nasceu, ela(sogra) ficava um pouco agoniada com as amigas, entendeu? Mas depois... Também eu acho que ficou uma coisa... A gente era tão casado que... Passou." (Coabitante)

Quanto à aceitação da coabitação, como um casamento, pelas outras pessoas, o discurso das entrevistadas casadas demonstra que, apesar de, sutilmente, fazerem uma distinção entre a relação conjugal com ou sem papel passado, estas afirmam que a coabitação pode ser considerada um casamento, desde que o casal assuma publicamente a relação como tal. Os trechos abaixo exemplificam isso:

" (...) na medida que as pessoas resolvem morar... Com esse compromisso tão sério quanto o de casar... Seja porque optaram... Por essa decisão, não vejo diferença." (Casada)

" Pra mim é a mesma coisa estar casada ou não tá... Oficialmente. Pra mim desde que você resolva... Vamos nos assumir. Pra mim isso é um casamento. É o que faz a diferença." (Casada)

" Pra mim quem mora junto ou... Ou... Assinando papel ou não assinando papel... Pra mim assumindo essa relação, pra mim tá casado.(...) Quando eu falo assumir é, não só internamente mas, no social. Se eu "tô" vivendo com alguém que me assume e, eu assumo essa relação... É um casamento." (Casada - Coabitou antes)

Enquanto a ausência do papel assinado significaria, para as pessoas que não coabitam, uma fragilidade da relação ou do vínculo conjugal, para as coabitantes significa exatamente o contrário. As coabitantes consideram a ausência do papel um fator muito positivo para a relação, pois é a prova de que o casal está junto porque quer, uma vez que não existe, entre eles, nenhum outro vínculo além do afetivo. Esse fator seria muito estimulante



para a relação pois faria com que o casal não se acomodasse. Uma vez que existindo a possibilidade da relação acabar a qualquer momento, haveria, de ambas as partes, um investimento afetivo maior no relacionamento, embora nem sempre essa possibilidade de acabar a qualquer momento seja verdadeira.

" Eu acho que é mais fácil você não ter o papel. Quer dizer, não mais fácil... Eu acho que dá uma sensação mais tranquila não ter. Eu acho que é uma coisa que... Ao mesmo tempo que você sabe que pode acabar a qualquer momento... E e não ao mesmo tempo, que você tem que... Mas é uma coisa que depende é de você. Não depende de um papel, não depende de um compromisso que você assumiu perante outras pessoas, entendeu? A coisa depende é de mim aqui dentro, né? E de... Eu e ele, não é de mais ninguém." (Coabitante)

"(...) o não papel assinado dá uma certa independência. Mas talvez seja, também, uma independência aparente, não sei se é uma independência verdadeira... Porque você tá casada do mesmo jeito. Dá uma sensação de independência... De você tá com uma pessoa tá... Porque tá mostrando que tá afim de estar. Porque você não é, você não assinou um papel pra estar, você não... Não tem nenhum compromisso assinado, né? Então você está com a pessoa porque realmente está afim." (Coabitante)

Nesse sentido, a "falta de segurança" causada pela ausência do papel, que, a princípio, pode parecer um fator negativo, transforma-se, para as coabitantes, em um fator altamente positivo. Essa posição é, inclusive, confirmada por algumas entrevistadas casadas, que consideram que, de fato, a segurança trazida pelo papel passado pode causar uma certa acomodação no relacionamento, uma sensação de que não é mais

preciso se preocupar e investir na relação, pois esta já estaria segura. Os trechos abaixo exemplificam essa situação:

" Eu acho que a partir do momento que você assina um papel... As pessoas se sentem muito mais... Confortadas e confortáveis ali naquele lugar, naquele espaço(...) eu acho que o papel dá uma segurança, sabe, entre aspas, assim maior que o viver junto.(...) o viver junto, a princípio, não tem nada te segurando, sabe? (...) E o papel, eu acho que ele... Meio que... Se você não conseguir, não souber levar essa coisa do casamento... Ele vira uma instituição(...) É como se aquilo ali já tivesse... Seguro. Não tivesse mais que investir(...) eu tenho a impressão de que o papel ele... Ele marca isso mais... Do que a opção de juntar as coisas." (Casada)

#### 4.2.1.3 - Papel Passado, Relação Conjugal e Cotidiano

Em termos de diferenças, no nível da relação entre o casal e no cotidiano, as entrevistadas consideram que o papel não interfere em nada, não tem nenhum significado. Nesse sentido, não existiriam diferenças, significativas, entre casamento e coabitação pois, na convivência diária, as alegrias e aborrecimentos são os mesmos em ambos os casos. No cotidiano, ninguém se lembra que tem ou não um papel passado.

"(...) pra mim o viver junto é um casamento, entende?(...) Casamento pra mim é isso: É você viver junto, é você "tá" dividindo o dia a dia, você "tá"... Compartilhando coisas boas e coisas ruins, alegrias e sofrimentos e dificuldades, né?" (Coabitante)

" Eu me vejo vivenciando dificuldades que um casamento de papel passado também vivencia, né? Momento que voce "tá" afim de se separar, momentos que você "tá" super unido."

(Coabitante)

"(...) você "tá" partilhando o dia a dia com a pessoa, eu acho que o papel aí você esquece, entendeu? (...) o que vale mesmo é a convivência ali no dia a dia. Se você casa de papel passado ou não, você decidiu morar junto, vai ser a mesma "barra", não tem por onde." (Casada)

"(...) na realidade depois que voce "tá" morando junto todo mundo esquece que você... Não é casada no papel ou que você possa ser casada no papel, entendeu? Não tem muita importância..." (Casada)

Com relação ao amor, as entrevistadas consideram que, também, não haveria diferença, se existe ou não um papel passado legalizando a relação. Para elas, o sentimento que une o casal é o mesmo tanto no casamento como na coabitação.

" Vamos falar de casamento viver juntos, né? Partindo do princípio que a coisa do papel não tem a menor importância. Então... É... Eu acho que só o que alavanca é... Você... Viver junto(...) é a coisa do amor exacerbando".

(Coabitante)

" Viver junto e casamento(...) em termos de amor não faz muita diferença. Isso aí não é uma coisa que mude pelo fato de você ter assinado um papel ou não."

(Casada - Coabitou antes)

"(...) se você resolve viver com alguém... Vive durante algum tempo(...) você cria um laço afetivo tanto quanto no casamento... Então nesse sentido não faz diferença. Você faz as mesmas coisas que um casal faz... Você vive, acorda, dorme do mesmo jeito que um casal... Casado". (Casada)

Portanto, sob o ponto de vista da relação cotidiana e dos sentimentos que unem o casal, as entrevistadas, casadas e coabitantes, consideram que o casamento legalizado e a coabitação são equivalentes. As entrevistadas que coabitam consideram, ainda, que não existe uma maior flexibilidade na relação do casal pela ausência do papel. Entendem que, se existe alguma diferença significativa entre as duas opções conjugais esta refere-se, sobretudo, à relação do casal com o social.

" Eu não acredito que porque mora junto... Você tenha uma... Maior flexibilidade. Você pode ter uma relação de morar junto e ser bastante rígida, entendeu? Eu acho que o que muda é a relação com o social... A relação entre os dois pode ser, até, muito rígida. Pode, inclusive, ser uma coisa... Possessiva, ciumenta, nada disso tá excluído. Pode ser uma... Na fidelidade, por exemplo, eu acho que não muda nada, né? (...) Eu acho que essa coisa não tá muito em jogo. Eu acho que o que tá em jogo é a relação do casal com a sociedade, com o social." (Coabitante)

#### 4.2.2 - Os Significados do Papel Passado: ambigüidades, confusões e preconceitos velados

Outros aspectos interessantes, no que diz respeito ao imaginário das diferenças entre casamento e coabitação, são os significados que o "papel passado" adquire aos níveis social, individual ou relacional.

De acordo com as entrevistadas, casadas e coabitantes, no nível social o papel seria um valor cultural, aquilo que confirma a união e promove uma mudança de status na relação do casal com a sociedade. Seria a forma, legítima, de identificar uma relação de casamento.

"(...) eu tenho impressão... É... Uma coisa assim de status, de segurança(...) essa coisa de legalização do casamento pra mim tem relação com essa coisa de status, né?"  
(Coabitante)

" A questão do papel passado(...) eu acho que isso é até uma questão cultural mesmo(...) as pessoas consideram as pessoas casadas dessa forma." (Casada)

" É um valor social, cultural, é como se a partir... É um marco, é o que confirma a união, o casamento de duas pessoas, pra sociedade e me pergunto se "pro" próprio casal também." (Casada)

A relação das coabitantes com o social, algumas vezes, se torna complicada. Ao mesmo tempo que o fato de não ser legalmente casada, na maioria das vezes, não atrapalha em nada, em alguns casos se torna algo complicado, confuso. Não em termos de empecilhos sociais, de discriminações explícitas, mas no nível de confusões geradas pelo estado civil ser solteira e a realidade de vida ser compartilhada, como mostram as falas a seguir:

"(...) às vezes eu vou preencher alguma coisa... Você é o que? Você é casada ou solteira? Ah eu sou solteira. Mora aonde? Mora sozinha? Não moro com o meu marido (risos)."  
(Coabitante)

"(...) bom solteira no papel mas... Tem um

pouco essa coisa do papel... Você não poder explicar no papel: Olha eu sou casada. Ai, às vezes incomoda muito, incomoda nesse sentido de você... É uma situação de você botar um solteiro que não é verdadeiro." (Coabitante)

"(...) eu já esbarrei em situações(...) situações legais, eu até... Não sei se preconceito, porque eu acho que não existe muito isso hoje em dia, mas... Das pessoas perguntarem... Muito a coisa do sobrenome... Cada um tem um nome aqui em casa, eu tenho um, meu marido tem um e ela tem outro, então... Ficava difícil às vezes, entendeu? Eu sinto que as pessoas ficam mas... Vocês são casados? Não são? Estado civil solteira. Tem filhos? Tem. Sempre fica uma coisa complicada por aí."  
(Coabitante)

Em alguns casos, podem ocorrer situações constrangedoras em decorrência da ambigüidade gerada pelo estado civil. Como demonstra essa fala:

" Uma vez só me incomodou. Uma vez no... No banco... Quando a gente foi lá resolver uma coisa dele, eu "tava" grávida na época... E a gerente me perguntou... Assim: Vocês são casados ou... E aí não... Não completou. Aí eu fiquei quieta e falei: Não agora ela vai completar, né? Aí ela falou: Companheiros. Foi a única vez que eu senti que aquilo me irritou." (Coabitante)

Contudo, a sociedade tem encontrado algumas soluções conciliatórias para essas situações de estado civil. Como mostram os trechos abaixo:

" Só na parte, por exemplo no banco, no banco é que é diferente... No banco tem, na minha ficha tá escrito mulher de fulano, porque... Dentro de todos os... daquelas coisas que você escreve, né? Meu estado civil consta como solteira, né? Eu não sou casada, sou solteira.

então... Ai tem que colocar que eu sou mulher do fulano pra poder então... A coisa não ficar... Pra parte burocrática." (Coabitante)

" Até hoje não me senti assim discriminada em nada. E... A Única hora que me pega... Que eu acho engraçado, é a hora que eu tenho que preencher coisas: Estado civil solteira. Me bate como uma coisa estranha porque... Na verdade é... A gente divide tudo eu e ele, né? Quer dizer, então é... Eu tenho, hoje eu tenho, eu sou dependente dele no plano de saúde, no INPS, ele é meu dependente, né? Como companheiros, né? A gente "tá" junto já há 8 anos, então já... Né?" (Coabitante)

" Você tendo um filho a coisa já praticamente fica legalizada, no sentido de que... Por exemplo, a gente foi entrar de sócio pro(...)(clube), a partir do momento que você tem filho você não precisa comprovar é... Residência. Quer dizer, eu entro automaticamente no título dele. Eu acho que hoje em dia essa situação é tão normal... Que as próprias instituições já têm um... Uma regra pra isso, entendeu?" (Coabitante)

As confusões mais comuns são, então, as geradas pelo estado civil e pela definição da relação socialmente. Ou seja, pela ambigüidade, que, muitas vezes, ocorre quando se quer sinalizar que existe entre o casal uma relação marital mas não legalizada. Buscar uma denominação alternativa às tradicionais, esposo/esposa, marido/mulher, pode tornar-se uma tarefa bastante complicada. Como demonstram os trechos abaixo:

" (...) uma outra tia ficou preocupada como é que... Ela ia apresentar o X pras pessoas. Por exemplo, se eu fosse a um jantar na casa dela, como é que ela ia apresentar o X... Não é marido... Eu falei: Pode ser meu marido. Não, não é marido... Porque ele não é... Como não é

marido? Não. Então o que que eu sou? Mulher? Não. Olha foi um rolo... Eu falei: Olha, beltrano, beltrana, acabou, não precisa apresentar com mais nenhum detalhe. Porque ficou um... "rame rame" ali, entendeu? De como ia apresentar. Ela ficou super preocupada... "Rolou um clima". (Coabitante)

" A mãe dele falou assim: Essa aqui é a esposa do meu... Não a avó falou: Essa aqui é a esposa do X. Aí a tia falou: Essa aqui é a noiva do X. Aí chegou a mãe dele e falou: Essa aqui é a namorada do X. Quer dizer, na hora eu fiquei assim..." (Coabitante)

Um outro aspecto percebido no discurso das entrevistadas, casadas e coabitantes, ainda relativo às confusões sociais, são os preconceitos velados em relação à coabitação. As pessoas, de um modo geral, não assumem abertamente seus preconceitos em relação à coabitação, pelo contrário, na maioria das vezes afirmam que casar no papel ou não é a mesma coisa, mas deixam escapar, sutilmente, frases que revelam o contrário. Como nos trechos abaixo:

" De uma certa forma eu vejo assim... E... Porque as pessoas perguntam, né? Ah você é casada? Sou. Há quanto tempo? Ah sou casada há 7 anos. Ah você casou onde?(Risos) Enfim, já rolou de... Ah casei na Igreja tal... E você casou a onde? Em que Igreja você casou? Não, não casei na Igreja. Ah não? Você é só casada no civil? Não, também não sou (Risos). Então as pessoas: Ah não? Aí ficam assim meio... Ah... Aí surpresas... Ah que legal. Acho que rola uma falsidade aí... Das pessoas às vezes: Ah que legal! Ah realmente papel... Não faz a menor diferença. Mas na hora de casar, casam no papel. Então, eu acho que é uma coisa assim... Eu não sinto ninguém... Não sinto preconceito no sentido de... E... Assim de não ser chamada... Enfim de ser uma coisa assim... "Barrada no baile" por isso (Risos) Tá? Mas eu sinto que as pessoas assim... Se espantam quando você diz que não..." (Coabitante)



" Eu tenho muitos casais amigos que não são casados na Igreja e... E, tal como, de forma formal, mas vivem juntos e se consideram casados. Mas(...) apesar delas viverem junto com seus... Maridos, né? Elas... parecem que no fundo, no fundo, no fundo, elas gostariam de ter se casado tal como é... Gostariam de ter se casado na Igreja, com sabe, com festa, ter casado no papel, tal como a gente reconhece como a forma habitual do casamento, né?(...) aceitam a forma como vivem: Ah tudo bem, amo meu marido, eu fico com ele. Tudo bem, não sou casada no papel nem na Igreja... Mas parece que fica no ar uma coisa assim: Ah eu acho que eu gostaria de ter me casado na Igreja sim, de papel passado e de... Entendeu? Tal como... Porque eu acho que aí é uma questão de aceitação(...) as pessoas consideram um casamento é... Tal como... Como eu "tô" falando, formal mesmo, né?(...) As pessoas consideram as pessoas casadas dessa forma. Se você não... Se você faz uma outra opção, né? Se você é... Casa de uma outra forma... Você até aceita, entende, mas no fundo, no fundo eu acho que fica faltando alguma coisa." (Casada)

Os preconceitos velados se revelam, também, em falas que demonstram um certo descaso com a opção de coabitar. Mais uma vez, considerando a coabitação como uma relação não tão séria quanto o casamento. Como nos exemplos abaixo:

" Até me surpreendi assim, depois que a gente casou... Das pessoas muito perguntarem: Ah, vocês casaram mesmo ou "tão" só morando juntos. Aí eu falei assim: Não, eu casei mesmo. Agora, você "tá" me perguntando se eu assinei um papel ou não assinei? Uma coisa assim meio..." (Coabitante)

" Eu acho que tem pessoas que se resolvem morar junto ótimo. Eu acho que é uma questão de... De... De escolha mesmo.(...) Tem pessoas que escolhem ficar assim, depois resolvem assumir..." (Casada)

" Casamento pra mim é uma união entre duas pessoas que se gostam, que querem ficar juntas, enfim... Eu não vejo porque é... Não recrimino essa outra opção que as pessoas fazem. Porque eu entendo que tem pessoas que... Pra mim pode ser, pode ter sido importante casar na Igreja e tal, né? Pra outras pessoas que tiveram uma outra história, uma outra... Uma outra história mesmo, isso pode não ser tão importante." (Casada)

A ambigüidade que envolve a coabitação, no sentido de ser ou não considerada um casamento, muitas vezes se revela, também, no discurso das coabitantes e, até, no discurso das casadas, quando se referem às coabitantes. Como nos trechos abaixo:

" Eu acho, eu costumo dizer que até esqueço que eu não sou casada com o X no papel. Porque eu me sinto muito mais casada, talvez, do que se fosse casada mesmo, legalmente."  
(Coabitante)

" A gente tem uma relação muito como se fosse casado... Até quando eu falo do X é meu marido, né? Porque tem pessoas que falam: Não, meu companheiro... Não, o X é meu marido. A gente age como se... Na... Né... Tradicionalmente." (Coabitante)

" A gente acaba se tratando como casados. Eu inclusive toda hora: Você é casada? Sou casada. Só quando pede estado civil... Que aí realmente... Me confunde..." (Coabitante)

" Você é casada? E muita gente fala assim: Ah não. Quer dizer, eu moro junto mas não sou casada..." (Casada)

No nível individual, o valor e os significados do "papel passado" variam muito. Mas, é comum atribuírem ao papel o significado de prova de união.

" Eu acho que é como se fosse uma garantia concreta de que a pessoa "tá" fazendo o laço emocional, entendeu?" (Coabitante)

" Talvez é... É como se aquele papel fosse a confirmação daquela união. Embora isso, a gente saiba que na prática não garante nada, né? A gente sabe que... Isso não significa muito... Em termos de perpetuação daquela união. Não é aquele papel que vai garantir que você não vai se separar, né? Mas eu acho que fica uma fantasia de que sim, de que aquele papel é a confirmação, é o símbolo, é a prova concreta de que... Naquele dia fulano e fulana se casaram, né?" (Casada)

A maioria das coabitantes, contudo, não atribui ao papel esse significado de união, pelo contrário, o consideram desprovido de qualquer significado. Para elas, o papel não é necessário para selar ou confirmar uma união.

" Sabe... Não sei, não vejo necessidade do casamento legal... Né? Pra solidificar uma relação." (Coabitante)

"(...) não precisa de um papel pra você oficializar uma união de alguém, tá?"  
(Coabitante)

"(...) ter que assinar um papel... Eu acho que não tem o menor sentido você ter essa interferência." (Coabitante)

" Agora não tem a menor, a menor mesmo, a menor importância pra mim... Casar, quer dizer, ter papel passado... Ter o nome dele. Eu me acho tão casada... Eu me acho tão...

Marido e mulher. A gente leva uma vida tão assim, entendeu? Que eu não consigo me ver de outra maneira." (Coabitante)

A não atribuição de um significado maior ao "papel passado", por parte das que coabitam, passa, também, pela noção de que o papel pode ser um fator de complicação na hora de uma separação.

" A gente não tem essa vontade porque... É... Quer dizer, hoje em dia... Quer dizer, não que eu ache que um dia a gente vá se separar, quer dizer, até pinta crise e tudo mas... Eu acho que isso é uma coisa é... Plausível de acontecer um dia. Então, quer dizer, como não faz diferença pra gente, eu acho que a gente legalizar uma coisa que se a gente quiser... Quer dizer, se separar vai levar, vai ter complicações legais nisso." (Coabitante)

" É um papel, sei lá... É um rótulo, né? Só pesa mesmo na hora de separar... Que aí é um compromisso legal mesmo." (Coabitante)

" Eu acho complicado... Eu acho tão complicado quando você vai separar aí tem o papel." (Coabitante)

Enquanto o papel passado pode ser, na visão das coabitantes, um fator de complicação na hora da separação, para as casadas este seria um importante fator de ponderação.

" Por mais que as pessoas falem: Ah, o papel não quer dizer nada... Mas no fundo quer. Porque no fundo há uma coisa de que... Vocês toparam enfrentar aquele desafio de viver junto, entendeu? É muito mais difícil terminar um casamento com o papel." (Casada)

#### 4.3 - CATEGORIA 3 - VALORES

Essa categoria refere-se ao ideal de conjugalidade e sub-divide-se em: concepção de casamento, compromisso e pontos fundamentais na escolha do parceiro e na relação conjugal. Entre os pontos fundamentais na relação conjugal o amor, o sexo, a dinâmica da sexualidade e a fidelidade são analisados em destaque pois o seu conteúdo é mais extenso que os demais pontos também considerados fundamentais.

##### 4.3.1 - Concepção de Casamento

A partir do discurso das entrevistadas, pudemos perceber que a concepção de casamento que compartilham é permeada por aspectos como liberdade de escolha e amor. Ou seja, o que faz a ligação entre a concepção tradicional de casamento (legalizada) e a coabitação é basicamente o amor, a convivência e a liberdade de escolher o tipo de relação conjugal que se quer viver.

" A questão de casar ou de morar junto ou de viver em casas separadas e tal... Eu acho que é uma questão de personalidade, de maneira de encarar a vida." (Casada)

" Pra mim, morar junto marca muito a coisa do casamento, né? (...) Eu acho que tudo depende do desejo da relação. De como a pessoa se posiciona, do que a pessoa considera, pra ela, né? Tá casada, né? Qual o tipo... Acho que é muito isso... Qual o tipo de relação que tá... Tá se... Propondo mesmo, né?" (Coabitante)

O discurso das entrevistadas sobre casamento abrange tanto a concepção tradicional de casamento (legalizada) quanto à concepção que envolve mais a dimensão relacional do casamento. Contudo, esse discurso demonstra que, muitas vezes, as entrevistadas ficam confusas sobre como definir casamento.

" Mas quando você fala do casamento, é do casamento... Quer dizer, não da convivência do casamento e sim do casamento mesmo? Casamento... Porque pra mim o viver junto é um casamento, entende?" (Coabitante)

" Quando eu falo casamento, eu imagino casamento no sentido formal mesmo, né? Legalizado. Normalmente não me digo casada, né? Porque não foi formalizado, não existe um contrato, nada disso... Casamento tem muito essa idéia de contrato mesmo. O que a palavra me remete é a isso: um contrato formal. (...) Isso é engraçado... Porque a gente nunca conseguiu uma... Uma denominação alternativa pra isso... Em geral, eu digo que eu moro com o meu namorado." (Coabitante)

Essa confusão se dá, basicamente, em função dos aspectos que são privilegiados na sua definição. Quando as entrevistadas privilegiam a questão da relação em si, da convivência, do amor, referem-se a casamento de forma mais ampla, incluindo aí a coabitação. Quando referem-se a casamento no sentido tradicional, privilegiam aspectos que o simbolizem, como a cerimônia, o papel passado e a aliança.

" Olha... Antes de viver essa experiência de ser casada... Sem ser casada legalmente... A minha concepção de casamento era... As pessoas é... Casadas eram aquelas que tinham assinado um papel. Tanto que quando eu e o X decidimos

morar juntos, eu fiz questão de... De ter uma aliança. (...) E com o decorrer do relacionamento, eu percebi que... É... Papel, que aliança, que essas coisas todas... Eram, eram muito mais uma questão simbólica. Não representavam absolutamente nada. O casamento era uma coisa... Era um compromisso interno."  
(Coabitante)

" Eu fui criada dentro de uma concepção tradicional de casamento. Que a mulher deve casar... De véu e grinalda, na Igreja, certo? Embora... Depois de um certo tempo... Eu fui mudando a minha concepção, né? Atualmente eu acho, pelo contrário... Eu acho que atualmente as pessoas devem morar junto pra, depois, ver se dá certo pra casar. Casamento é uma coisa dispendiosa... É uma coisa mais complicada... Insere problemas de justiça, entendeu? Problemas de bens. Você não sabe nem se vai se dar com o outro?" (Casada)

" Casamento é... Quando duas pessoas resolvem dividir várias coisas importantes, né? Por determinado tempo... Ou a vida toda, sei lá? Mas acho que é um momento em que você se propõe a dividir coisas com alguém... A vida, tudo... É um projeto de vida que você passa a ter... De tá com alguém, de dividir com ele as suas expectativas, os seus projetos... O amor, filhos, né?" (Casada)

" A minha concepção de casamento é a de duas pessoas que... Chegam num momento que resolvem... Dividir mesmo todas as coisas, enfim. Né? O dia a dia... Todas as responsabilidades, o espaço mesmo, né? O espaço mais íntimo que seria o da própria casa, que seria o da própria... É... É muito mais, até, dividir também... Quer dizer juntar, é... Aprofundar uma relação amorosa, né? Quer dizer, ter... Isso tudo movido pela coisa do amor mesmo, né?" (Coabitante)

#### 4.3.2 - Compromisso

" Eu acho que é uma questão de sentimento... O que faz você ser casada não é a aliança, não é o papel, é o sentimento, é uma questão interna... É um compromisso que você assume internamente, com você e com o outro... É um compromisso que você assume internamente mas, eu acho que, essa palavra compromisso, de repente, tem uma porção de desdobramentos... É aquela coisa de você tentar respeitar a individualidade do outro, de você tentar ser companheiro, de você tentar ser amigo, conversar. (...) É uma questão interna, não é nada concreto, paupável." (Coabitante)

A noção de compromisso, na relação conjugal, é um aspecto bastante significativo e, está intimamente ligada à concepção de casamento e ao ideal de conjugalidade. A importância atribuída ao compromisso legal e ao afetivo na relação conjugal, bem como a sua definição, é central na identificação tanto da concepção de casamento quanto do ideal de conjugalidade.

Analisando o discurso das entrevistadas, casadas e coabitantes, pudemos perceber que o maior compromisso na relação é mesmo o afetivo. A necessidade ou importância de ter um compromisso legal na relação é considerada secundária, mesmo pelas entrevistadas casadas legalmente.

" Eu acho que o compromisso afetivo é muito mais importante. (...) O compromisso legal é uma coisa que fica muito... É... Eu acho que fica muito assim... Muito no segundo plano se não houver o compromisso afetivo. Quer dizer, o legal, eu acho que ele só vai traduzir, quer dizer, colocar no papel um compromisso que é muito mais interno." (Coabitante)



" O compromisso legal é o de menos. Não existe compromisso legal... Se você quiser separar você separa, não tem compromisso legal. Eu acho que o compromisso afetivo é uma coisa realmente importante, porque você... Investiu naquela pessoa, aquela pessoa investiu em você... Então, você tem um compromisso sim... De ajudá-la, de dar força pra ela, de... De querer ver ela bem, de querer ver ela crescer, de querer ver ela... Sempre bem." (Casada)

" Nesse caso, eu até esqueço, né? De que existe um papel. É engraçado... As vezes parece meio... Contraditório. Porque, ao mesmo tempo que eu digo que é importante porque marca ali, né? É uma confirmação. Por outro lado, eu também esqueço disso, porque nessa hora... Quando eu falo em compromisso não me vem à cabeça isso. Vem o compromisso afetivo. Não vem aquele compromisso formal que nós assinamos no dia do casamento, não me vem à cabeça isso." (Casada)

A não atribuição de um significado maior ao compromisso legal, mesmo por parte das casadas legalmente, demonstra que a influência das convenções sociais, na concepção de casamento e no ideal de conjugalidade dessas entrevistadas, é irrelevante. Contudo, existe, também, por parte das coabitantes, a noção de que o compromisso legal é algo pesado.

" (...) compromisso legal eu acho que é uma coisa tão... Meio pesada, sei lá. (...) Eu acho que eu vivo mais assim... Mais solta, mais... Um namoro mais intenso, vivendo junto, sabe? É um compromisso sem aquela taxaço, sem aquela aliança, sem aquela... Eu acho que o compromisso legal é aquela... É meio pressão, né? Agora você é uma mulher casada!"  
(Coabitante)

Na definição do que é o compromisso na relação conjugal as entrevistadas que coabitam afirmam que é, sobretudo, o desejo de estar com o outro, de dividir as coisas, a vida, de investir afetivamente na relação.

" Compromisso eu acho que é isso, é você tá com a outra pessoa... É você querer tá com ela... É você se propor a fazer alguma coisa junto... É você se propor a dividir a tua vida com aquela pessoa." (Coabitante)

" O compromisso? É a sua disposição pra investir naquilo, entendeu? É você realmente querer. (...) compromisso é isso... É viver junto em todos os sentidos... De querer andar pra frente, de crescer junto, de dar força um pro outro, entendeu? É isso. É uma coisa de... De cumplicidade, de incentivo." (Coabitante)

" Eu acho que o compromisso... É esse... De se manter o respeito, se manter essa abertura, né? Se manter... É... A sinceridade, nesse sentido de... Olha, não sei, tô questionando a nossa relação, tô insatisfeito com isso, isso e isso. Ou então... Olha tá bom... Gosto disso, ou então... Quer dizer, de se deixar claro... Como você tá se relacionando ali dentro, né?" (Coabitante)

As entrevistadas casadas afirmam que o compromisso na relação conjugal é, basicamente, o de buscar ser feliz juntos, de tentar viver bem.

" Eu acho que o compromisso é de ser feliz, sabe? De tá bem. Eu acho que enquanto tá rolando essa coisa toda (...) enquanto tá essa harmonia, essa coisa gostosa da gente querer ficar junto, de sair junto, de se divertir junto, sabe? Enquanto essas coisas boas tão acontecendo... Eu acho que tá valendo a pena." (Casada)

" Eu acho que enquanto a relação... For prazerosa... Não que eu espere que o casamento seja só prazer ou... Mas é... É o compromisso de tentar viver bem, sabe? (...) Eu acho até que a coisa pode estar ruim e a gente fica porque acredita em alguma coisa, né? Mas não em função de um compromisso. (...) Do tem que estar na saúde e na doença, na alegria e na tristeza." (Casada)

" Um compromisso... De buscar a felicidade junto, né? De tá bem, de formar uma família. Isso pra mim é um compromisso. É o compromisso, né?" (Casada - Coabitou antes)

As entrevistadas casadas e as que coabitam concordam em um ponto. O de que o compromisso na relação deve ser o de permanecer junto enquanto a relação é boa, enquanto estar com o outro é prazeroso, enquanto há amor e companheirismo.

" Acho que é o compromisso de viver bem... Tá? Enquanto a relação tá legal."  
(Casada - Coabitou antes)

" Eu acho que o maior compromisso, justamente, é o afetivo, né? Quer dizer, é o compromisso de estar bem com aquela pessoa... Enquanto eu tô bem, também, comigo mesmo. Enquanto aquilo tá sendo bom, tá sendo prazeroso, né? (...) Então, eu acho que o compromisso afetivo passa por aí, passa pelo sentimento, enquanto você... Estar com aquela pessoa te faz bem."  
(Coabitante)

" Compromisso que eu vejo é nesse sentido... De tornar aquela relação... É... Verdadeira. Verdadeira no sentido de ter amor, ter confiança, ter respeito, ter fidelidade, entendeu? O dia que não tiver mais essas coisas então... Não há mais... Então acabou esse compromisso." (Casada)

" Acho que o amor é um compromisso... Que eu acho que é fundamental. (...) Eu acho que no que, no que termina a paixão... Eu acho que aí a coisa fica complicada." (Coabitante)

O compromisso envolve, ainda, outras dimensões como principalmente: sinceridade, fidelidade, respeito e compreensão.

" A sinceridade eu acho que é um compromisso. Eu acho que é uma coisa de eleição... De... De ser o companheiro... Da pessoa que tá do lado. O respeito... Eu acho que esse é um compromisso... Muito forte sim, primordial." (Coabitante)

" Casamento é um compromisso realmente. É um compromisso com a pessoa em... Todos os aspectos. (...) O casamento é um compromisso de você com a outra pessoa... Eu e ele determinamos uma coisa, então, temos um compromisso um com o outro. Tanto na fidelidade, quanto na... Casa, quanto com os filhos, quanto com a gente mesmo." (Coabitante)

" Ah, acho que compromisso tá relacionado a fidelidade, né? Ser fiel um ao outro. E, compreender, respeitar... Tá relacionado com tudo isso. Isso é o compromisso pra mim." (Casada)

#### 4.3.3 - Pontos Fundamentais na escolha do parceiro

Com relação ao ideal de conjugalidade, o discurso das entrevistadas demonstra que, com relação à escolha do parceiro, estas privilegiaram, em maior ou menor grau, aspectos

como a compatibilidade sexual, afetiva, intelectual e, também, a compatibilidade nos ideais e projetos de vida.

Entre os aspectos fundamentais, citados acima, a compatibilidade sexual ocupa um lugar de destaque, principalmente para as entrevistadas que coabitam. Como demonstram os trechos abaixo:

" Pra mim, acho que o parceiro afetivo inclui... O parceiro sexual. Você tá escolhendo por quê? Né? Por que essa escolha? Você escolhe principalmente, pra mim, por causa, também, por causa da sexualidade. Quer dizer, você... Se você não tiver... Se ele tiver todos os outros quesitos, né? Que é a compatibilidade intelectual, que é a troca afetiva, o carinho e, os interesses, os projetos, enfim. Se as outras coisas forem compatíveis e a sexualidade não... É um bom amigo, é um bom companheiro de trabalho, é um bom... Né? Vira irmão, amigão e tal, mas não... Não vai virar um parceiro, não vai virar um namorado... Um amante, um marido, ou seja lá qual for a relação afetiva, né? E, eu acho que quando todos esses quesitos se preenchem e o sexual também, aí vira marido. A minha escolha é por aí." (Coabitante)

" No namoro... Quer dizer, em algum momento você... É... Você pode ter uma relação, ou algumas relações, com determinada pessoa... E ver que realmente não é por ali. Quer dizer, que a pessoa não te inspira tanto, não é tão legal, você não curte tanto... Ou, às vezes, até curte esse lado da pessoa mas, em compensação, levantou dali a pessoa não é sua companheira, não é... Então eu acho que essas coisas te dão bem a dimensão, e nisso a relação sexual ajuda muito, pra ver... Se realmente é aquela pessoa com quem você pode dividir uma vida, né? Que se propõe a dividir uma vida. Ainda que não seja pro resto da vida, mas enfim... Eu acho que no momento que você vai viver junto, você vai querendo que seja, né? Que dure de fato." (coabitante)

Outros aspectos privilegiados pelas entrevistadas, que coabitam sem vínculos legais, são o amor, a atração e a compatibilidade de pensamentos, ideais e projetos de vida.

" A escolha do parceiro é muito aquela pessoa que a gente se identifica, que tem coisas parecidas com a gente. (...) o modo de pensar parecido com o meu... O modo de... De batalhar a vida. (...) o mesmo ideal, a mesma vontade de brigar, como a minha, então... E, além disso, era uma pessoa... Era uma pessoa que na época eu considerava muito bonita, charmosa, me dava é... Me dava essa coisa quente, né? De olhar, de querer. Então eu acho que tem tudo a ver... Tem o lado bonito, o lado de você desejar, mas, também, tem que ter um lado assim, pra mim, um pouco do modo de pensar também." (Coabitante)

" Eu acho que primeiro em função do sentimento, né? Da vontade de tá junto com o outro, da atração. Da atração física, da atração sexual, acho que a coisa começa por aí e... E, né? For um entendimento de cabeça mesmo, de maneira de ser e essa coisa toda." (Coabitante)

" Eu acho que é um misto de tudo: de atração, com segurança, com... Com amor, quer dizer, aquela coisa do gostar. (...) essa coisa de querer construir, sabe? Esse sentimento eu tive, entendeu? De querer ficar junto e construir alguma coisa, não no sentido material... Não sei... De ser mais sólido, entendeu?" (Coabitante)

As entrevistadas casadas privilegiaram, na escolha de seus parceiros, além de aspectos como: amor, atração, compatibilidade de pensamentos e ideais de vida, outros como companheirismo e respeito.

" Encontrei uma pessoa que eu amo, que tem mais ou menos os mesmos ideais de vida que a gente tem... Tem um caminho a seguir, tem uma coisa pra... Então a gente pode casar. Foi uma tentativa de unir isso tudo." (Casada)

" (...) é uma coisa que não passa pelo lado racional, realmente aí... E nem só pela atração física, realmente até... às vezes você acha uma pessoa interessante, atraente e, no primeiro bate papo aquilo vai embora, desmancha tudo. Pelo menos pra mim sempre teve que combinar uma série de coisas. (...) pra uma escolha conjugal, acho que realmente passa a ser a coisa do amor... Amor, pra mim, inclui tudo isso: um companheirismo, uma vontade de tá junto, uma vontade de crescer junto." (Casada)

" Eu tenho coisas que pra mim foram importantes na escolha de um parceiro. (...) Eu acho que as pessoas têm que ser pessoas que se respeitem, acima de tudo. Eu acho que o respeito é uma coisa fundamental numa relação. Você respeitar o outro em todos os sentidos. (...) Eu acho que tem que ter um respeito. Então eu acho que eu sempre procurei uma pessoa que fosse, talvez, uma pessoa, assim, que tivesse um respeito por isso. (...) Eu acho que uma coisa muito importante... Uma pessoa companheira, que te ajude, que te auxilie, que não seja machista. (...) que tivesse mais ou menos o mesmo pensamento em relação as coisas... Em relação à moral, em relação à... A hábitos." (Casada)

" Tem que ter a coisa do amor... O respeito é fundamental. A admiração pelo outro. Ser uma pessoa correta, uma pessoa inteligente, de valor. E uma coisa fraternal, também, né? (...) pra mim, acho que seria muito difícil eu me casar com uma pessoa que não fosse batalhadora, sabe?" (Casada)

#### 4.3.4 - Pontos Fundamentais na Relação Conjugal

No que diz respeito aos pontos fundamentais de uma relação conjugal, o discurso das entrevistadas, casadas e coabitantes, demonstra que os aspectos considerados fundamentais são: o amor, o respeito, o sexo, a compreensão, o companheirismo, a cumplicidade, os interesses em comum e a comunicação. Estes aspectos formariam a base na qual se apóia a relação conjugal. Os trechos abaixo exemplificam isso:

" Claro que gostar da pessoa, em primeiro lugar. (...) Em segundo lugar, eu acho que você tem que respeitar o outro. E... Respeitar o outro como pessoa, né? De uma maneira geral mesmo. (...) Eu acho que o mais importante é o amor. Se você ama e respeita, o resto tudo vem depois, normalmente." (Casada)

" Amor... Em todas as suas... E... É o amor que eu digo assim de... Compreensão, de amizade e amor sexual, né? Quando eu falo amor... É em todas as suas dimensões. (...) Eu acho que inclui tudo, de certa forma. Eu ia dizer, também, respeito, mas... Até que ponto respeito também não é uma forma de amor, né?" (Casada)

" Eu acho que a relação de duas pessoas... Tem um lado de amor, amor assim como ser humano, né? (...) Tem um lado físico, né? Eu acho que o sexo é um outro lado importante. E acho que existe um lado de... Compreensão das pessoas, que não é exatamente amor, é uma coisa de... De... Estar disposto a enxergar um pouco como o outro enxerga, como o outro é, entendeu?" (Casada - Coabitou antes)

" Pra começar o amor, né? O sentimento de um pelo outro. Depois a compreensão, quer dizer, inclusive a compreensão de que o outro é diferente de você e, não tentar transformar o



outro naquilo que você gostaria que fosse. Que essa é uma confusão que, às vezes, a gente faz muito, né? Ver que você gosta da pessoa como ela é, que tem coisas inclusive que você não gosta, que tem coisas que são diferentes mas que, enfim... Você aprende a lidar com isso e aprende a compreender o outro." (Coabitante)

" Amor, acho que tem que ter. Respeito... O respeito no sentido mais amplo, né? Verdade... Cumplicidade... Compreensão. (...) Sexo, né? Eu acho importante, né? Você ter uma vida sexual legal, né? Que você possa ter prazer e o outro também. Isso é importante, prazer, né? Prazer em todos os sentidos." (Coabitante)

" Eu acho que é... É fundamental a coisa do amor, né? Da atração física... E da amizade, do companheirismo. Eu acho isso básico." (Coabitante)

Respeitar as diferenças e compreender o outro são, pontos fundamentais. Compreender o universo do outro e respeitar a sua individualidade é uma preocupação constante das entrevistadas, sobretudo, das que coabitam sem vínculos legais.

" (...) uma coisa que, às vezes... Que eu ainda batalho muito... que é essa coisa de você tentar entender o outro. Eu tenho essa dificuldade, às vezes, é aquela coisa que... As vezes, a gente fica meio egocentrado, a gente não consegue ver e... Então, lidar com o universo do outro, eu acho muito complicado e... Difícil. Eu acho que é fundamental você lidar com o outro, não querer fazer do outro igual a você. Ficar o tempo todo tentando impor padrões. Respeitar as diferenças, principalmente." (Coabitante)

" Eu acho que... Que... É um dos pontos fundamentais a compreensão de um com o outro. A paciência de um com o outro mesmo. De que o ser humano é complicado, de que a gente tem mil dúvidas, que tem mil conflitos. Hora você tá bem, hora você tá mal. E, você precisa contar com a solidariedade do outro, eu acho,

acima de tudo, com aquele companheirismo do outro." (Coabitante)

Outro aspecto considerado importante são os interesses em comum. Os interesses em comum são fundamentais pois, aprofundam a relação e estreitam os laços entre o casal.

" Pra mim essa afinidade é fundamental... Essa afinidade com os meus valores pessoais e com as minhas expectativas mesmo. Ter várias coisas que eu acho que são compatíveis e que mantêm, que aprofundam a relação e, que tornam possíveis... Dela ser um casamento. Projetos de vida mesmo." (Coabitante)

" As coisas em comum são fundamentais pro relacionamento. Eu acho muito difícil os casamentos assim que cada um tem uma vida totalmente... Né... A não ser... Quer dizer, filhos, às vezes, é um projeto comum. (...) Mas eu acho fundamental essa coisa de você construir junto. Construir junto uma casa, construir junto um projeto, ter planos. Por mais que cada um tenha uma vida profissional distinta... A gente, o tempo inteiro, pensa em coisas que juntem isso. Que a gente possa tá caminhando junto. Eu acho isso fundamental." (Coabitante)

A comunicação é considerada, também, um ponto fundamental no relacionamento, tanto na coabitação quanto no casamento. As entrevistadas entendem que, a comunicação é essencial pois, é o que faz o intercâmbio entre os sentimentos, os desejos, os valores e os pensamentos de cada um e, possibilita uma troca maior entre o casal. É, principalmente, através da comunicação que a convivência se torna possível. Nesse sentido, é fundamental manter, na relação, uma disponibilidade constante para o diálogo.

" Eu acho muito importante voce dizer o que sente, o que você tá querendo, o que você espera, o que tá bom, o que tá ruim. Eu acho que o relacionamento, pra dar certo, você tem que falar o que você tá sentindo. Senão, como é que você vai saber se a outra pessoa tá bem? Se não tá? Como é que você vai balançar seu relacionamento? Ver se pode mudar em alguma coisa. Acho que tem que ser falado." (Casada)

" Diálogo, eu acho que é essencial. O olhar, olho no olho e dizer: Olha, é isso que tá pegando. Conversar... De um modo geral, e não só quando alguma coisa tá pegando... É uma forma das pessoas se manterem atualizadas, de serem companheiras, de manterem esse caminho, mais ou menos, na mesma direção. (...) Essa troca de experiência é o que enriquece um casamento, um relacionamento. Que, eu acho que, é o essencial pra uma coisa funcionar desde o primeiro momento... Desde o primeiro estágio, desde o namoro." (Casada)

" Ah, eu acho importantíssimo. Porque, é através da comunicação que você vai ter cada vez mais afinidade com a pessoa, né? Se não houver comunicação fica difícil de você ter afinidade com ela, né? De saber o que ela tá pensando." (Coabitante)

" É sempre importante... Agora, eu acho que... No casamento, assim... É fundamental. Porque... Você passa a ter uma vida muito em função da vida do outro. Entendeu? De tudo, de horário, financeiro, de sexo, tudo. Então, quer dizer, se você não tem essa coisa de... Tá sempre aberto pra conversar, disposto a querer conversar, seja amenidades, né, bobrinhas, ou às vezes, uma angústia que você tá sentindo... Eu acho que não tá valendo. (...) Eu acho que é fundamental... Ter essa abertura." (Coabitante)

As entrevistadas consideram que a comunicação é essencial para o relacionamento funcionar, bem ou mal, e deve ser

um exercício diário. Consideram que é fundamental ter, na relação, uma abertura constante ao diálogo, sem o que a convivência e a relação ficam bastante prejudicadas. A disponibilidade ao diálogo deve abranger todos os assuntos, desde os mais rotineiros até os mais difíceis para o casal, passando, inclusive, pela discussão sobre a própria relação.

" Acho importante, também, ficar pensando como tá a relação... Discutindo isso. Acho difícil quando você deixa as coisas acumularem. É importante, também, incomodou diz. Porque, quando você vai guardando, você vai criando uma fantasia tua, você vai interpretando pela tua... E, aí a coisa fica muito... No nível da fantasia mesmo. As vezes quando você explicita fica mais fácil... As vezes, a gente cria um problema enorme... A toa, né? Por falta dessa explicitação." (Coabitante)

" Isso tem que ser constante. Se for esperar pra falar só quando acontece alguma coisa não dá. Porque, às vezes, não dá pra recuperar, vai ser muito difícil. Você sente seqüelas quando, por algum motivo, as coisas não foram faladas cotidianamente. Já sente uma distância, uma dificuldade de resgatar. A distância entre você e a outra pessoa já tá enorme. O canal tem que tá sempre aberto... Porque as coisas fluem melhor, a nível de emoção." (Coabitante)

" A gente conversa, a gente procura conversar bastante sobre tudo, desde... Sobre as crianças, sobre o lado profissional, sobre... Sobre a gente mesmo, como é que a gente tá, né? Sobre os desejos que a gente tem, sobre as coisas que a gente quer fazer. O diálogo é fundamental." (Coabitante)

" Acho fundamental. A gente conversa muito sobre tudo, né? Até os assuntos mais delicados, pra nós, a gente tem colocado, né? A gente fala de tudo... Das coisas mais bobas

até as coisas mais sérias pra gente. Isso foi desde o começo... Se você não tem esse tipo de postura no seu namoro, eu acho muito difícil mudar no casamento. Eu, sinceramente, acho que isso é uma coisa de exercício mesmo." (Casada)

" Tem que ser constante.(...) Eu acho que é a única forma de... Porque, se você ficar só pensando aquele negócio e não exteriorizar... De repente, a menos que as pessoas tenham uma sintonia fantástica... Não necessariamente a outra pessoa vai tá percebendo daquela mesma forma. Então, se você não falar vai ficar impossível, né? E, eu acho que é fundamental também... É importante, você discutir os pontos que... Não tão bons, os pontos que tão bons e, colocar o teu pensamento claramente."  
(Casada - Coabitou antes)

Um outro aspecto encontrado no discurso das entrevistadas é o que se refere às dificuldades de comunicação no relacionamento. Dificuldades decorrentes, tanto da maneira de cada um expressar-se, quanto da espera que o outro adivinhe o que se quer, ou seja, da falta de comunicação.

" Eu vivo falando pro X(parceiro) que o nosso problema nada mais é do que um problema de comunicação. A gente não sabe se comunicar. É muito difícil... Por conta dessa coisa de termos diferentes, de maneiras de falar diferentes. Eu tenho uma maneira de falar muito mais impetuosa e, às vezes, eu começo a berrar... E, ele não lida com isso de jeito nenhum, fica completamente... E aí, no que eu começo a... Falar ele já bloqueia, né? Então, tem uns códigos de comunicação... Tem a comunicação global, que às vezes é difícil de conversar, sentar e falar... Que palavras usar, pra não ser indelicada, pra não agredir. E, tem esses códigos, né, o que cada um quer dizer com aquilo... Que isso é muito complicado." (Coabitante)

" Eu acho que... Inerentemente a qualquer relacionamento humano... Às vezes a gente diz

coisas que o outro não entende... Ou entende do jeito que quer entender, né? E isso também acontece no casamento. (...) Então, eu acho que a comunicação tem que ser... É importante, no sentido de que, você tem que ver o que que você tá transmitindo e, o que que você tá recebendo, né? Porque, nem sempre, pode ser aquilo, é aquilo que o outro tá de fato te mandando." (Casada)

" Se espera muito que o outro adivinhe o que você quer. Então, fica sempre na expectativa: não, ele tem que descobrir. Como é que ele não sabe que eu tô infeliz? Ou, que eu não tô tendo orgasmo? Que não tô tendo isso... As pessoas tem uma idéia completamente "out" do que seria uma relação. Imaginam que o parceiro tem que adivinhar tudo que ele sente e pensa. Que o fato de tá junto, já é o bastante pra você perceber. E, quanto mais tempo tem a relação, maior fica a cobrança. Pô, já me conhece a x anos... Como é que ele não percebe que eu tô diferente?"

(Casada - Coabitou antes)

Entre os pontos considerados fundamentais na relação conjugal, o amor, o sexo e a fidelidade serão analisados, mais detalhadamente, a seguir.

#### 4.3.4.1 - Amor

O amor teve, sempre, um lugar de destaque no discurso das entrevistadas. Sendo assim, as suas considerações sobre o amor serão mais detalhadas.

O discurso das entrevistadas, casadas e coabitando sem vínculos legais, acerca do amor é bastante semelhante. O amor é considerado fundamental, é a base, é o que inicia, movimenta e

mantém a relação.

" Ah, eu acho que se não tiver amor não vai, não vai pra frente. Se você não sente esse click, se você não sente essa coisinha, não tem como você se mover pra essa pessoa, não tem como você se envolver.(...) Eu acho que daí surge o casamento... Movido a essa paixão, a essa vontade de "tá" junto, a essa vontade de querer "tá" perto.(...) É um amor que vai ficando maduro. Você vai passando por certas dificuldades, por certas coisas que se não existir amor você não consegue seguir."  
(Casada - Coabitou antes)

" Bom, amor... Eu acho, eu vejo assim, no sentido de... É o que faz começar tudo, né? Aquela paixão forte, que vem o amor e que faz começar com que as pessoas realmente se entendam e que se proponham a estar juntas."  
(Coabitante)

" É fundamental, né? Eu acho que... Primeiro que tudo é você ter um amor muito grande com a pessoa que você "tá" se relacionando, né? E a partir disso... Vem tudo, né? Desabrocha tudo, né? (...) Eu acho que esse sentimento vivido, vivenciado, sustenta tudo. Eu acho que é fundamental." (Casada)

As entrevistadas consideram que a relação entre o casal só é possível e só se sustenta quando há amor. Querer estar com o outro, sentir-se bem ao seu lado é o que permite que as dificuldades criadas pelo cotidiano e pela convivência a dois sejam ou tentem ser superadas.

" Eu acho que é a base disso tudo. É fundamental, entendeu? Assim... O amor... Assim... Não é só o gostar da paixão, né? O amor mesmo, você "tá" afim de ir pra frente junto com o outro seja... Em qualquer situação, entendeu? Pra mim é muito isso. O

amor aí é isso... É você querer "tá" com o outro acima de qualquer coisa e batalhar por isso e... Encarar a vida assim." (Coabitante)

" É tão difícil você se relacionar com uma pessoa... É tão difícil o dia a dia, as dificuldades, que se não tiver amor..." (Coabitante)

" No viver junto e no casamento eu acho essencial, né? Porque a gente só tem paciência, a gente só compreende o outro, a gente só passa por cima de muita coisa, amando. Então é essencial." (Casada)

" Olha, eu acho que o amor é a coisa mais importante que tem quando você tem um relacionamento com uma outra pessoa. (...) E, quando não existe um amor muito forte, qualquer desentendimento que você tenha, seja qual for, né? Ou... sei lá, qualquer problema que você tenha, econômico, problema social, problema com família, qualquer problema que você vá ter... Vai ser sempre, você sempre vai conseguir solucionar com mais facilidade se você amar muito a pessoa. Eu acho que um relacionamento é uma coisa muito difícil, você tem que amar muito." (Casada)

O amor é o que sustenta e mantém a relação. As entrevistadas consideram que a relação só é possível enquanto há amor. Quando o amor acaba a relação não tem mais razão de ser.

" Eu acho que é o que sustenta a relação, né? Eu acho que acima de qualquer coisa, além de respeito, além de... Consideração, enfim. O amor é o que sustenta, sem ele realmente fica muito difícil." (Casada)

" No casamento eu acho importante existir amor. Acho muito importante. Eu acho que quando você olha pra pessoa e não sente mais amor, eu acho que não tem mais como você ficar com a pessoa, porque amizade, consideração, não é amor." (Coabitante)



" O amor tem que ser o que une. É uma ilusão achar que porque casou fica mais difícil se separar ou que vai manter mais a relação."  
(Coabitante)

" (...) o amor sim, porque também acho que o casamento só vive com ele, quando ele acaba acho que não tem muito sentido." (Coabitante)

A única possibilidade da relação se manter, durar, é a transformação constante do amor. De acordo com as entrevistadas, o amor é algo que precisa ser construído, cultivado e trabalhado diariamente senão acaba.

" (...) eu acho que o amor é uma coisa que você tem que ir sempre... Conseguindo... É... Ir sempre, todo dia mantendo aquilo, porque eu acho que o amor acaba sim, claro que acaba. Se você... Você pode amar muito uma pessoa mas, você começa a ter suas decepções com a pessoa... A pessoa começa a te tratar mal, você começa a não ter na pessoa um amigo... Começa a não ter... Não ter mais um... Um relacionamento bom com a pessoa. É lógico que o amor acaba. Porque amor não é uma coisa que existe e pronto acabou: você "tá" pro resto da vida fadada a amar aquela pessoa. Não é isso. É uma coisa que tem que ser construída, né? E todo dia você manter esse amor, senão acaba."  
(Casada)

" O amor tem que ser cultivado a cada dia. Tem que ser, sabe? Vivenciado a cada dia e as dificuldades superadas, trabalhadas e tal. Porque... Decididamente não é fácil... As vezes você "tá" ótima e o outro "tá" péssimo, "tá" deprimida ou "tá" de mal humor ou "tá"... É aí você tem que ter um certo jogo de cintura pra se segurar. Mas ao mesmo tempo você não pode ser um saco de pancada. Então ... É aquela coisa assim que... (...) Acho que é uma coisa que realmente tem que ser muito cultivada pra... Pra conseguir levar."  
(Coabitante)

" Casamento pra mim é um movimento, né? Que você tem que "tá" sempre mexendo com ele. Pra que as coisas às vezes, também, fiquem em

ebulição, como "tavam" no namoro.(...) "tá" sempre ligado na relação, não deixar cair na rotina(...) Pra que você tenha perspectivas futuras. Porque enquanto tem amor você consegue fazer isso. Quando não existe mais amor não há, eu não acredito que há possibilidade de uma pessoa mexer nas coisas, né? Tem que ter amor."

(Casada - Coabitou antes)

Com relação à duração do amor e da relação, existe um desejo de que ambos duren muito. Mas as entrevistadas consideram que a relação deve durar somente enquanto existir prazer em estar com o outro, enquanto a convivência valer a pena.

" Eu nunca fiz meus planejamentos a muito longo prazo assim de ser um amor eterno não. Eu gostaria muito que fosse... Mas também não... Não fico planejando tudo em... Engolindo tudo... Enfim... Me sacrificando sempre em nome desse amor, não. Eu acho que o amor enquanto tiver valendo, enquanto tiver prazer, enquanto tiver a coisa gostosa de "tá" junto... De conviver e tudo, "tá" valendo."

(Casada)

" É eterno enquanto dure. Ninguém se casa pensando em se separar. Você se casa querendo que a coisa dê certo eternamente, que a coisa vingue. Mas hoje é eterno enquanto dure mesmo. É claro que você vai lutar pra que dê certo, mas se a coisa ficar inviável não tem essa de tentar esconder, fazer tudo pra ficar junto."

(Coabitante)

A manutenção da relação depende da sua constante transformação. A relação tem que acompanhar a transformação de cada parceiro e mudar também. Os indivíduos se modificam e, se a relação entre eles não se modificar, da mesma forma, pode acabar.

" Eu acho que pode ter uma relação que dure muito.(...) Eu acho que ela se transforma direto, o tempo todo, senão... Se for a mesma

não resiste.(...) Eu conheço casais que têm a 30 anos e... Numa relação completamente... Madura, legal, não acomodada. Tão transformando juntos o tempo todo isso. Eu acredito nisso." (Coabitante)

"(...) acredito que você possa amar uma pessoa a vida inteira, possa escolher sempre. Porque eu acho que na verdade... Dentro de uma relação você escolhe várias vezes.(...) Eu acho que as pessoas, elas... Vão se transformando ao longo da vida e vão escolhendo, né? Quem são as pessoas com quem você se relaciona afetivamente." (Coabitante)

" O que eu acho que existe... É que algumas pessoas conseguem e outras pessoas não conseguem fazer é "tarem" caminhando mais ou menos na mesma direção. Se você vai mudando e cada um vai mudando numa direção diferente, chega uma hora que fica muito difícil, não vale mais a pena ficar junto. Mas se os dois vão caminhando mais ou menos na mesma direção..." (Casada - Coabitou antes)

A manutenção da relação depende, ainda, de como cada um lida com as dificuldades que surgem e da capacidade que se tem de avaliar os seus sentimentos diante disso.

" Acho que a gente pode ficar junto sim... Ou não. Isso pode acabar amanhã. Depende muito de como as coisas... Tem uma coisa dinâmica, de momentos. Quer dizer, num determinado momento pinta uma dificuldade... E dependendo de como você lida com isso, a coisa... Transforma pra um lado positivo... Quer dizer sempre é positivo mas, ou transforma pra uma separação ou pra um aprofundamento, sei lá. Depende muito de como você "tá" naquele momento ou, também, dos sentimentos." (Coabitante)

O amor, no casamento e na coabitação, é identificado como um sentimento de estabilidade, de tranquilidade emocional.

" O casamento com amor ele cria um... Uma sensação... Você tem um lado emocional estável. Você tem uma relação com uma pessoa que você conhece, que a pessoa te conhece. Então, eu acho que você emocionalmente tem um momento estável... De amor sim, mas sem aquela instabilidade que a paixão no início cria na pessoa." (Coabitante)

" Amor é uma coisa bastante sólida(...) no meu relacionamento com o X, uma coisa que eu consigo identificar, dizer realmente é amor... É um sentimento perene. Tem esses momentos de paixão, tem momentos assim de muito mais êxtase, que quando passa ou acalma não vai embora. Quer dizer, você continua sentindo uma coisa muito forte, mas tem períodos mais apaixonados e períodos menos." (Casada)

#### 4.3.4.2 - Sexo

No discurso das entrevistadas, o sexo na relação conjugal, também, apareceu como um ponto de destaque. Nesse sentido, sua análise, também será destacada.

O discurso das entrevistadas, casadas e coabitando, sobre a sexualidade difere um pouco, sobretudo, com relação à valorização desta na relação conjugal. As coabitantes atribuem à sexualidade uma função fundamental, enquanto que as casadas a consideram como um complemento da relação. Contudo, a vivência sexual, desde o início do relacionamento, é considerada, por ambas, um aspecto fundamental.

" Eu acho fundamental em todas as fases, né? Sendo que, eu acho que, pra você chegar ao casamento... É fundamental essa vivência sexual anterior. Porque... Esse é um fator da relação que... Pode dar muito certo, como pode

dar muito errado, né? Então você vê... Eu acho que de cara tem que começar pelo namoro. Pra se conhecer melhor e tal." (Coabitante)

" Ah, fundamental! (...) Eu acho que a vivência sexual, a relação sexual é fundamental... Pra você conhecer o outro, pra você... Saber se é isso mesmo que você quer. Eu acho que tem que ter esse conhecimento prévio." (Coabitante)

" A compatibilidade sexual eu acho fundamental. Acho que... As dificuldades nessa área também tem que ser colocadas logo. Senão também complica." (Coabitante)

" Eu acho que o ideal é você conhecer essa pessoa antes de você ir viver junto. Porque... Se existe incompatibilidade... E aí? O que acontece? Eu acho que existe uma coisa de... De... Pelo menos pra mim. De pele, de cheiro, de encaixe, tá? Tem que haver um balé, que eu chamo, porque se não houver esse balé não tem jeito." (Casada - Coabitou antes)

" Eu acho essencial. No namoro, principalmente, como uma forma de... De você conhecer. Porque é uma relação de intimidade, né? Eu acho que é um momento de intimidade entre duas pessoas. (...) é uma coisa que eu acho essencial pro relacionamento das pessoas." (Casada)

Na coabitação, o sexo, além de ser considerado fundamental, é reconhecido, também, como um termômetro tanto da relação como de si mesmo. As fases de baixa na sexualidade são identificadas como um sinal de que algo não vai bem, consigo mesmo e/ou com a sua relação com o outro. Uma insatisfação sexual pode ser um reflexo de uma insatisfação interna ou de uma insatisfação na relação conjugal.

" Eu acho que é sempre fundamental. Não tá com tesão é porque alguma coisa tá rolando, né? (...) Tá rolando alguma coisa com a pessoa... Na época não era nem com a relação, era comigo mesmo." (Coabitante)

" No casamento é fundamental, entendeu? É uma coisa assim que... Eu acho que... Quando você não tá bem no sexo, no casamento conseqüentemente... Eu não sei o que interfere no que, entendeu? Mas eu sinto isso, que quando o sexo não tá bom no casamento a relação também não tá legal." (Coabitante)

" Eu acho... Eu vejo muito assim, que a relação quando tem uma... Uma baixa ou uma insatisfação ou... Seja lá o que for... Na parte sexual é porque tem algum problema. É um dos maiores termômetros, melhores termômetros da relação, eu acho a relação sexual." (Coabitante)

No casamento, o sexo é considerado um complemento da relação, situando-se ao lado de outros fatores considerados tão ou mais importantes que ele.

" Eu acho que é um complemento. Eu não acho que ele é mais importante nem menos importante. (...) Mas eu acho que é um complemento. São várias coisas que completam um relacionamento e o sexo é uma delas." (Casada)

" Ah, eu acho que é muito importante. Mas eu acho que não é tudo, né? (...) Acima do sexo, pra mim, né? Acima do sexo existem coisas muito mais importantes. Que é o respeito, que é a confiança, que é você, sei lá... Você... Você tá se sentindo bem, você tá se sentindo amada, tá se sentindo é... Feliz." (Casada - Coabitou antes)

" Olha, eu acho que o sexo é uma coisa muito importante, claro. (...) é tão importante quanto as outras coisas, não é mais nem menos. É tão importante quantos os outros fatores... A amizade, o companheirismo, a solidariedade." (Casada)

#### 4.3.4.3 - A Dinâmica da Sexualidade: atração, entendimento, satisfação e freqüência.

A dinâmica da sexualidade foi analisada levando-se em conta fatores como: atração, entendimento e satisfação sexual e, também, o aspecto freqüência.

Comparando a sua sexualidade, no namoro e no casamento e coabitação, as entrevistadas afirmam que a atração, por estar mais ligada à descoberta, ao desconhecido, era mais intensa no namoro, embora não esteja ausente na relação conjugal.

" (...) eu acho que no namoro você ainda não conhece a pessoa direito, né? Nem como pessoa, nem como nada. Você não conhece direito, então, a atração sexual é um fator que realmente te aproxima muito da pessoa, né? E o fato de você se satisfazer com aquela pessoa, gostar daquela pessoa e ter atração por ela, faz você continuar a conviver com ela. (...) Eu acho que no casamento ela continua existindo sim, mas eu acho que existem coisas que vão mais assim... Não é o fato de você... É mais um conhecimento, é mais você conseguir saber como satisfazer a outra pessoa, como a outra pessoa vai te satisfazer. Fica mais em relação ao conhecimento mesmo. Você já conhece a outra pessoa, sabe com quem você tá lidando, como as coisas acontecem." (Casada)

" Eu acho que a atração sexual muda. Quando você é namorado a atração sexual é muito mais forte. Quando você casa... Porque você já conhece a pessoa a atração... Eu acho que não fica aquela coisa tão forte. Existe uma atração por conta do amor, né? O tesão... Essa coisa toda. (...) Agora acho que tem uma tendência realmente a ficar uma coisa mais tranqüila... Menos é... Foguenta, né? (...) não que perca, acho que não perde a atração sexual mas... Eu acho que uma... Acho que o

casamento ele... Tem aquelas coisas assim...  
Que às vezes ele... Tem momentos rotineiros,  
que você tem... Tem que entender... E tem que  
tentar salvar pra não cair na rotina também."  
(Coabitante)

Por outro lado, o entendimento sexual entre o casal é maior no casamento e na coabitação pois, com o aprofundamento da relação, existe mais intimidade e um conhecimento maior do outro. O que os leva a sentirem-se mais à vontade para conversarem sobre as suas preferências e, assim, buscarem um entendimento e uma satisfação maiores.

" (...) pra mim sexo é intimidade em todos os sentidos. Quer dizer, no ato... E... O bom sexo, o gostoso começa a acontecer quando você começa a conhecer a pessoa. O que a pessoa gosta, o que você gosta, o melhor jeito, o tempo, o ritmo, tudo... Ou você conversando explicitamente ou você percebendo no... Nas nuances. É uma questão de tempo." (Casada)

" O entendimento sexual tem que ter... Acho que isso tem que ter realmente... E acho que, enquanto casal, vai tendo cada vez mais, porque você tá mais tempo se relacionando com a mesma pessoa. (...) Você conhece muito mais, você tem mais intimidade. Então eu acho que essa coisa do... Entendimento, ela é até muito mais do que... Com o tempo, vai ficando realmente muito melhor. Porque você vai se entendendo melhor, você tem mais liberdade. Olha eu não gosto disso, eu gosto disso, eu tenho mais prazer aqui, eu tenho menos ali, né? Você tem mais intimidade. Essa pessoa eu não conheci ontem." (Coabitante)

" O entendimento é uma coisa de um conhecer mais o outro. O que o outro gosta, o que o outro não gosta. É você saber o que que você gosta, o que você não gosta, naquele contato especificamente, né? E eu acho que à medida que as pessoas vão... Tão algum tempo mais e tão aprofundando a relação, você vai... Trocando mais isso. Você vai falando mais sobre isso, até mostrando mais isso e... Eu



acho que o entendimento é maior."  
(Casada - Coabitou antes)

Com relação à satisfação sexual, as entrevistadas afirmam que esta deve ser sempre uma busca na relação. A satisfação sexual varia muito, pois depende de vários fatores. Mas, existe tanto no namoro quanto na relação conjugal, embora, de formas e intensidades diferentes. Se, no namoro, a atração levava a uma relação "mais quente", no casamento e na coabitação, o entendimento maior entre o casal leva a uma relação também intensa.

" A satisfação com o ato sexual é independente. Eu acho que dentro da mesma relação você tem dias que que você acha ótimo, outros dias você não acha tão bom. E eu acho que isso pode acontecer numa pessoa que você conheceu hoje... Você pode achar uma droga ou achar ótimo... Ou no teu parceiro de muito tempo. Tem dias que é muito melhor do que outros. (...) eu acho que isso é muito humano, né? Essa coisa de não ser constante, né? Quer dizer, eu acho que você tá influenciado por coisas diferentes, o outro também. Tem um nível de cansaço, um monte de coisas afeta isso. " (Casada - Coabitou antes)

" Eu acho que a atração é um fator importante pra você... Você poder... Chegar a... Enfim a se entender e a poder conhecer melhor o outro e ver o que... O que que satisfaz o outro e o que te satisfaz. Eu acho que isso é muito uma descoberta, né? Dos dois. (...) Dessa atração pode vir... É... É... Um entendimento perfeito, e que vai levar a... A uma satisfação maior dos dois. Eu acho que na relação a busca deve ser sempre essa. Quer dizer, cada vez mais buscar a sua satisfação e a do outro. Pra que seja uma coisa prazerosa e boa pros dois. Pra que possa crescer, né? Pra que você não se acomode de repente numa relação em que: Ah isso aí já faz parte da minha rotina, né?" (Coabitante)

Com relação à frequência das relações sexuais, as entrevistadas afirmam que, no casamento e na coabitação existem fases de maior ou menor frequência, que variam em função de fatores como o cansaço do dia a dia, a rotina, os filhos, entre outros.

" No casamento... Mudou... Teve fases da gente praticamente... Teve fases assim de não tesão. E essas fases são muito complicadas. Não tem vontade de transar, não conseguir... É uma coisa assim... É fases mais intensas e tal."  
(Coabitante)

" (...) tem um outro somatório que vem depois com os filhos. Que é outro papo também, tá? E, principalmente quando você ainda tá nessa fase de filho pequeno. (...) Existe, claro, um desgaste, um cansaço muitas vezes, que você vai adiando, tá? Quer dizer a tua frequência diminui... Completamente do que era os teus primeiros anos juntos... Nem se compara então do que era no namoro."  
(Casada - Coabitou antes)

" No casamento pelas fases, quando você começa a ter filhos, existem fases em alto e baixo, né? (...) Tem tanta coisa quando você casa e começa a ter filhos... Tem tantas coisas que acho que no casamento o sexo vai ficando um pouco assim... Pelos escanteios... Vai... Sobrando um pouco, menos tempo pra ele."  
(Coabitante)

Outro aspecto ressaltado pelas entrevistadas, considerado positivo, é o fato de que, no casamento e na coabitação, a disponibilidade do outro, em função da convivência, leva ao exercício da sexualidade de maneira mais natural, respeitando o fluxo do desejo de ambos.

" A principio é aquela coisa assim... Fissura mesmo, né? Que a gente entra. Depois, no casamento, já rola uma coisa, que relativamente vai acontecendo mais. Ah, se não

trepa agora, a gente pode trepar amanhã. Enfim, já existe a coisa do disponível, o outro tá ali disponível pra você."

(Casada - Coabitou antes)

" (...) uma coisa que me frustrava, enquanto namorada, tipo... Ter hora, quer dizer, vai pro motel ou você espera pintar uma oportunidade. Era aquela coisa muito determinante e não, simplesmente, tá junto e pintou vontade, vamos lá, né? Obviamente agora, enquanto casada é muito mais fácil. Porque eu não podia simplesmente, num sábado a tarde, fechar a porta do meu quarto ou da casa dele, porque também já era um pouco de abuso. Eu não tinha tanta liberdade... Oficialmente, era uma coisa assim, em teoria a gente "tava" dormindo... Se alguém batesse na porta a gente tinha que abrir." (Casada)

" Acho que quando você tá namorando tem aquela coisa assim: dormiu junto transou, né? Tem aquela coisa, você tá na casa de um, na casa do outro, vamos pra casa de alguém, arrumou uma casa acabou, né? Tudo é com a freqüência dessa coisa de dormir junto, né? Rolou de dormir junto você... Mesmo quando eu morava sozinha e o X também, a gente... No que vai um pra casa do outro era... Não tinha essa coisa de só dormir, né? E acho que com o casamento, com essa coisa de você tá dormindo junto, você põe a perna um por cima do outro e... Enfim. Eu acho que, pelo menos com a gente, rola um pouco isso, não tem aquela... Não tem uma... Freqüência assim intensa é... De tá todo dia ou enfim... E... Acho que rola mais tranqüilo." (Coabitante)

" Namoro, pelo menos comigo, rolava mais no final de semana, né? Então, tem uma coisa assim, final de semana: "pô" uma semana que você tá sem transar, no final de semana você tem que estar afim de transar, tá? Então você ia pro motel... E não tinha muito essa coisa de você tá afim ou não... Fazia parte da programação ir pro motel depois, tá? (...) Eu acho que no dia a dia você casado... Acho que você exercita muito mais isso... Essa coisa do seu marido vir e você não tá afim. Ai, "tô" cansada, não quero, não "tô" com tesão, não "tô" com vontade. (...) no casamento, eu me vejo assim, fazendo com von... Com muito mais

espontaneidade, com muito mais vontade, com muito mais... Liberdade, no caso, do que quando eu era namorada. (...) Não tem essa de você aproveitar porque você só vai ter outra chance daqui a uma semana, entende? Essa coisa insaciável, né? Vamos aproveitar mais umazinha porque a gente só vai ter outra daqui a uma semana. No casamento eu acho que você exercita essa liberdade, essa... Essa coisa... Orgânica mesmo." (Coabitante)

#### 4.3.4.4 - Fidelidade

As considerações acerca da fidelidade, também, merecem destaque no discurso das entrevistadas. A fidelidade é considerada fundamental tanto no casamento quanto na coabitação. A fidelidade é entendida como um acordo a dois. Mas, apesar de admitirem a possibilidade de relações abertas, consideram este tipo de relação arriscado, pois essa abertura pode fragilizar o relacionamento. O relacionamento precisa de dedicação, de investimento para aprofundar-se e ser satisfatório.

"Pra mim a fidelidade tem que ser um... Ela é um.. Um... Quesito... Eu acho fundamental. É... Principalmente... Acho que tem que ser um acordo. Eu acho que se você tiver uma relação... Que seja aberta, né? Que tenha uma abertura e tal. E que.. Bom... Que as pessoas concordem com essa abertura, que as pessoas concordem que... Que as pessoas tenham outras pessoas e tal... Tudo bem." (Coabitante)

"Eu acho que... Eu jamais conseguiria esses... Casamentos... Liberais. Eu acho que é fundamental, entendeu? A pessoa ser fiel a você. (...) Você pode até... Ter a proposta de... Um casamento aberto. Você vai lá e vai conhecer outras pessoas. Mas você vai tá se arriscando, entendeu? Você vai tá arriscando uma relação. (...) Então eu acho que enquanto você tá afim de tá com o outro... É, é aquilo que você quer. Então eu acho que tem mais é

que ser fechado mesmo. A hora que não der mais, não vai dar mais e, aí você vai partir pra outra. Agora... Arriscar isso, nem pensar." (Coabitante)

" Eu acho que se a gente tivesse optado por uma relação mais aberta... Eu acho que a gente não ia ter... É... Construído uma estrutura tão sólida pra gente. (...) eu acho que o amor é uma coisa que você tem que se dedicar mesmo. Justamente por essa descoberta do outro, sabe? Eu acho que fidelidade, pra mim, é muito importante sim. (...) Eu acredito que a fidelidade nutra mais o relacionamento, sabe?" (Casada)

A fidelidade é considerada necessária para manter o equilíbrio da relação. A infidelidade pode mexer com a estrutura da relação e colocar em risco a sua continuidade. A possibilidade de ser infiel não é descartada, sobretudo pelas que coabitam, mas é evitada para não colocar em risco o relacionamento.

" A gente sabe que existem vizinhos, vizinhas, amigos, amigas, existe tanta coisa... Mas se se propõe a estar junto, na minha cabeça, é porque... Tá interessante, tá bom ficar junto. E, eu acho que a infidelidade coloca em risco tudo isso, entendeu? (...) No momento que eu sou infiel eu coloco em risco a minha relação, o meu casamento. E se eu coloco em risco é porque não tá valendo... Pra mim não tá tão importante assim. Acho que ninguém é infiel... Sem pensar que isso não tenha conseqüências. E se a conseqüência é acabar é porque não tá... Tão valorizado essa coisa do casamento. Na minha vida é valorizado, então... Eu não, não... Não quero "pisar na bola" nesse sentido, colocar qualquer risco à minha relação. Deixar ter alguma conseqüência. Não. (...) Não aceitaria bobear nesse tipo de coisa, acabar uma relação por causa de um caso, por causa de um tesão, entendeu? Por causa de um... É... De um sexo com alguém desconhecido, pra tentar um experiência nova e, aí, tudo que eu valorizo, que eu gosto eu colocaria em risco." (Coabitante)

" Eu acho que a fidelidade... Olha, às vezes, eu fico com muita vontade de... De... De ter uma relação. Já me deu muita vontade. Eu fico: aí que monotonia uma pessoa só, que coisa mais sem graça. Fico afim de ter uma coisa diferente, uma coisa assim... Uma outra coisa, né? Mas ao mesmo tempo eu fico pensando assim... Que essa coisa dure um dia, uma semana e acabou, entendeu? Na verdade eu fico morrendo de medo de... Ir à luta de uma coisa e essa coisa... "Cagar" tudo. Tipo assim... depois eu não saber lidar com... Com essa... E aí prejudicar o meu relacionamento. Então eu prefiro me manter... A distância. Não tenho arriscado não." (Coabitante)

" Pra que me envolver com outras pessoas se eu tô tão, tão bem, tão feliz com essa pessoa. A partir do momento que não há essa fidelidade é porque você tá buscando outras coisas. Não digo nem que você tá insatisfeito com o que você tem ou com a tua vida. Mas você tá buscando outras coisas. E aí eu acho que desestrutura um pouco."

(Casada - Coabitou antes)

A fidelidade é entendida como uma decorrência natural quando a relação é boa, quando há um envolvimento, um sentimento forte entre o casal.

" A partir do momento que você tá envolvida... Que você se envolve, que vem uma coisa lá de dentro, que você resume como amor, como paixão, como vontade de tá junto. Eu acho que essa palavra infidelidade sai... Sai do vocabulário dessa pessoa."

(Casada - Coabitou antes)

" A fidelidade tem que ser muito mais interna, muito mais um sentimento. Se você tá bem, se a sua relação tá bem, eu acho difícil você ter disponibilidade interna pra que "pinte" outra pessoa. Porque pessoas interessantes, bonitas e tal, existem. Eu conheço, meu marido conhece, enfim. Mas, eu acho que a partir do momento que a relação da gente tá legal, tá boa "pros" dois, tá sólida, tá... Não tem porque ele ter necessidade de ficar com outras

pessoas, ou eu, entende? O que não quer dizer que eu não olhe pra homens bonitos, que não ache interessante... Tudo bem. Daí a sair dali e, ter alguma coisa com aquela pessoa, só se, realmente, eu "tiver" me sentindo mal na minha relação e "tiver" com a relação fragilizada. Eu acho que a fidelidade passa muito por aí, como está você internamente com relação à pessoa com quem você tá... Vivendo, né?"  
(Coabitante)

" Eu acho que tem que ter uma disciplina qualquer do tipo... Do... Da sedução, né? É a coisa da sedução constante, pra você... E... Despertar o amor do outro. (...) Eu acho que... Se você tá vivendo isso que eu tô te falando... Eu acho que dificilmente você vai trair. Porque você tá muito mais atraído pela pessoa que você tá junto. E, se você trair... Talvez possa ser uma coisa contornável. Porque é mais um sinal de que... De que você perdeu um pouco esse tipo de auto-disciplina, de busca, de querer é... Estar com aquela pessoa." (Coabitante)

A infidelidade é considerada, na maioria das vezes, um sinal de que há algo errado com a relação ou com a pessoa. A infidelidade seria um indicio de que é preciso fazer uma avaliação de si mesmo e da relação.

" Eu acho que a partir do momento que você começa a sentir necessidade de ter outras pessoas é porque o seu relacionamento já não tá bem, né? (...) a pessoa pode ter perdido realmente o interesse... Ou, então, o casamento já começou a se tornar uma coisa cansativa... Rotineira. A pessoa pode perder o interesse por vários motivos, né?"  
(Coabitante)

" Se você... Tem um relacionamento e tá começando a se interessar por outras pessoas, a sair com outras pessoas... É porque tem alguma coisa que não tá rolando legal no relacionamento de você com aquela pessoa, entendeu? De repente é uma questão de... De avaliar como é que tá esse relacionamento. (...) Eu acho que você tem que avaliar o tempo

todo. Agora... Talvez a infidelidade seja um... Um toque assim... Mais concreto... De que é preciso avaliar se é isso mesmo, né?"  
(Casada - Coabitou antes)

" Eu acho que no dia de amanhã, eu posso, até, me sentir atraída sexualmente por outra pessoa. Eu acho que ninguém tá livre disso. Como o outro, também, pode se sentir atraído por outra pessoa. Mas, eu acho que primeiro você precisa avisar a outra pessoa que aquilo tá acontecendo. Ou como um sinal de alerta, que tem alguma coisa errada... Pras duas pessoas sentarem e, talvez, chegarem a ver o que tá errado. Pra ver se pode continuar a reatar uma coisa. Ver o que que... Resgatar alguma coisa que esteja errada. Ou, então, como... Realmente, olha, não tô sentindo mais nada, tô sentindo coisas por outra pessoa... Então é porque a relação não tá dando mais certo, né? (Casada)

A infidelidade pode ser, então, um reflexo de alguma insatisfação pessoal, de uma busca por coisas novas, ou um reflexo de alguma insatisfação na relação com o outro. Pode ser um indicio de que a relação tornou-se algo rotineiro ou, ainda, que o amor acabou e a relação chegou ao fim mesmo. Mas, de acordo com as entrevistadas, a infidelidade pode ou não ser contornada, dependendo do seu significado e das circunstâncias em que ocorreu.

" A infidelidade entraria no momento em que alguma coisa tá se quebrando. E acho, até, que pode entrar se alguma coisa, também, não tiver quebrando, vamos dizer assim. Às vezes, ela não tá insatisfeita, a pessoa não tá insatisfeita e, sei lá, pinta um clima e acontece. Aí, vamos dizer assim, se detecta como infidelidade. Eu não sei como lidar com isso se aparecesse. É uma coisa que eu teria que aprender, que eu teria que ver... Pra poder ver o significado, ver o sentido disso. O que que é realmente infidelidade, né? Em que momento da minha vida foi? Se eu posso dizer que foi infidelidade. Se não foi. Como é que



é, como é que não é? (...) eu não sei como ia lidar, como ia definir infidelidade? "

(Casada - Coabitou antes)

" Eu não sei te dizer se acontecer daqui a algum tempo, sei lá, pode acontecer... Também, não sei se isso vai ser uma coisa que possa arruinar. Não. Caiu, então, acaba o casamento. Acho que a gente tem que ponderar, tem que pesar em que circunstâncias aconteceram. "

(Casada)

As possíveis atitudes, diante da infidelidade, variam muito. Vão desde a não aceitação do fato, ou seja, o término da relação, até aquelas que contornariam a questão dependendo do tipo de infidelidade ocorrido. A idéia é a de que, em alguns casos, menos graves, a infidelidade não deve nem ser revelada, para preservar o outro. Mas, em outros, como quando aquilo está mexendo com a estrutura de relação ou quando já se estabeleceu uma relação fixa, é imprescindível a explicitação da situação para o cônjuge.

" Eu acho que isso esvazia muito a relação. Pra mim pelo meno esvaziaria. Eu acho que não é legal, é uma coisa que fere muito o outro e... Acho mais... Acho que quando... Acho até que se acontece (...) Puxa tive um caso, "tava" num momento de crise... Essas coisas podem acontecer e tal. Eu acho fundamental preservar o outro, sabe? (...) A não ser que seja uma coisa que mexa tanto com a estrutura... Que, realmente, aí não dá, não tem como você esconder. Mas eu acho que se puder preservar, no sentido de não... Não deixar que o outro saiba. Que na medida que... É aquele negócio, é aquele ditado antigo, mas que é verdade: o que os olhos não vêem o coração não sente. É uma verdade. "

(Coabitante)

" A infidelidade, ela tem pra mim vários graus, né? É... Eu acho o seguinte: a pessoa

que tem um amante fixo... Né? Que é um triângulo, que faz da relação um triângulo... Pra mim é uma coisa que não satisfaz. Eu não concordo e não gostaria de viver, nem de um lado, nem de outro. Então, eu acho que no momento que alguém... Interessa o outro a ponto de... Virar uma coisa mais estável, mais fixa. Quer dizer, a ponto de virar uma relação mesmo, né? (...) Ai eu acho que tem que ser aberto. Quer dizer, a coisa tem que ser esclarecida, porque eu acho que o outro tem... A... O direito de optar se ele quer viver um triângulo ou não. (...) Também uma pessoa que fica galinhando por fora do casamento... Eu também acho que não tá legal. Acho que tem algum desequilíbrio nessa relação, que não tá boa. Porque... Eu acho que, também, é uma coisa que tem que ser... Dita e dividida. Agora se acontece (...) Se acontecer um dia, né? De... Sei lá porque cargas d'água, porque motivo. Pode ser até porque a relação não tá muito boa ou porque ele não tá muito bem, enfim... Ou porque tem uma pessoa muito interessante mesmo. Não vou achar que eu sou a única pessoa interessante no mundo, né? Mas, a ponto dele colocar em risco, dele ir lá experimentar... E, ele achar que não tem nada a ver, que ele quer ficar comigo mesmo, que a nossa relação aqui tá valendo mais a pena... Enfim... Que ele fizer a opção por mim. Eu não quero nem saber. Porque eu acho até que o sofrimento... De saber dessa estória, dessa... O que vai representar isso pra mim... Pode ser até muito maior do que pra ele, entendeu? (...) Agora, eu acho que esse tipo de... De infidelidade, né? Eu não sei nem se eu consideraria infidelidade... Eu acho que isso daí é uma coisa que pode ser conversada, pode ser contornada, pode ser... Trabalhada, dentro da relação mesmo, né? (...) acho que não é uma coisa tão grave assim." (Coabitante)

#### 4.4 - CATEGORIA 4 - DINÂMICA DA RELAÇÃO

A categoria Dinâmica da Relação aborda a relação conjugal no seu cotidiano, privilegia a observação de aspectos ligados à convivência do casal, suas formas de lidar com o outro e com o cotidiano. Essa categoria envolve dois eixos de análise. O primeiro eixo aborda aspectos relativos à individualidade, à conjugalidade e ao cotidiano e abrange os sub-itens: diferenças individuais, expectativas e projetos, dependência e independência, divisão de espaço e privacidade e os pontos que afastam e aproximam o casal. O segundo eixo de análise abrange a dinâmica do cotidiano em aspectos como: a divisão de papéis (femininos/masculinos, ativos/passivos), as regras e a rotina.

##### 4.4.1 - Individualidade, Conjugalidade e Cotidiano

" O dado fundamental do casamento não é só essa paixão, tem uma coisa que é o outro mesmo, que é o convívio com o outro... é difícilimo." (Coabitante)

##### 4.4.1.1 - As diferenças individuais

Através da análise do discurso das entrevistadas, que coabitam ou coabitaram antes de casar, percebemos que, existe uma preocupação com as dificuldades que geram, na convivência cotidianas, as diferenças individuais. Tanto as diferenças ao

nível de educação quanto as diferenças ao nível de personalidade. Mas, ao mesmo tempo, existe, também, uma intensa disposição para observar e lidar, de forma compreensiva, com essas diferenças, buscando, na medida do possível, transformá-las em pontos de crescimento e enriquecimento do relacionamento.

" Eu acho que nós temos muitas diferenças... Isso muitas vezes criou problemas pra gente. (...) Mas eu acho que justamente essas diferenças é que fazem crescer... Uma relação, você entende? (...) Em cima desses anos de... De relação. Eu vejo que, justamente, essas diferenças nos ajudaram a crescer e a construir uma... Né? Uma... Uma relação melhor e, acho que personalidades melhores... Tanto eu quanto ele, quer dizer, mais maduros." (Coabitante)

" A gente não entende (risos) nada um do outro (risos). Até hoje a gente briga horróreo por causa disso. Porque a gente fica dizendo que um não... Não fala a língua do outro, que a gente é completamente diferente... Um pensa assim, o outro pensa assado. (...) Isso no geral, na nossa maneira de lidar com as coisas, mas... No final, a gente gosta das mesmas coisas. A gente tem uma coisa que é muito... Né? (...) A coisa de como a gente gosta de viver a vida... Então, tem isso que é muito... Que torna a gente nisso muito cúmplice. (...) Apesar dessa coisa diferente de maneira de pensar, no final, a gente tem todos os projetos em comum." (Coabitante)

Além das diferenças individuais, as entrevistadas destacam, também, as diferenças de educação como pontos que geram dificuldades na convivência. Mas, que podem, todavia, enriquecer a relação. Desde que não se tenha a pretensão de transformar o outro e, sim, buscar um equilíbrio.

" A gente tem padrões é... De educação

diferentes. Então, quando você tá num casamento, você não traz só a pessoa, você traz exatamente esses padrões. Então, como é que você vai lidar com isso? Então, por exemplo, a minha mãe tinha uma maneira de arrumar a casa, a mãe dele tem outra. Que acarreta inclusive isso, né, de como você vai arrumar a sua casa. Ou então, como você vai lidar com a comida. Tudo, são essas pequeninas coisas que tem que ter um... É difícil... Então, durante muito tempo, eu fiquei tentando impor os meus padrões. É difícil você ver o outro. Não, "perai", o outro é um ser igual a mim, ele tem as coisas dele. Então, "perai", vamos parar e equilibrar isso. Porque senão cai nas frustrações. Você fica o tempo inteiro querendo mudar o outro." (Coabitante)

" Eu acho ótimo que sejam diferentes, né? Cada um traz uma visão diferente pra vida do outro, né? Eu acho que isso é, assim, fundamental. (...) Quer dizer, se for tão diferente que seja impossível compreender o outro, aí não tem relação. Mas, se for diferente mas... Com um nível de compreensão um do outro, eu acho... Eu acho legal."

(Casada - Coabitou antes)

As entrevistadas, em seu discurso sobre a convivência, apontam que, além das dificuldades geradas pelas diferenças individuais, aquelas geradas pela forma como lidam com as situações do cotidiano também podem afetar a relação.

" Até hoje o que eu vivi foi muito... Não foi... Em nenhum momento teve um questionamento dos sentimentos, né? Assim: se eu não te amo mais. Nisso nunca houve. (...) Até hoje o que eu vivi no casamento foi muito essa coisa desse jogo, de como a gente tá lidando com essas situações. Quer dizer, teve momentos que a gente quase se separou... Por dificuldades de lidar com a coisa do outro, com o cotidiano." (Coabitante)

" Eu acho que quando você tá vivendo o dia a dia, você tem problemas. Tem essa coisa toda

e, às vezes, dá vontade de pular fora. (...) Mas aí você pensa numa série de outras coisas... Quer dizer... Na própria relação em primeiro lugar... Acho que você tem que pesar se é boa, se você gosta de tá com aquela pessoa, né?" (Coabitante)

Apesar da ênfase nas dificuldades geradas pela convivência cotidiana, as entrevistadas não destacam somente esse lado. Tanto as entrevistadas que coabitam sem vínculos legais quanto as casadas destacam, também, os pontos positivos dessa convivência, tais como: a solidificação dos sentimentos, o companheirismo e a presença do outro no cotidiano.

" Mas, no dia a dia do casamento... O que se solidifica é o sentimento, né? É o amor, é a vontade de tá junto... É... O... Tesão, que eu acho que, né, que continua. Enfim, mas... É, de certa maneira, você e o outro é... É... Começam a dividir tanta coisa que isso se transforma numa coisa maior." (Coabitante)

" Eu acho bom você poder saber que, de alguma forma, o outro tá ali, que você pode contar com aquela pessoa. (...) que você tem uma outra pessoa ali, né, do teu lado, que compartilha as coisa com você. (...) um companheiro." (Casada)

#### 4.4.1.2 - Expectativas e Projetos

As entrevistadas referem-se às expectativas em dois planos. No plano do ideal, ou seja, do desejo de que o outro corresponda às suas expectativas idealizadas de parceiro e de relação a dois. E, no plano das expectativas enquanto metas, dos projetos de vida que podem ser compartilhados.

As expectativas, no plano do ideal, são consideradas como algo que atrapalha a relação, pois criam insatisfações, em função da impossibilidade do outro corresponder a estas idealizações. Por outro lado, as expectativas ao nível de metas e projetos em comum são consideradas essenciais para a relação, pois aprofundam o vínculo e possibilitam ao casal estar unido em torno de um projeto de vida comum.

" Eu acho que elas atrapalham. (...) Essa coisa de você viver na expectativa, no ideal de algo que pode ser. Você perde a dimensão do momento que tá acontecendo ali, que é único, né? E fica nessa coisa do vir a ser, sabe? Mas não do vir a ser do ser, mas do vir a ser de como seria bom se fosse. (...) Fica olhando pro outro e querendo transformar o outro o tempo inteiro... É, transformar o outro pra ser aquilo que você sempre sonhou." (Casada)

" Eu sou radical quanto a palavra expectativa. Eu acho que a expectativa é sempre uma coisa que leva à frustração. (...) Eu vejo uma coisa de metas. Eu acho que todo casal tem que ter metas... Casal que não tem metas fura a relação, não vai pra frente, tá? É claro que existem as minhas metas individuais e as dele. Mas existem as metas em comum, que vão desde filhos, desde... Comprar um apartamento, comprar um carro, enfim... Uma viagem, tá? Existem metas em comum. (...) Eu acredito só em metas. Acho que todo casal tem que ter metas. A expectativa sempre me soa aquela coisa assim: Ah, como eu queria que ele fosse diferente... Como eu queria que ele me entendesse... Como eu queria que ele adivinhasse que eu quero isso. Enfim... Expectativa pra mim tá muito ligada à... Imagino. Pra mim tá muito fora do que é a realidade... É a minha expectativa."

(Casada - Coabitou antes)

" As expectativas, eu acho que tem dois... Dois lados, né? Um bom e um ruim. Quando você espera demais, quando a sua expectativa é muito... Normalmente o que vem, não vem de acordo com o que você tá esperando. (...) A

sua... Probabilidade de você se frustrar é imensa, tá? (...) a gente vivencia muito essa coisa de esperar que o outro aja de um jeito e não age. Ai você fica... Quer dizer, é uma coisa que eu acho que é... No dia a dia, é uma coisa que... Em determinados momentos desgasta um pouco, né? (...) Esse é o lado ruim das expectativas, né? Da coisa de você... Da expectativa do outro, do ser, da pessoa, né? Como é que ele vai reagir, como é que não vai. E tem o outro lado... Que é o lado legal. Mas eu acho que tem a ver muito mais com meta, né, e objetivo do que... Com... Com a palavra expectativa." (Coabitante)

Os projetos em comum são considerados fundamentais para o aprofundamento e, até, para a manutenção da relação.

" As expectativas, eu acho que são determinantes... Em termos de você ficar junto de alguém. Quer dizer, você ter expectativas completamente diferentes em termos de vida... Eu acho que é uma coisa meio estranha. Você dificilmente consegue conciliar... Não sei se estranha mas, no mínimo, muito dolorida. Você perceber que você gosta muito de alguém mas, ao mesmo tempo... Uma hora aquilo vai abrir, entendeu? Se as suas expectativas se realizarem e as dele também, e forem diferentes, significa que vocês vão pra caminhos diferentes. (...) eu acho que você tem que ter no mínimo... Um grau de expectativas semelhantes." (Casada)

" A gente tem muitos projetos. Eu acho que isso pro nosso casamento é fundamental. (...) Eu acho fundamental essa coisa de você construir junto. Construir junto uma casa, construir junto um projeto, ter planos. Por mais que cada um tenha uma vida profissional distinta, a gente, o tempo inteiro, pensa em coisas que juntem isso, que a gente possa tá caminhando junto." (Coabitante)

" Você viver completamente antagônico... Uma hora racha, né? Porque você tá lutando de um lado, a outra pessoa tá lutando pro outro... Obviamente que nada se cria junto. Só se realmente os dois lutarem na mesma direção.



Ou... Do tipo: Tá bom, você quer isso, eu quero isso. Então, vamos primeiro, um dos dois, tá? Vamos primeiro lutar por isso e, depois, você vem pro meu lado e luta por aquilo. (...) Você não ser tão imediatista, né, no sentido de cumprir as suas expectativas e suas intenções... Saber fazer uma concessão nas horas certas." (Casada)

Outro fator importante é a tentativa de conciliação dos projetos individuais e dos projetos comuns ao casal, ou seja, a busca de um equilíbrio na viabilização de cada um.

" De certa forma, todos os casais têm... Projetos individuais e projetos em comum, né? (...) O que eu acho que muitas vezes acaba acontecendo é que... Por conta de... As vezes, de circunstâncias externas, né? Ou, enfim... Circunstâncias, que não dizem nem respeito ao casal, você tem que mudar, né? Ou você tem que mudar seus planos em comum ou você tem que mudar seus planos individuais. E, vejo até quando... Os dois planos se... Se influenciam. Quando, às vezes, você tem que mudar o seu projeto individual por conta de um... Projeto em comum, entendeu? E, vice-versa. Quando a... Você... Algum plano em conjunto, do casal, vai ser mudado por conta de algum projeto individual, de uma das pessoas." (Casada)

" Eu acho o ideal. Quando você consegue realizar todos aqueles projetos que você tem. É claro que todos é muito difícil, mas... Quando você começa a colocar em prática algumas coisas que você tá projetando. Pra que... A tua vida possa crescer e possa melhorar. E, eu acho que aí depende muito de uma batalha dos dois... Quer dizer, uma coisa que realmente seja desejada pelos dois. Eu acho que o grande problema é em relação aos projetos individuais. Quer dizer, quando, de alguma maneira, você tem um projeto de vida mas, o outro não tá se importando tanto. Então, às vezes, aquilo acaba não acontecendo. Porque não é um desejo dos dois. E, em outros momentos até, o desejo de um, eu acho que, tem que ser mais visto, tem que ser mais valorizado, né? (...) Eu acho que os projetos,

antes de mais nada, eles precisam ser muito discutidos, até pra ver como podem ser realizados. E, aí, quando conseguem se realizar, eu acho ótimo pra relação, porque impulsiona, faz crescer ainda mais, melhorar."  
(Coabitante)

#### 4.4.1.3 - Divisão de Espaço/Privacidade

A questão da divisão do espaço e da manutenção de uma certa privacidade é outro ponto inerente ao processo de convivência. Viver sob o mesmo teto implica em abrir mão, em parte, da privacidade. O discurso das entrevistadas aborda essa questão considerando a privacidade no espaço físico, a busca do equilíbrio entre os momentos de estar a sós e estar com o outro e a tentativa de preservar a individualidade.

A privacidade no espaço físico é um pouco complicada, pois depende, em parte, da existência de espaços disponíveis na própria casa e, em parte, de uma negociação de "territórios". Mas, de um modo geral, existe uma consciência dessa dificuldade e esse aspecto não é motivo de tantos conflitos.

" Quando você vive junto, você pode manter isso, mas não tão radical, né? Porque acaba que os dois tão vivendo no mesmo lugar... Então, não tem isso: esse é o meu lugar, esse é o seu lugar... Isso é meu, isso é seu... Tem um respeito mútuo, né, que se cria."  
(Coabitante)

" Essa coisa de espaço... Quer dizer, não é um problema, tá? Mas eu acho que é uma coisa assim... É que ficam coisas tão, às vezes, tão

utópicas... É legal você repetir o espaço do outro... Mas isso no dia a dia... Não é tão assim, né? Vamos respeitar a privacidade e tal... Mas você acaba invadindo mesmo."  
(Coabitante)

" Quando eu vim morar com o X eu tinha... É... Sempre aquela coisa: Ah, o meu espaço, as minhas coisas. (...) Eu tinha uma coisa de... Marcar territórios em casa, esparramando tudo. E, depois de muito tempo eu vi que isso, que eu "tava" querendo marcar uma identidade dentro de casa... É... Ao mesmo tempo, eu me sentia invadindo e invadida, né, o outro tá invadindo e... Eu acho que com o tempo isso foi... Passando." (Coabitante)

" Eu acho assim importante ter o espaço físico da casa, né? Que você possa ter o seu espaço, que o outro possa ter o dele, mas sem levar isso assim a... A... Radical. (...) Agora... Eu acho importante, e a gente tem isso em casa, tipo: ele tá gravando fita, ele gosta disso, ele fica lá sozinho. Eu não... Eu não fico lá, às vezes vou lá escuto alguma coisa e tal, mas não fico tentando tirar ele do que ele tá fazendo, do que ele gosta de fazer. Da mesma forma, também, que ele não me perturba... Se ele tá vendo que eu tô fazendo alguma coisa que eu tô ali entretida com aquilo, ele respeita." (Casada)

Em relação à busca de um equilíbrio, entre os momentos de estar a sós consigo mesmo e os de estar com o outro, o discurso das entrevistadas demonstra uma certa flexibilidade neste aspecto.

" Olha, eu acho que... Num relacionamento equilibrado deve existir condições da duas coisas. Você vai tá dividindo as tuas coisas e, tem uma hora que você vai querer ficar contigo. (...) Eu acho que se o relacionamento for equilibrado e, as duas pessoas tiverem consciência desse processo do eu e do... Do casal... Eu acho que é possível conciliar."  
(Casada - Coabitou antes)

Existe uma valorização da necessidade de preservar os momentos de solidão do outro. Mas, ao mesmo tempo, existe a consciência de que preservar, sempre, o espaço do outro é muito difícil. O ideal é que se consigam manter os espaços individuais e o espaço do casal e, para que isso ocorra, é preciso que cada um ceda um pouco.

" Acho que isso faz parte também. Há momentos em que você vai querer ficar sozinho... Em que... Vai... Enfim, precisa ficar sozinho. E... Tem outros assim que você... Abre mão disso pra ficar com o outro. (...) Eu acho que o que a gente tem que ter muitas vezes é flexibilidade... Ter o seu espaço e ter o espaço do casal." (Casada)

" É difícil. Porque... Porque sempre você... Você vai acabar invadindo um pouco a privacidade do outro, cobrando um pouco do outro, né? (...) A privacidade, é lógico que você quando casa, você tem a sua privacidade um pouco... Menor lógico. Porque você tem que ceder de um lado, ceder do outro... Isso é uma coisa que você tem que saber levar, né? É uma coisa meio complicada." (Casada)

" Não é uma coisa fácil de equilibrar, privacidade e divisão de espaço. Eu acho que, às vezes... Você necessita de uma privacidade maior... E, realmente, o casamento te dificulta isso. Porque você divide o mesmo quarto, a mesma cama... E, o negócio é você conciliar, eu acho, cada um abrindo mão um pouco." (Coabitante)

Esse, também, não chega a ser um ponto de conflito pois as entrevistadas admitem que, ao fazerem a opção de viver com alguém, fizeram, também, a opção de abrir mão um pouco da sua privacidade.

" Eu sempre digo que eu acho que eu não teria, se eu vier a me separar do X, que eu não teria vontade de casar de novo, de viver junto com uma pessoa. Porque eu acho que, de alguma maneira, você perde muito, né... O seu... Também o seu espaço e tal. E pra você... Pra você é... Viver isso, quer dizer, eu acho que... Tem que ser com uma pessoa que tenha muito a ver com você ou, esteja muito disposta a reformular, né?" (Coabitante)

" Acho muito difícil, esse é o ponto mais difícil. Racionalmente, eu acho que viver junto... Em casas separadas é, teoricamente, uma relação de mais sucesso nesse ponto. Porque você tem essa coisa da privacidade. Tem dias que você não tem... Você tá afim de ficar sozinha, intimamente... Ou você tá afim de tá com os seus amigos e... Sem o olho observador... Enfim, tem esses momentos, né? E, que você tem que pensar duas vezes em virtude da relação que você tá vivendo. Isso é um dificultador. (...) E, é uma opção, né? Você abre mão disso pra tá vivendo junto." (Coabitante)

O discurso das entrevistadas demonstra que, respeitar e preservar a individualidade de cada um, na relação conjugal, é uma necessidade fundamental. A valorização do espaço do outro, no sentido de preservar a sua intimidade, as suas particularidades, de respeitar o outro como alguém que existe além da relação conjugal, é uma tônica constante.

" Eu acho que tem coisas que são suas, né? Tem é... Sei lá, seu armário, suas coisas, entendeu? Sua intimidade... Coisas que você não tá afim... Quer dizer, eu não acho que você tem que trocar tudo que você faz, falar tudo... Tem coisas que você faz que você não quer falar. Tem que preservar também. E eu acho que isso é uma coisa também de espaço. (...) Você poder, poder, respeitar isso, né?" (Coabitante)

" Eu acho que o fundamental é respeitar... Quer dizer, que o outro é um indivíduo além de você, né? (...) Eu acho que é fundamental numa relação você preservar um pouco a privacidade do outro nesse sentido... Quer dizer, o espaço do outro. Pra que ele, também, possa ser gente fora de você, né... Fora da relação, fora de casa. (...) Eu acho importante ter essa... Ter um pouco essa privacidade de cada um, também, poder fazer as coisas que gosta, de poder... E, em alguns momentos, você abrir mão realmente... Mas essa preservação do indivíduo, da pessoa que também tem desejos próprios e precisa de um espaço próprio... Pra em algum momento ficar sem você, pra fazer outras coisas... É fundamental numa relação."  
(Coabitante)

" Eu acho que talvez o mais difícil seja, no meu caso, pra mim, é... Essa coisa de manter... A individualidade, manter o espaço do outro, de manter... Porque, também, como tem essa troca muito intensa, esses interesses em comum, essa coisa toda... Acho que fica uma coisa muito junto e, às vezes, é difícil."  
(Coabitante)

" Quando a gente diz assim: a nossa vida passa a ser uma vida em comum, né? É lógico, é uma vida em comum mas, eu sou eu, ele é ele. Ele tem uma carga, ele tem uma vida. Antes de me conhecer ele já era ele, né? Ele tá só se desenvolvendo e, eu também. Então, tem momentos que eu quero tá comigo, só comigo, né? E isso eu preservo muito. Tanto em relação a ele quanto em relação à minha filha. (...) Eu acho que isso é essencial em qualquer relacionamento... Eu acho que a gente tem que respeitar a individualidade, né, de cada um. E, ver que cada um é cada um, mesmo, antes de você existir." (Casada - Coabitou antes)

#### 4.4.1.4 - Dependência/Independência

Um outro aspecto, também importante, e complementar à preservação da individualidade, é o que se refere à questão da

dependência/independência de cada um na relação conjugal. Ou seja, dos espaços, nos níveis físico e emocional, que cada um tem fora da relação conjugal.

Independência, na relação conjugal, refere-se aos espaços onde cada um atua sem a presença do outro como, por exemplo, o trabalho, o lazer solitário ou com os amigos. E a independência emocional seria complementar a isso. É identificada como a possibilidade de ser sem o outro.

" A independência do casal... De cada um dentro do casal, acho que tem que ser muito... Cuidada. Pra que não fique aquela coisa massacrante, não fique aquela coisa rotineira, não fique aquela coisa chata. Acho que... Casamento hoje em dia tem que ser uma coisa assim... Um espaço comum e os espaços particulares, entendeu? A gente tem que ter a vida em comum, a do casal, e acho que também... A mulher, tanto a mulher quanto o homem tem que ter também... Acho importante cada um ter o seu trabalho. (...) Eu acho também importante, dentro de um casamento, criar um pouco de independência. Não ficar aquela coisa de: só vou ao teatro se for com ele, só vou a praia se for com ele."

(Coabitante)

" Tem que ser uma coisa bem dosada. Isso já fica, razoavelmente, bem dosado quando ambos trabalham fora. (...) no dia a dia é um mundo particular de cada um... Você é independente, você age e reage de forma independente. Você tem festas, tem colegas, você tem subordinados... Tem todo um mundo que o outro não interfere. Pode dar palpite mas... No dia a dia é o teu mundo... Tua mesa, teus papéis, tua função, tua ascensão profissional... É um mundo que você interage sozinha. (...) Agora, no tempo do casal... Quer dizer, o tempo de lazer, o tempo de... De estar junto... Eu acho que é muito mais importante estar junto, do que estar separado." (Casada)

A dependência emocional é identificada como a necessidade de ter o outro por perto, de estar com o outro. A dependência emocional é considerada, pelas entrevistadas, algo natural numa relação a dois, pois é decorrente do próprio envolvimento, do desejo de fazer coisas junto e de estar com o outro.

" Eu acho que ela existe, né? Não dá pra negar que existe mesmo, eu acho que faz parte. Eu acho que a gente é mesmo. Teve uma época que me incomodava mais. Aquela coisa de tá grudado, tá junto o tempo todo. Mas eu acho que agora a gente tá... Tá transando melhor isso. Essa coisa de procurar inclusive ter outras relações, né, não amorosas, mas... De amigos, né? Você buscar outras pessoas em separado, sem o outro tá junto, né? Tem uma coisa meio assim, pra dar uma... Uma equilibrada. Eu acho que é por aí."

(Coabitante)

" Você pode ser extremamente independente numa porção de coisas e dependente em outras. E eu acho que é normal você ser dependente, é... Eu não enxergo assim: Ah, você tem que ser completamente independente do seu marido... Completamente independente de tudo, não depender dele pra nada. Eu acho que isso aí é muito distante... É... De mim, entendeu? Eu acho que tem coisas que você depende sim, sabe? Não é depender no sentido... Eu acho que tem coisas que você acaba... Você é tão... Você tá tão ali junto, entendeu, que você acaba meio misturado." (Coabitante)

" Eu acho que faz parte... Eu acho que quando você se envolve, né, você acaba... É... Se envolvendo emocionalmente, né? É óbvio, né? Física, emocionalmente, de todas as maneiras, né? E, você se envolvendo emocionalmente... Você... Eu acho que tem uma tendência de você extrapolar um pouco, né?"

(Casada - Coabitou antes)

" É outra coisa que eu acho que o tempo



inteiro as coisas... Flutua de um ponto ao outro, entendeu? E... Uma vez que você tá junto com uma pessoa, casada com ela, você... E... Depende emocionalmente dela, entendeu? (...) Eu acho que não tem muito como você escapar disso. Se você tá junto daquela pessoa, você é dependente, você precisa daquela pessoa, você gosta dela, você quer ela, entendeu? Ela te dá coisas que você não tem. Ela te dá coisas que você é... Quer. Enfim... Você depende dela. Não tem como escapar. E, eu não acho que isso seja ruim não. Acho que é inevitável e, de certa forma, é isso aí mesmo... Faz parte, acho que tá implícito na idéia de uma relação." (Casada)

O discurso das entrevistadas demonstra que dependência e independência estão intrinsecamente ligadas e presentes na mesma relação. O ideal é que exista, na relação, espaços tanto para a dependência quanto para a independência. Que cada um possa estar ao lado do outro, sentir-se unido ao outro, participar da sua vida, sem perder a dimensão dos seus espaços individuais, da sua vida além do outro.

" O ideal é que não haja uma dependência entre nem um nem outro. Que ambos tenham o seu espaço, que ambos sejam pessoas independentes. Agora, se isso é... Acontece... Aí já são outros quinhentos. Eu acho que sempre vai existir uma certa dependência de algum ponto (...) Eu acho que o ideal não é o que, às vezes, acontece, né?" (Casada)

" Eu acho que pra tá junto, você tem que tá, pelo menos, com uma perspectiva de caminhar pro mesmo lado. Quer dizer, então, tem coisas que você gosta de fazer com aquela pessoa mas... E... Você não vai ser igual aquela pessoa, né? Você tem um outro lado teu que você acha que: pô, isso seria muito legal desenvolver... E a outra pessoa não curte aquilo. Então, eu acho que tem que ter algum espaço pra cada um se desenvolver, né? E, eu acho que tem que ter até um incentivo do outro

pra que... Pra que isso aconteça, né."  
(Casada - Coabitou antes)

" (...) a questão da dependência e independência eu vejo muito por aí. Quer dizer... Um ser é dependente e é independente, né? (...) Eu acho que... Emocionalmente, eu sou independente, né? Porque eu consigo fazer as minhas coisas, a minha vida não pára porque ele não tá presente... Física e emocionalmente... Mas sou dependente também... Porque eu gosto, né, de... Que ele vá comigo, do ombro amigo, enfim. Eu gosto de ter essa dependência emocional... Também, né?"  
(Casada - Coabitou antes)

" A dependência existe, na medida em que você... Tá junto com o outro, você gosta do outro, o outro de você. Você sente a necessidade da pessoa, né? (...) Então, eu acho que a dependência vai muito disso, do sentimento, da vontade de tá junto e tal. Agora a independência é fundamental... Pra que você também possa ser uma pessoa individual. (...) Eu me sinto muito bem sendo a mulher do X, mas antes de mais nada eu sou eu, né? Sou eu... E eu tenho essa certeza de que eu posso ser uma pessoa... Independente dele."  
(Coabitante)

#### 4.4.1.5 - Pontos que afastam e aproximam o casal

Existem alguns pontos, na relação cotidiana, que as entrevistadas sentem que afastam ou aproximam o casal. Entre os aspectos que aproximam o casal as entrevistadas citam: os projetos e interesses em comum, os filhos, o afeto, a vontade de estar junto.

" Bom, o que aproxima são os interesses em comum... É o amor, né, é a cumplicidade."  
(Casada)

" O que aproxima... Eu acho que é mais o

afeto, né, do dia a dia, a compreensão... Você compreender o outro... Tudo que faz parte do amor." (Casada)

" Eu acho que o que aproxima o casal é o gostar. Que você sente assim... Que gosta da pessoa, que a pessoa, também, gosta de você, trata bem... Eu acho que tratar bem aproxima demais o casal. (...) A vida sexual também aproxima o casal. E os filhos também, acho que aproximam. (...) É uma coisa de aproximação, é uma coisa assim... É um elo forte entre o casal, também, os filhos." (Coabitante)

" Aproximar eu acho que... Bom, eu acho que os filhos podem aproximar muito. (...) e acho que, principalmente, a... A... Acho que essa coisa interna mesmo... Essa vontade de fazer coisas junto, de tá junto, de partilhar determinadas coisas." (Coabitante)

E, entre os pontos que afastam o casal, as entrevistadas citam: o desinteresse pelo outro, a falta de diálogo, de compreensão e de respeito.

" Eu acho que o que afasta é muito o desinteresse. Essa coisa assim... Bem, bem ampla, do que seria o desinteresse. O desinteresse pelo outro. Acho que quando você tá desinteressado do outro... Né? De tudo... Tanto do que ele tá fazendo, do que ele... Dele tá ali do teu lado e você não tá percebendo." (Coabitante)

" É a coisa do verbal. Você deixar de falar... Você deixar muito tempo, por um momento qualquer, ou por uma dificuldade individual, uma dificuldade outra, você se abstem... Por covardia... Por medo de enfrentar... Verbalmente as coisas. Não, o tempo supera... Enfim... As coisas vão se normalizar... E, não se normalizam não. (...) Acho que isso destrói completamente." (Coabitante)

" Uma coisa que afasta é a falta de compreensão. (...) essa coisa da compreensão,

eu acho que é muito importante, né, pra que a relação possa ser partilhada. Um entender bem o outro... Na medida que não há essa compreensão, em que não há essa... Essa benevolência com o outro... Essa coisa de procurar entender o outro... Isso afasta."  
(Coabitante)

" Ah, eu acho que é a falta de respeito, né? Acho que o respeito é uma coisa essencial na relação. Você faltou com o respeito com o outro... Eu acho que isso é que afasta."  
(Casada)

" O que afasta o casal eu acho que é... A perda do interesse... Né? Físico até... Desse respeito... Eu acho que se você se decepcionar muito com uma pessoa... Depois pra você retomar um relacionamento de confiança, de respeito, é muito, difícil." (Casada)

Através do discurso das entrevistadas, pudemos perceber, também, que um aspecto muito citado como sendo um fator de afastamento do casal é o estar muito envolvido com o trabalho, com os filhos ou consigo mesmo.

" Eu acho que são as expectativas pessoais. Eu acho assim, às vezes... Você tá com a cabeça pra uma coisa e ele... Entendeu? Quer dizer, às vezes, você tá muito mais voltada pra você... Envolvida com as suas coisas, com os seus projetos, com as coisas que você pensa, que você sente e não tá... Muito querendo dividir isso, entendeu?" (Coabitante)

" Eu acho que tem uma coisa de... De tá atento pra isso... Sabe, aquela coisa de você tem que tá o tempo inteiro meio... Não chega a ser preocupado, mas é aquela coisa de tá atento. As vezes eu vejo que eu fico um tempão sem nem perguntar pro outro como é que tá, entendeu? Tem uma coisa de você tá... Não pode esquecer essa dinâmica, que você tá com outra pessoa, né? Que existe outra pessoa. Porque, senão, você vai realmente... Você vai se afastando.

Você começa, às vezes, a entrar num pique de trabalho que... Você vai indo, você vai indo, aquilo passa a ser só o seu universo." (Coabitante)

" Filho, eu acho que é uma coisa que afasta, se a gente não toma cuidado. Se você ficar só envolvida com o que é a estrutura de filho... É uma coisa que eu acho que atrapalha. (...) Trabalho, você pode tá envolvida demais. Eu acho que qualquer coisa que... Te envolva demais... Qualquer área que seja... Eu já acho que não é uma coisa legal, tá? Eu posso tá muito envolvida com o meu trabalho e deixar de lado o resto, tá? Eu acho que é uma coisa assim, muito de tá focando sempre as coisas e prestando atenção." (Casada - Coabitou antes)

#### 4.4.2 - A Dinâmica do Cotidiano: divisão de papéis, tarefas domésticas, rotina e regras

##### 4.4.2.1 - Papéis Femininos e Masculinos

Com relação à divisão de papéis em masculinos e femininos, o discurso das entrevistadas, casadas e coabitantes, é contraditório. Afirmando tanto que existe uma distinção entre os papéis femininos e masculinos, quanto que essa distinção é muito relativa.

A primeira posição, que afirma existir uma distinção entre os papéis femininos e masculinos, considera que existem determinadas coisas que têm um teor mais feminino e outras um teor mais masculino. Embora isso não signifique que as áreas de

um e de outro sejam rigidamente delimitadas.

" Eu, antigamente, achava que não. Mas, hoje em dia, eu já começo a achar que tem um pouco, entendeu? Eu achava que não... Que tinham uns homens, super caretas, que era aquela coisa padrão. E, tinham uns homens mais liberais que... E... Podiam fazer de tudo. E, as mulheres também. Mas, eu acho que, tem uma... Eu não sei... Tem uma essência, talvez, tem um eixozinho que você... Vai vendo que os homens tem determinadas coisas, realmente, e as mulheres atendem a uma outra, a determinadas coisas. É claro que nem... De forma tão radical como, talvez, fosse antigamente... O homem só mexia... Com trabalho, carro e a mulher com casa. Hoje em dia não... Realmente, o meu marido divide bastante as tarefas comigo. (...) Mas, tem uma... Eu acho que existe uma, é uma... Como é que eu vou explicar? Um mínimo de... Não sei se é essência... Realmente, você vê a tendência nas mulheres... A, realmente, a... A administrar mais a coisa do filho, a olhar mais a comida do filho, de tá pensando no filho."

(Coabitante)

" Olha, essas coisas pegam tanto, sabia? Porque, a gente vive com essa coisa: Ah, feminismo... Não, porque... Tudo que o homem faz a mulher tem que fazer também. E, na realidade, não é nada disso. Eu acho que têm coisas que, realmente, até... Que são coisas mais femininas... Né? Têm um teor mais feminino. E, tem outras coisas que têm uma coisa mais masculina. Não quer dizer que eu me impeça de fazer. (...) Tem coisas que, eu acho que, são mais masculinas e, outras são mais femininas, mas não me incapacita... De fazer. Como, eu acho que, também, não deve incapacitar o homem de fazer, também."

(Coabitante)

Apesar de admitirem uma divisão de papéis em femininos e masculinos, as entrevistadas afirmam que essa divisão, hoje em dia, não é tão rígida. Embora os homens, também, ajudem, algumas vezes, nas tarefas domésticas, as entrevistadas consideram que existe uma tendência nas mulheres a

assumirem mais para si o cuidado com a casa e com os filhos, mesmo quando trabalham fora.

" Existe um pouco essa... Eu não sei se é cultura... Essa coisa assim interna que... Eu acho que... As vezes, é uma coisa que você tem que pedir: pô fulano, dá uma olhada aí um minuto, que eu vou ali. Olha, segura o filho que também é teu. Porque, se você deixar, às vezes, tem realmente uma... Uma tendência da gente a... Cuidar das crianças. Acabar cuidando, realmente, da casa... A maioria das mulheres, no fundo, acaba... Tendo esse tipo de comportamento. Por mais... Além de trabalhar fora, além de dividir, além de, de vez em quando, pedir a ajuda do marido, e o marido ajudar... Mas ela realmente... O básico, acho que, o grosso, sobra pra ela... Hoje em dia, os homens lavam louça, vão pra cozinha, cozinham... Fazem isso... Mas é... Mas não tanto, quantitativamente, não tanto quanto, realmente, as mulheres fazem, entendeu? (...) não é uma coisa assim... Tão rotineira pra ele quanto é pra mim... A mulher, realmente, assume muito mais pra ela... Cuidar das crianças, da casa."  
(Coabitante)

" A gente aprende que sim... Que a mulher é que sabe cozinhar, arrumar a casa, cuidar dos filhos... E, o homem é quem sabe trabalhar. Então, a gente aprende. Eu acho que isso... É definido já, desde muito cedo. Na prática, não é isso que acontece, né? Na prática, a gente vê mulher trabalhando tão bem quanto os homens... E homens, também, cozinhando melhor que muitas mulheres. Então, eu acho que essa questão dos papéis, na prática, acaba... Não acaba assim muito rígida. Isso pode ser trocado. Pode ser... As coisas podem... Pular de um ponto pro outro. (...) Agora, em casa, o que acaba acontecendo é que, geralmente, é... Toda a parte, mesmo, de casa acaba ficando comigo... A parte toda de casa, de comida e tal é comigo." (Casada)

As entrevistadas casadas entendem que alguns papéis, sobretudo os ligados à maternidade, são mesmo essencialmente

femininos. Apesar de atribuírem importância ao papel do pai, consideram que certas coisas são atribuições da mãe. Mesmo quando os pais têm uma postura mais próxima e participam dos cuidados com os filhos.

" Eu acho que tem. Sabe por quê? Porque, por exemplo, eu vejo... Eu não tinha essa visão antes, eu passei a ter agora. Porque... Eu acho que, depois que a gente tem filho, tem coisas que essencialmente a mãe tem que fazer. Tá entendendo? Tem coisas que o pai não percebe. Então... Eu acho que tem alguns papéis essencialmente masculinos... Que ele percebe que ele pode fazer melhor do que eu. E, tem os femininos, tá entendendo? Não é que ele não faça... Tenho certeza que ele pode fazer. Mas, a mulher faz melhor... Principalmente as coisas mais ligadas à maternidade... Eles fazem... Mas não é a mesma coisa." (Casada)

" Por mais que você diga: não, tudo que a mulher faz... O homem pode fazer também... É vice-versa. Não é bem por aí, né? Eu batalho muito pra isso, né? É... Em coisas assim do lar, de tarefas. Pôxa, você podia fazer isso... Mas existem coisas que são essenciais, eu acho. (...) O papel de mãe... O pai é muito importante pro filho, né? O papel do pai, a presença do pai... Mas, eu acho que a presença da mãe não tem que... Depois que eu tive filho eu vejo... É... Não tem como... São divididos mesmo. Não é que o pai tenha que sair pra trabalhar, pra fazer dinheiro... Não, não é nada disso. Mas, é que tem uma coisa do relacionamento da mãe e do filho, né? Que é da mãe... É uma coisa da mãe. Então, não dá pra trocar. Então, por isso que eu digo, existe sim uma diferença, né?"

(Casada - Coabitou antes)

" Eu acho que essas coisas são naturais, né? Até do... Da mulher mesmo. De amamentar a cria, essas coisas todas. Depois, aí, você vai começar a questionar uma porção de coisas..." (Casada)



O discurso das entrevistadas aponta, também, uma outra posição em relação à divisão de papéis. A de que os papéis femininos e masculinos são determinados culturalmente. E, que não existiriam papéis essencialmente femininos ou masculinos.

" Acho que a sociedade impõe muito isso... Acho que tem funções ou papéis... A gente ouve muito isso, desde que nasceu. Eu não acredito nisso, teoricamente, eu não acredito muito nisso. Acho que tem coisas que são de uma pessoa, tem coisas que são de outra pessoa... Acho que a gente nasce e tem determinadas características nossas que podem ter sido mais ou menos influenciadas pela nossa educação, pelo social e tal... Mas, que realmente são nossas. Isso sim. Agora... Por ser masculina ou feminina não. Mas, eu acho que a sociedade... Estimula determinadas coisas na mulher e... Desestimula outras coisas no homem. E, você sempre ouve isso... E, sem querer, de repente, eu mesma me vejo repetindo isso. (...) Numa vida de casal isso acaba aparecendo. Porque, aí sim, é: quem lava a louça? Quem arruma a cama? Quem troca a fralda do filho? Quem faz as compras? Aí sim, a coisa fica mais evidente, né? Se você tem ou não essa relação tão equivalente." (Casada)

" Tem um papel feminino essencial, que é o parto e a amamentação, esse aí não dá pra trocar. Mas, fora isso, eu acho que o papel... Olha, eu acho que o que acontece muito é que tem aptidões que... Muitas vezes, são mais incentivadas nos meninos pequenos e nas meninas pequenas... Mais em um do que no outro. Então... Eu acho que... Por exemplo... Tem coisas que, normalmente, os homens acabam fazendo dentro de uma casa... Tipo... Consertar luminária. Mãe, tinha um casal amigo nosso que ele odiava isso e, ela é que fazia. Então, ela é que montava tudo, consertava a luminária... Então, eu acho que, depende muito das duas pessoas, né? De como elas se sentem dentro de cada atividade, né? E, da própria aptidão pessoal dela, né? Então, eu não dividiria, assim, a priori." (Casada - Coabitou antes)

Contudo, o discurso das entrevistadas, nesse sentido, é contraditório pois, apesar de entenderem que não existe uma divisão de papéis em essencialmente femininos e masculinos, acabam admitindo que, na prática cotidiana, existe uma tendência das mulheres assumirem os papéis ligados ao cuidado com os filhos e a casa.

" Eu não acho que tenham papéis, essencialmente, femininos e masculinos. Agora... Eu acho que... Talvez, pela educação que a gente recebe... Não sei. Pelos próprios exemplos que a gente vê... Acabam existindo coisas que a mulher toma a frente pra fazer, ou o homem toma a frente pra fazer. Por exemplo, eu acho que na vida doméstica... Nessa coisa da administração da casa, na relação com as pessoas que trabalham com a gente aqui é tal... Acaba que passa muito mais por mim. E, passa muito mais pela mulher, em geral. Pelo o que eu vejo, né? (...) essa coisa mais doméstica, ainda, fica mais com a gente... Não coloco, nesse lado doméstico, a relação com os filhos. Porque, acho que, aí, é uma coisa que pode ser plenamente dividida. Apesar de que, na maioria das vezes, nem falando de mim, mas falando de tudo que eu vejo... Eu acho que, ainda, sobra mais pra mãe, em todos os sentidos. (...) Quer dizer, eu acho que, naturalmente, a mulher, de alguma maneira, ela já... Toma a frente em determinados assuntos, enquanto o homem toma em outros. Mas, não é que esses seja papéis, essencialmente, de um e de outro. Quer dizer, eu acho que todos os dois podem e devem, até, entrar nessas áreas alheias... Pra que as coisas, às vezes, fiquem mais fáceis pra todo mundo, né?" (Coabitante)

" Eu acho que, realmente, é aquela estória... É uma coisa cultural mesmo, e não tem jeito. É... Por exemplo, assim... Logo que a gente casou... É... Ele sempre assumia essas coisas de conta da casa... Ele que pagava. Eu era muito nova também. Não tinha cabeça pra nada. Aí, nasceu a y(filha)... Ele me ajudava muito... Foi um tremendo paizão. Mas, a partir

do momento, também, que você vai... Quer dizer, que eu senti que eu fui amadurecendo e assumindo a y, a casa... Eu comecei a ter todas essas funções. Entendeu? Fazer compras, decidir com a empregada. (...) Quer dizer, acontece muito isso. Essa coisa assim de que... Você assumir essas coisas, entendeu? Você acaba assumindo... No começo é aquele negócio de dividir tudo... Mas... Mesmo porque, é aquela estória... Você foi criada assim... Por mais que... Eu tive uma educação liberal... Mas a minha mãe sempre fez esse papel. E, eu sempre vi isso, eu tive isso como modelo, entendeu?" (Coabitante)

De um modo geral, podemos perceber pelo discurso das entrevistadas que estas consideram que, além das questões culturais, a divisão de tarefas ainda se estabelece de forma predominantemente tradicional, também, porque as mulheres, de certa forma, assumem essas tarefas como sendo mesmo uma obrigação sua.

" Eu acho muito engraçado quando as mulheres... Pior ainda do que os homens... Quando as mulheres falam: o meu marido me ajuda... Como se o homem viesse a nível de... Completar alguma coisa, e não, assumir uma tarefa, tá? Então, se vai pra cozinha fazer um "rango"... Vai pra cozinha fazer um rango. Se vai cuidar de um filho... E, não aquela coisa: Ah, ele me ajuda... Ele troca, uma vez ou outra, uma fralda. Ele faz... Elas falam: ele me ajuda... Como se a obrigação fosse delas. É uma coisa assim... Ainda tem um modelo antigo. (...) Eu não acho nada de excepcional... Mas, ainda, tem mulheres que olham pra isso... E, acham bárbaro um homem que vai pra cozinha fazer alguma coisa, que ajuda."

(Casada - Coabitou antes)

" Os papéis são flexíveis, mas... De um modo geral, os papéis se estabelecem assim, de uma forma... Porque as pessoas adotam isso também. Claro que... Eu posso até... Como eu vejo, mulheres reclamando: Ah, que o fulano fica me

pedindo pra fazer isso, pra fazer aquilo... Tudo bem, a pessoa pode até pedir, mas se você, também, não incorporar que aquela é uma obrigação sua... Você devolve pro outro: Ah, tem paciência! Eu hoje não vou fazer isso, faz você. Isso é uma coisa que pode ser, plenamente dividida entre as pessoas. Mas, existe, eu acho, no social, existe essa coisa de... Cada um já tomar a frente em determinados assuntos." (Coabitante)

A maioria das entrevistadas afirma que, por conta da internalização de um modelo tradicional de divisão de papéis, as tarefas domésticas e o cuidado com os filhos ficam mais sob sua responsabilidade. Mesmo quando os homens as ajudam em algumas tarefas e no cuidado com os filhos. Contudo, algumas entrevistadas afirmam que, no seu relacionamento, essa divisão é mais equilibrada. É feita em função das disponibilidades de horário e atividades de cada um e, também, do gosto de cada um. Ou seja, cada um desempenha as tarefas de que gosta mais.

"Tarefas domésticas... É muito em função de horário, né? O X(parceiro) cozinha bem melhor do que eu, aliás. Ele gosta de cozinha. Mas... É muito em questão de horário... As vezes, eu tô assim, num pique de trabalho que dura 1 mês, 2 meses... As vezes, ele tá com um pique de trabalho que dura mais tempo... Então, a gente tenta se ajudar um pouquinho, nesse aspecto. (...) a gente tenta essa coisa meio de companheirismo... Tem que ter essa coisa de amizade, de companheirismo... A gente tem uma pessoa que vem 2 vezes por semana, que ajuda um pouco... É flexível, bem flexível... Eu acho que não tem nada muito pesado pra ninguém não." (Coabitante)

"Acho que isso depende do individual mesmo. Assim... A gente tem... Graças a... A gente combinou muito bem: o que um gosta, o outro não gosta. Então... A gente divide muito bem, tanto as tarefas, quanto as funções." (Coabitante)

" A gente divide muito bem. E, graças a Deus! O X(parceiro) é uma pessoa que não tem essa... De machismo, de papel de mulher. Ele vai pra cozinha e faz uma comida. Cansei de chegar em casa, de noite, e tá ele e a y(filha) me esperando, com a mesa posta e comida."  
(Casada)

" A gente divide mais em termos de gosto: o que ele gosta mais e o que eu gosto mais de fazer. Mas, não porque, isso é de homem e isso é de mulher." (Casada)

" Eu acho que tem coisas que um gosta de fazer e o outro não gosta. Em termos de tarefas domésticas, a mulher foi mais... Acostumada a ter que gostar, digamos assim, desde criança."  
(Casada)

A possibilidade de uma outra distribuição dos papéis femininos e masculinos aparece, no discurso das entrevistadas casadas, muito como uma coisa circunstancial. A divisão, e até a inversão dos papéis, aparece como algo que ocorre, na maioria das vezes, por força de circunstâncias externas como, por exemplo, entrada da mulher no mercado de trabalho ou uma situação de desemprego do homem.

" Eu acho, inclusive, que a nossa geração mudou muito esses papéis, né? Por uma necessidade também... Porque a mulher foi pro mercado de trabalho. Enfim, não se... Foi uma coisa de fora pra dentro, na verdade, essa mudança... Uma necessidade." (Casada)

" Olha, eu acho que, graças a Deus, hoje em dia, eu vejo os homens todos tem... Não tão mais com essa mentalidade de papéis femininos. Isso é pra mulher fazer, isso é pro homem fazer. Porque, hoje em dia, as coisas tão muito misturadas, né? Hoje em dia, de repente, a mulher se vê numa situação de que, o homem tá desempregado e, o homem vai levar o filho pro colégio, vai fazer compras no

supermercado, vai fazer uma comida e, a mulher sai pra trabalhar." (Casada)

A questão da divisão de papéis e até da flexibilidade para invertê-los, de vez em quando, aparece no discurso das entrevistadas como uma possibilidade. Mas que depende, na maioria das vezes, de uma situação excepcional. Ou seja, os homens participariam mais das tarefas domésticas e do cuidado com os filhos, somente nos casos em que a mulher, por algum motivo, estivesse com dificuldades para fazê-lo.

" Eu acho que a gente já trocou... Já fluiu... Já assim... De eu tá trabalhando mais que ele... De eu tá, assim, chegando mais tarde do trabalho e, ele ter que fazer compras. Isso já aconteceu. Mas, ele não deixou de trabalhar... Mas, eu trabalhava o dobro do tempo que ele trabalhava... E, não tinha mais tempo de fazer compras, nem de ver a empregada, nem de ver nada. Aí, ele ficou cuidando... E fluiu normal. Reclamou um pouco, mas é normal."  
(Coabitante)

" Quando eu não posso, tenho que trabalhar, quando a y(filha) tá doente, ele fica. Cansa de fazer as coisas com ela, né, de pai e mãe. Coisas de compra, a gente divide muito, supermercado... Ele faz numa boa... E, sem cobrança, rola numa boa. (...) tem uma certa divisão... Não é como era na minha casa não. Meu pai não fazia... De jeito nenhum. Quem ia no supermercado era a minha mãe. Quando muito ele podia ir junto. Entendeu? Mas ele sozinho jamais. E, aqui em casa, volta e meia isso acontece. Porque eu não posso ir ou porque eu tenho um negócio... E ele vai porque tá disponível. É flexível." (Coabitante)

" Eu não sei... Mas, não seria uma coisa muito prazerosa pra ele não. Por exemplo, cozinhar, até que, de vez em quando, ele entra na cozinha, faz um pudim... Mas, como obrigação, a gente nunca passou por isso, entendeu? (...) O X(parceiro) nunca se omitiu de ficar com as

crianças, de trocar fralda... Não sei como seria isso, se fosse uma obrigação diária, de dividir as tarefas. Eu acho que quando eu voltar a trabalhar, isso vai ter que ser repensado, né?" (Casada)

#### 4.4.2.2 - Papéis Ativos e Passivos

No seu discurso, acerca de como se estabelecem e se dividem os papéis ativos e passivos na relação, as entrevistadas referem-se a essa questão com sendo algo dinâmico. Entendem que nenhuma pessoa é totalmente ativa ou passiva, que isso depende, além das características de cada um, de momentos e situações.

" Eu acho que cada um é ativo e passivo, né? Eu não vejo... Acho muito difícil você... Você... E... Encontrar uma pessoa que seja... Tem até umas pessoas que são muito mais ativas que passivas, mas ninguém é cem por cento de uma coisa só. Né? Então, eu acho que depende muito." (Coabitante)

" Eu acho que não existe isso. Porque, na verdade... E... Ambos são passivos e ativos, dependendo da situação e do momento, né? Isso não há mal nenhum... Você ser ativo ou passivo, entendeu? Eu acho que o que... O importante é, justamente, você poder trocar: ora ser ativo, ora ser passivo. Não ficar preso a um determinado é... Papel." (Casada)

Os papéis ativos e passivos se distribuem na relação de forma dinâmica, dependem muito de como cada um está naquele momento. Da sua disponibilidade interna, emocional, para desempenhar um papel ativo ou passivo. E, até, do momento de vida que cada um está atravessando, as situações que está enfrentando e as atividades que está desempenhando.

" Acho que isso é uma experiência individual, né? Por exemplo, aqui em casa... Engraçado... Esse negócio de ativo e passivo, acho que não... Que são momentos, né, situações. (...) São momentos... Eu acho que tem momentos que você passa, momentos pessoais teus, que você passa... Né? Momentos delicados, né, de questionamentos, né, de... De pensar toda a sua vida, né, reflexões. E, aí, certamente, você deixa algumas coisas meio de lado, né? Mas, são passageiras... E, eu acho que o parceiro, o companheiro, tem que compreender isso também." (Casada)

" Ah, eu acho que isso muda o tempo todo. Pelo menos eu sinto aqui, na nossa relação... Que isso se modifica o tempo todo, em relação a tudo, entendeu? Eu acho que é muito uma coisa assim... de como você tá no momento, pessoal, seu... Entendeu? As vezes você tá... Com milhões de coisas, ativa, aí você vai, vai... Por iniciativa mesmo, vai pegando as coisas e vai fazendo... Vai levando as coisas adiante. E o outro não tá legal e vai, até, jogando a bola pra você. Eu acho que isso é extremamente... Oscilante, entendeu?"

(Coabitante)

" Tem momentos que isso muda. Eu acho que... Vai mais do... De como tá a vida de cada um, entendeu? A disponibilidade de cada um."

(Coabitante)

Existe a percepção de que as posições ativa e passiva não são rígidas, ambos são uma coisa e outra, dependendo da situação. Uma pessoa que, aparentemente, é mais ativa em determinadas situações se torna mais passiva em outras.

" As vezes, é uma pessoa mais ativa, mais estourada, mais... Tipo... Mais mandão, ou mais mandona, mais autoritária... E, a outra acaba, né? Fica, às vezes, mais submissa, vai deixando pra lá. Deixa pra lá porque tem um temperamento mais... Sei lá... Mais compreensivo e tal. Mas, as coisas, às vezes,



invertem. Então, às vezes, você se deflagra com alguma situação, algum conflito, alguma coisa. E, você deflagra que aquela pessoa, né, que é tão autoritária, que é tão mandona, que é tão... Né? Sei lá. Tanto do homem quanto pra mulher, isso não... Se torna completamente dependente de você em certas situações, né? De ativo se torna um passivo... Que, às vezes, você até se assusta. Então, eu acho que isso é muito, às vezes, mascarado. Eu acho que... É... São momentos de ser ativo, momentos de ser passivo, nos dois. Mesmo naquela pessoa com temperamento mais forte, com temperamento de: Não. Quem manda sou eu."

(Casada - Coabitou antes)

" Eu fui criada assim... Essa era uma frase do meu pai, ele dizia: tem sempre um que manda e um que obedece. E, eu cresci escutando isso. E, eu cresci escutando e discordando disso. Eu dizia pra ele: mas não pode ser. Porque, eu acho que tem momentos em que, você vai tá mais fragilizado e a sua mulher vai tá melhor, entendeu? Ou, os dois tão mal, ou os dois tão bem, ou... Enfim, o que seja. Mas, não tem essa... O humano, o ser humano não é dessa rigidez, né? Isso é criado culturalmente, pra atender a uma série de expectativas, né?"

(Casada)

As entrevistadas consideram que as posições ativas e passivas na relação não são, e não devem ser, rígidas. Isso deve ser flexível e até inverter-se em alguns momentos, para que a relação não fique muito desequilibrada: com um sempre tendo o papel ativo e o outro o passivo. O ideal é que isso seja dinâmico e complementar.

" O ideal é que seja dinâmico, né? Eu acho muito ruim se existe uma coisa assim estabelecida de que: um é ativo e outro é passivo. Eu acho até que essas coisas acontecem nas relações... As vezes as pessoas adotam essas posturas. (...) De um modo geral, tanto na relação sexual quanto na relação em geral... O ideal é que haja... Um dinamismo maior, em que os dois participem. Porque,

senão, eu acho que... Tudo aquilo que é muito radical... Quer dizer, se um é muito passivo e o outro é muito ativo, ou vice-versa, a barra vai pesar, pra mim e pro outro, do mesmo jeito, entende? O que é ativo acaba com uma sobrecarga maior, porque fica sendo sempre a mola da relação. Aquela pessoa que puxa, que propõe coisas, que toma iniciativas e tal. E, o outro, vai ficando apagado... Por um lado, pode ser mais cômodo porque: Ah, deixa que fulano resolve. Mas, por outro lado, ele vai se sentindo, também, mais por baixo. Porque, aí, tem sempre alguém tomando as iniciativas, empurrando, né? Puxando a relação, puxando a vida, então, enquanto ele tá parado. Então, eu acho, eu tenho uma preocupação muito grande com esse lado. Quer dizer, que um não fique sempre sendo o ativo e o outro o passivo." (Coabitante)

" Eu acho que é a coisa da fase também, né? E, também, de posturas é... Pessoais. Como é que você passa... Se você é uma pessoa mais tímida, se você é uma pessoa mais... Extrovertida. Enfim... E, você passa isso pras pessoas, né? Mas, eu acho que se tiver essa, esse desnivelamento na essência... A coisa não... Não vinga, à nível de viver junto, também. Eu acho que... Um sente que tá sendo ativo demais... Vai e cutuca o outro: Oh, não dá. (...) É importante que... Se você sente que isso tá ficando... É... No teu dia a dia, né, tá ficando a nível de essência... Você tem obrigação de questionar esse tipo de coisa... Tentar acordar aquela outra pessoa. Porque é muito cômodo, né? É uma situação doentia, mas é cômodo. As pessoas acabam se acostumando com um tipo de relação. Mas, a médio e longo prazo, isso não resiste muito. Então, é interessante você sacar isso rapidamente, né? E tentar modificar." (Coabitante)

A complementariedade é importante, também, para que a relação possa fluir pois, quando ambos querem ficar numa posição ativa ou passiva a relação se desequilibra.

" Eu acho que, dentro de uma relação, um sempre tem que ser mais passivo e o outro mais ativo, né? Se os dois forem passivos demais nada acontece. Se os dois forem ativos

demais... Vai ser briga o tempo inteiro." (Coabitante)

A relação se desequilibra, também, quando existe uma competição entre o casal para ver quem domina. Os dois ficam disputando a posição ativa.

" Isso acontece o tempo inteiro. Mas eu não concordo com isso. Eu acho que os dois tem que ceder. Mas, sempre, um é mais forte que o outro: um manda sempre mais que o outro. Um é mais mandão, o outro, não quer se chatear, obedece. E eu vejo muito isso ao contrário: a mulher mandando e o marido... Ah, tá bem."  
(Casada)

" É uma guerra de poder: os dois o tempo inteiro querem mandar. É uma guerra de poder... De vez em quando a gente tem que: Peraí! Não tem passivo aqui. É difícilimo! Teve época que a gente já teve... Uma época eu fiquei, depois ele ficou. Teve uma época que eu dominava mais a cena... Ai, de vez em quando, a gente se dá conta que o outro tá dominando, aí fica uma guerra. Não é guerra nesse sentido mas... Fica o tempo todo uma disputa." (Coabitante)

Um outro aspecto da complementariedade, levantado pelas entrevistadas, é o que se refere à divisão das atividades ou áreas, que cada um atua, em função das características individuais de passividade ou atividade. Ou seja, cada um busca no outro uma complementariedade entre ativo e passivo para equilibrar a relação.

" Eu acho que é... A gente... Tem pontos passivos e pontos ativos. Eu vejo isso no meu marido. Tem coisas nele que eu acho extremamente passivas e coisas nele que eu acho ativas. Então, quando... Acho que quando você... Se relaciona como casal... A gente aprende a lidar com isso. Tipo assim: eu sei

que nesse ponto ele vai muito mais do que eu e, nesse ponto, eu vou muito mais que ele. Então... A gente aprende a dividir também esse tipo de coisa. Eu sinto assim... Tem coisas que eu acho... Ele formidável, vai à luta e tal. Então, eu sei que, essa área, eu deixo com ele. Como tem outras áreas, que ele sabe que eu vou muito mais, e que ele... É passivo. As pessoas não são o tempo todo ativas, né? E, não são o tempo todo passivas também. Eu acho que depende do que... Do que estimula mais, do que interessa mais, o que acha melhor, o que não acha. Então... Eu acho que o bom do casal é quando eles conseguem assim... Aproveitar... O seu passivo com o meu ativo e, o seu ativo com o meu passivo, né? Nesse sentido, no dia a dia, tem coisas que eu deixo com ele porque ele vai fazer melhor... Tem coisas que ele deixa comigo porque eu vou fazer melhor." (Coabitante)

" Eu acho que... Cada relacionamento assume determinadas coisas... Sei lá... Pra algumas coisas... Aí, independente de ser homem ou ser mulher, né? Alguém assume um papel muito mais ativo e, pra outras coisas, o outro assume um papel muito mais ativo." (Casada)

De um modo geral, o discurso das entrevistadas demonstra que estas lidam com as questões de ativo e passivo de uma forma dinâmica. Contudo, quando a questão do ativo e passivo refere-se ao aspecto sexual as entrevistadas, sobretudo as casadas, afirmam ter, ainda, uma certa dificuldade de colocar-se numa posição mais ativa.

" Eu acho que isso aí, pra mim, tem uma componente muito forte cultural, né? Aquela coisa de ter medo de tomar a iniciativa... Porque: Ah, mulher não toma a iniciativa. Principalmente em relação a sexo. Então, isso aí é uma coisa que, pô, mesmo com toda consciência que você tenha... É difícil, às vezes, você botar na prática, no dia a dia. Quer dizer, você... Começa a tomar um, a ter um papel mais ativo... Ao mesmo tempo, você

fica com um monte de inseguranças."  
(Casada - Coabitou antes)

" Isso é uma coisa que eu não consigo lidar com isso não. Por mais que eu ache que a mulher tem todo o direito... Tem todo o direito. A mulher é como o homem... Os dois tem que, na hora... Eu acho que ambos tem direito de querer uma coisa, o outro de não querer. Eu acho que... É, aqui em casa, a gente faz muito isso. Só no lado sexual é que eu ainda... Não sei... Eu sou muito de esperar mais, de ser mais passiva. Mas, eu acho que isso, também, tem a ver com a minha educação. É também difícil você vencer totalmente a maneira que você foi educada, né? Eu acho que fica alguma coisa dentro de você. Quando eu vejo, eu tenho mais a posição mais passiva... Me coloco mais nessa posição." (Casada)

#### 4.4.2.3 - Regras

O discurso das entrevistadas, com relação às regras do relacionamento, foi analisado tendo como eixo dois pontos: como se estabelecem e se modificam.

Com relação à forma como se estabelecem as regras no relacionamento, o discurso das entrevistadas demonstra que as regras não são delimitadas a priori, mas sim no decorrer do relacionamento. Algumas regras vêm desde o período de namoro, mas outras se estabelecem a partir da convivência, no casamento e na coabitação.

" Eu acho que, naturalmente, as coisas foram se estabelecendo e, dependendo das necessidades, também se conversa, e se estabelecem essas regras, né? E, as coisas mais subjetivas, eu acho que vai, também, se conversando, vai se vivendo... Vai se

mostrando o que gosta, o que não gosta, o que é, o que não é. E, sei lá, acho que se estabelece assim, acho que na... Na dinâmica da relação, mesmo, as coisas vão aparecendo. Eu acho que as regras do relacionamento afetivo vem desde o namoro, né? Até porque, acho que esses acordos de relação afetiva eu acho que... É... Começam desde o momento que a relação começa e vão se desenvolvendo, né? Agora... As funcionais sim, aí é depois que casa, porque tá se dividindo um espaço... Diferente do que se dividia antes. Então, eu acho que... Aí, vai pelo dia a dia mesmo."

(Coabitante)

" Eu acho que se modificam no casamento. Eu acho que... Quer dizer, alguns comportamentos, algumas coisas do namoro são preservadas mas, sem dúvida, que a relação do dia a dia mostra que tem coisas que você, realmente, acaba modificando. Até pela própria é... É... Essa coisa mesmo da convivência, e das necessidades, que vão aparecendo no dia a dia, né? Eu acho que não tem muito regras estabelecidas. Eu acho que... As coisa mudam muito durante uma relação." (Coabitante)

No casamento e na coabitação, as regras vão surgindo para organizar a convivência e estabelecer um ritmo comum. Dependem e variam, também, de acordo com a personalidade de cada um.

" Eu acho que são regras pra manter um relacionamento. Regras tipo assim: pô, eu não gosto que você grite... Ah, não gosto que você... Ah, faz dessa maneira... São coisas assim que você vai moldando. (...) Eu acho que nem é muito regras... Eu acho que é tudo uma conversa. Se a pessoa tá afim que aquele relacionamento vá pra frente, ela vai tentar caminhar pro mesmo lado que a outra, né? (...) É tudo em função dos dois ficarem bem, né?"

(Coabitante)

" No viver junto... As regras ficam muito mais estabelecidas... Não é uma questão de regras mas, o ritmo fica muito mais estabelecido... Pra uma relação a dois e... Mesmo que esse

rítmo seja variável... Mas, enfim, ele é dependente... Quer dizer, não é você quem traça... A coisa vai acontecendo em função... Da outra pessoa, da relação... Se estabelece, vai fluindo. (...) Quer dizer, as regras ficam, mais ou menos traçadas, em virtude daquela outra pessoa. E, você tem que entender... Aquela outra pessoa, sentir aquele momento e, aí, traçar a tua vida. Não é uma coisa... É... Individual, né?" (Coabitante)

" Eu acho que essas regras começam a aparecer a partir do momento que você vai morar junto com a pessoa. Seria um acordo... É um acordo tácito, né? Ninguém estipula o acordo... Ninguém senta na mesa e: vamos fazer um acordo. As coisas acontecem... As normas vão acontecendo sozinhas... Um, de repente, se encarrega de uma coisa, o outro de outra, mas... Sozinhos. Isso vai surgindo... Acaba sendo pela própria personalidade: um vai ser mais ativo numa coisa, o outro mais passivo em outras." (Casada)

" São formadas certas regras, principalmente... É... Dependendo da personalidade de cada um, do temperamento de cada um, né?" (Casada - Coabitou antes)

As regras que se estabelecem na relação são flexíveis e vão se modificando, também, no decorrer do relacionamento. As regras vão se estabelecendo para atender a determinadas necessidades e se modificam à medida que essas, também, se modificam.

" Ah, eu acho que elas são flexíveis. (...) Você pode, até, ter algumas regras que valham num determinado momento... Em função de uma determinada conjuntura, né? E, até no dia a dia mesmo. E, de repente... Essas regras são modificadas ou são... As pessoas... Assim... Concluem que aquela regra não tá funcionando e, aí, tem que... Ou cria uma outra regra ou flexibiliza essa. Quer dizer, nada é

inflexível. Acho que não pode ser... Então, acho que depende do momento de cada um, depende do... Depende da situação."

(Casada - Coabitou antes)

" Eu acho que as regras, dependendo de cada um, elas podem ser mudadas ou não. Dependendo... Do momento e dependendo da vontade de cada um. Porque... Você vai mudando com o tempo, né? Você mesmo... Com a sua personalidade... Você determina certas coisas, e seu companheiro também. Então, porque você aceitou aquilo e ele não ou, ele sim e você não... Não vai ser assim a vida inteira, né? Então... Tem que ter uma certa... Um certo jogo de cintura também... Pra você ir mostrando que não é assim... Não é essa coisa rígida, né?" (Casada - Coabitou antes)

" Ah, eu acho que elas se modificam. Acho, até, que ao longo dos anos. Eu não sei se daqui a alguns anos isso vai se estagnar, entendeu? Mas, eu acho que assim... A gente já não tem mais a mesma relação... Nesse sentido assim de... De regras. Não é a mesma coisa. Eu acho que é porque você cresce, assume certas coisas... Outras você dá menos importância... E as coisas vão se moldando, né?" (Casada)

" Acho que elas se modificam, e acho que... Elas vão mudando o tempo todo... As regras do casamento. Acho que elas vão... Conforme o relacionamento elas vão mudando. (...) tem a divisão de tarefas, as regras pra cada um... Você começa a estabelecer algumas regras... Mas, conforme o casamento vai acontecendo, acho que isso vai mudando." (Coabitante)

#### 4.4.2.4 - Rotina

O discurso acerca da rotina aborda, basicamente, dois eixos: a rotina do cotidiano e a rotina na relação. A rotina do cotidiano refere-se às atividades que dão suporte à vida diária como, por exemplo, tarefas domésticas, compras, pagamento



de contas, entre outras. E, a rotina na relação refere-se, sobretudo, à acomodação ou à mesmice, que causam na relação uma certa familiaridade excessiva, deixam a relação meio morna.

" No casamento, realmente, tem rotinas chatas... Que é a rotina do dia a dia, das dificuldades de trabalho, de pagar conta, de quem faz o supermercado, quem resolve o problema da empregada... Isso é muito chato. Acho que a rotina, às vezes, tira a graça do casamento... A rotina tira o romance da coisa. Tem horas que a rotina faz com que a vida fique chata." (Coabitante)

" Eu tenho um pouco de ansiedade quando eu vejo que as coisas tão se repetindo, exatamente da mesma forma... Mas, ao mesmo tempo, eu vou sentindo uma importância nisso. Quer dizer, de você, também, conviver com isso... Também ter uma calma interior pra poder administrar melhor o teu dia a dia... Não ficar sempre nessa coisa maníaca de querer mudanças, mudanças. Porque as mudanças vão aparecendo, na medida em que, você sente necessidade delas e, você começa a propô-las." (Coabitante)

Com relação à rotina do cotidiano, as entrevistadas consideram que é inevitável e, até, necessária para organizar a vida. Nesses sentidos, a rotina não é vista só como uma coisa negativa, mas como algo natural de ocorrer nas atividades cotidianas. E, é possível, até, transformá-la em algo agradável ou, pelo menos, em algo que não seja tão massacrante.

" Rotina tem, também, outros vários significados, né? Pode ser uma coisa meio, muito negativa, como, também, pode não ser. Por exemplo, pra mim, a rotina... É... Na maioria, na maior parte das vezes, é necessária, né? Eu não consigo me imaginar sem uma rotina com 3 crianças pra cuidar, né? E ainda ter um tempinho pra cuidar de mim, ainda ter tempo pra ficar com o X... Enfim. Então, a

minha vida tem que ser esquematizada, inclusive por causa das crianças." (Casada)

" Rotina é rotina. Eu acho que tem certas coisas na vida que não adianta a gente parar e ficar: Meu Deus! Isso podia ser diferente. Se podia ser diferente, começa a fazer diferente. (...) Eu me sinto super dividida com 200 tarefas pra fazer. Cada dia eu me vejo assim: hoje eu vou ficar mais disponível pro meu trabalho... Amanhã eu consigo trabalhar menos e ficar mais disponível pra filho, pra supermercado. Mas é uma rotina que não tem como modificar." (Casada - Coabitou antes)

" Rotina tem que ter... Não tem como você tirar ela. Eu digo rotina, assim, de compromissos chatos, que você tem na vida... De mercado, de banco, de trabalho. Coisas na vida que você não tem como, às vezes, tirar. Mas, você pode diminuir o espaço delas e botar, um pouco, outras coisas mais prazerosas." (Coabitante)

" Eu acho que a rotina é uma coisa necessária, pra que você tenha um mínimo de organização na tua vida. E, consiga estabelecer uma ordem pras coisas acontecerem. Não vejo a rotina como uma coisa negativa. Mas, acho que, às vezes, é chato... As vezes é assim meio sacal. Mas, eu acho que tem como mudar isso, até... Até pra transformar o que é rotineiro em coisas agradáveis." (Coabitante)

De um modo geral, as entrevistadas lidam bem com a rotina do cotidiano, isso não é uma coisa que as preocupe. Por outro lado, a rotina na relação é considerada um motivo de preocupações.

" A rotina em si não me preocupa não. Assim... Eu acho que é isso mesmo. Entendeu? Não tem muito jeito não. A vida é assim com tudo... Em relação ao trabalho, à educação, a tudo. Você vai cair na rotina, vai cair em padrão, vai cair em tudo isso. Me preocupa sim, na relação da gente, entendeu? Quando a gente começa a

ter uma relação assim de: oi,oi, tchau, tchau. Sabe aquela coisa assim? (...) Quando você passa a ver o outro meio... Não é como amigo não, mas... Sabe? Fica muito normal... Fica indiferente, né? Ai me incomoda." (Coabitante)

" A rotina do cotidiano é inevitável. Tem coisas que tem que fazer. Vai ter que lavar roupa, vai ter que ir no supermercado, vai ter que limpar... Não tem muito como escapar disso. Agora, realmente, o mais importante é a rotina do... É... Relacionamento. Que eu acho que tem que tá sempre atento." (Casada)

De acordo com as entrevistadas, existem fases em que a rotina ocupa um espaço muito grande e a relação acaba sendo envolvida, também, pela rotina. As entrevistadas consideram que é preciso estar sempre atenta para esse aspecto.

" Tem fases no casamento que a vida vira uma rotina... Tem fases, que você tá tão preocupada com a rotina, que você esquece do casamento. O casamento fica chato... Você tem que resolver: quem vai ao supermercado hoje, quem paga a conta... Tem que administrar toda essa rotina... Acaba que não sobra tempo pro romance. Não existe romance com tanta rotina. Então, tem fases do casamento que a rotina tem tanta importância, ou acaba te tomando tanto tempo, que você esquece: Hi, tô casada... Aquele ali é o meu marido... Sempre que acontece isso com a gente... Tem uma hora que a gente para assim: Que M. que tá essa vida... Não, perai, vamos melhorar... Vamos diminuir, vamos dar menos intensidade pra essa rotina, vamos tentar quebrar essa rotina, inventar coisas novas... Vamos sair mais." (Coabitante)

" A rotina é complicada... Rotina, eu acho que, você tem que tá muito atenta... Tem momentos de vida que você vai caindo nessa rotina, que ela passa a ser uma coisa completamente aprisionante, né? Você fica caindo no marasmo, você não tem mais nem... Você fica... Cai numa inércia mesmo. De repente, é todo dia aquelas mesmas

coisinhas... Eu acho que a gente tem que tá, de alguma forma, tentando quebrar isso. E, eu sinto que eu fico sempre mais preocupada. Quer dizer, quem sempre tem a preocupação com essas coisas sou eu, né? De tá fazendo alguma coisa pra quebrar isso... De prestar atenção no casamento de alguma forma." (Coabitante)

A rotina na relação, também, é considerada algo natural de acontecer, pois é decorrente, até, da própria convivência cotidiana. O importante é saber lidar com essa rotina, para transformá-la sempre que se tornar excessiva.

" Eu sempre achei a rotina um saco... Sempre procurei, realmente, valorizar aspectos novos e tal. Agora, acho que você, também, aprende a conviver com a rotina, na medida em que... E... Realmente ela faz parte do teu dia a dia. (...) No casamento, você tá ali vivendo, convivendo com aquela pessoa no dia a dia e tal... Você tem filhos... Então, você tem uma relação que, naturalmente, a rotina acontece. E... Eu acho que você pode conviver bem com essa rotina, na medida em que, você procura fazer dela o mais agradável possível." (Coabitante)

" A rotina fica uma coisa difícil. Mas isso é inevitável. Existe, não sei... Eu acho que casamento entrar na rotina, ou a acomodação existe. Agora... E... São... Existem maneiras que você pode lidar com isso..Inclusive isso pode, até, não ser uma coisa ruim... Dependendo... Dependendo da tua forma de lidar com isso, do momento de cada um... Inclusive, isso pode ser que não esteja atrapalhando a vivência. Eu, no meu caso, acho que quando a coisa tá ficando... Parece que emperrou... Eu: Ah, eu vou passar um batonzinho pra mudar... Deixa eu comprar uma roupinha... Deixa eu fazer uma coisinha nova... Vamos sair? Vamos viajar? Vamos... Sabe? Eu sinto essa vontade em mim. Eu sinto esse movimento em mim." (Casada - Coabitou antes)

" Rotina pinta... Mas é uma coisa que não me assusta... É uma coisa que... Não é assim, o monstro que muitas pessoas vêem... Tipo assim:

Ah, a rotina estraga com qualquer relacionamento! Não é uma coisa que me assuste nesse sentido. (...) Eu acho que o casal tem que saber lidar com isso... Até de não deixar... Seus momentos de intimidade, entre si, ou com a família, com os filhos... Sei lá... Tá sempre levantando a poeira... Até em termos de sexo... Não ser sempre do mesmo jeito... É aquela coisa, tentar sempre ir inovando, né? Tipo: Vamos fazer uma coisa diferente, ou vamos viajar, ou vamos... Sair... Vamos tentar não se acomodar muito. Agora, claro que existe... Uma coisa de acomodação. (...) Eu acho que a rotina... Faz parte, desde que, você não deixe... Criar môfo, digamos assim. Porque, tem que ir levantando... Mas sempre tentando ver se o outro tá te acompanhando." (Casada)

De acordo com as entrevistadas, o problema maior não é a rotina em si, mas acomodação que ela provoca na relação. Nesse sentido, a rotina torna-se um desestímulo à relação, pois o casal se acomoda e se esquece de uma troca maior.

" A rotina... Aquela coisa assim... Que você vai se acostumando, né? Ai você acaba não sentindo falta... Em tudo, né? Em sexo, em carinho, em programação, lazer, trabalho... No dia a dia, né? (...) Eu acho que é importante, de vez em quando, você dar uma... Dar uma mexida, entendeu? Pra coisa voltar." (Coabitante)

" Não rola muito assim, a nível daquela coisa de ficar pesada, que todo mundo reclama. Mas, eu acho que não deve acontecer mesmo, porque é um destruidor de relacionamentos. (...) eu acho que... É... Se você se acomodar e deixar as coisas rolarem... Todo dia é um dia igual ao outro que passou... É uma coisa que é um desestímulo à relação. Eu acho que é uma coisa que deve avaliar sempre... Como é que tá, como é que não tá." (Casada - Coabitou antes)

" Eu acho que... Dentro do casamento você tem que ter uma criatividade maior... Eu não gosto dessa coisa de ficar em casa, sempre, vendo televisão. Me incomoda muitíssimo e eu... Procuro evitar isso sim. (...) Essa coisa sempre do, da mesmice, sabe? Sempre as mesmas coisas, as mesmas atividades, os mesmos programas... É você meio que se esquece do outro que tá ali, né? Você se esquece de uma troca assim mais... De conseguir se olhar e olhar o outro." (Casada)

As entrevistadas afirmam que, quando a rotina está se instalando na relação é preciso fazer alguma coisa, rapidamente, para quebrá-la.

" Eu acho que é muito fácil cair nessa rotina... É muito fácil mesmo. Então, tem momentos que precisa: Epa, vamos parar um minuto. Entendeu? Porque... É vamos ver televisão, vamos conversar, vamos passear, vamos ao cinema... É meio que quebrar... Parar... Meio que... Parar um pouco e olhar o outro." (Casada)

" A rotina na relação... Bom, aí, é uma coisa assim... Quando entra, eu já começo a sacar. Começa a ter algum sinal pra mim de que a coisa tá chata. Eu começo, também, a tentar mudar alguma coisa. E isso pode ser de mil maneiras... Desde mudar a posição de transar a programar um jantar diferente. Eu não aguento, muito tempo, ficar num estado... Não legal. Eu começo a quicar. Então, quando eu começo a quicar já é sinal de que tem que transformar alguma coisa." (Casada - Coabitou antes)

" A rotina é um saco. Eu acho que o que mata um casamento é a rotina. Eu acho assim, quando um casamento... Quando você vê que a coisa tá... Tem que ter alguma coisa... Nem que seja uma briga. Eu acho que uma briga já sai da rotina. Já dá uma mexida, e as coisas melhoram." (Coabitante)

As entrevistadas entendem que, quando se tem filhos é, ainda, mais fácil cair na rotina.

" A partir do momento que tem criança na história... Então, aí, a tua vida começa a entrar numa rotina, pela própria criança. Que a criança tem que aprender... Que existe horário pra isso, horário pra aquilo... Então, você tem que orientar a criança. Então, por causa disso... Você acaba fazendo da tua vida uma rotina, nesse aspecto, tá?" (Coabitante)

" Você tem que... Sei lá... Procurar ver se você consegue quebrar a rotina com algumas coisas. Mas, também, é inevitável. Rotina existe, principalmente, quando o casal... Acho que quando você tem filho. Aí, a rotina existe e não tem muita saída não. Porque, você quando não tem filho, você ainda tem uma maior liberdade... Você vai pra um lugar, volta pro outro, não tem hora. Sai daqui e vai pra ali. Com filho, você já... Você tem uma rotina inevitável." (Casada)

Algumas entrevistadas afirmam que a rotina não é uma coisa com a qual se preocupem, seja porque têm uma vida muito dinâmica, seja porque não pensam muito no assunto.

" Não é uma coisa que pese pra mim. Eu acho que, na nossa relação, não pesa muito, porque... A dinâmica é meio variada, entendeu? A gente tá fazendo atividades diferentes... As vezes a gente tá ocupado nuns dias de semana, tá desocupado em outros. As vezes a gente tá fazendo atividades juntos, às vezes tá separado." (Casada - Coabitou antes)

" O nosso relacionamento... Não sei... A gente passa por períodos de monotonia e tudo mais, né? Mas... Também é uma coisa que, logo depois, já muda, entendeu? Não é uma preocupação. Nunca foi uma coisa que a gente parasse e conversasse. Não sei se é, também, muita criança... É a casa muito cheia, que a

gente não tem nem espaço pra parar e pensar nisso. Também pode ser isso... Que o tempo que a gente tem pra gente, a gente tem que aproveitar rápido." (Casada)

Pelo discurso das entrevistadas, casadas e coabitantes, pudemos perceber que, de um modo geral, a rotina não é encarada como algo muito problemático, desde que, seja observada constantemente e, não se perpetue na relação.



CAPITULO 5

CONCLUSAO

## 5 - CONCLUSÃO

### 5.1 - Considerações finais

Quando nos propusemos a pesquisar opções e ideais de conjugalidade, na coabitação e no casamento, buscávamos compreender, basicamente, como se dava o processo de escolha em cada uma dessas opções conjugais, quais eram os ideais de conjugalidade que as embasavam e, como o "papel passado" influenciava a forma como esses sujeitos se vinculavam à sua relação conjugal. Nosso intuito era verificar quais as diferenças entre casamento e coabitação aos níveis do imaginário e do cotidiano.

Supúnhamos que a coabitação funcionava de forma semelhante ao casamento, entretanto pretendíamos descobrir se, de fato, as coabitantes e as casadas a encaravam como tal. Ao empreender a pesquisa de campo, tínhamos o intuito de traçar um perfil da coabitação, através da sua comparação com o casamento, e identificar os ideais de conjugalidade em que se apoiavam essas duas formas de relação conjugal.

Através da análise dos dados, obtidos na pesquisa de campo por nós empreendida, percebemos que, em muitos pontos, casamento e coabitação se equivalem, sobretudo, naqueles ligados ao ideal de conjugalidade e à dinâmica da relação. Nesses

aspectos, as diferenças encontradas são bastante sutis. Entretanto, no que se refere à relação do casal com o social, casamento e coabitação distinguem-se, principalmente, pelo fato da coabitação, apesar de ser uma relação conjugal muito difundida e, ainda, ocupar uma posição ambígua no âmbito social, tanto ao nível imaginário quanto ao nível burocrático.

Ao longo desse capítulo, retomaremos, de forma sistematizada, os dados obtidos na pesquisa de campo e tentaremos articulá-los com as considerações iniciais dessa dissertação. Iniciaremos essa conclusão abordando como se constitui o processo de escolha conjugal na coabitação e no casamento. Abordaremos, também, os usos e significados dos rituais e símbolos na coabitação e no casamento. Em seguida, descreveremos os ideais de conjugalidade que embasam essas escolhas e a dinâmica dessas relações. Por fim, nos deteremos nos aspectos que refletem o imaginário das diferenças entre casamento e coabitação, tendo como foco a presença ou ausência do "papel passado" na relação conjugal.

#### 5.1.1 - O processo de escolha conjugal na coabitação e no casamento.

O processo de namoro de casadas e coabitantes diferenciou-se apenas pela intensidade da convivência. No caso das casadas, essa convivência restringia-se aos fins de semana e às viagens. No caso das coabitantes, essa convivência estendia-

-se, também, durante a semana e, intensificava-se à medida que a relação ia se aprofundando.

Tanto a opção de coabitar quanto a opção de casar-se nos moldes tradicionais são impulsionadas pelo desejo de aprofundar a relação, ter uma vida em comum com o outro e construir algo mais sólido.

A opção pelo casamento, nos moldes tradicionais, embora seja impulsionada pelos mesmos desejos que a opção de coabitar, reflete uma conformidade com os padrões de educação recebidos e uma forte ligação com valores familiares e religiosos. Ou seja, aquelas que optaram pelo casamento são muito ligadas aos valores nos quais foram educadas, em sua maioria, de base essencialmente tradicional.

A opção pelo casamento, nos moldes tradicionais, religioso e/ou civil, passa, basicamente, por uma não reflexão sobre a possibilidade de escolha de outras opções conjugais. As casadas afirmam que a opção de casar é a única cogitada por uma questão de educação ou de religião, ou seja, pelo apego a noção de que é assim que se casa. Apesar de, teoricamente, compartilharem da idéia de que casamento é mais do que o ato que o formaliza e, nesse sentido, a coabitação também poderia ser considerada como tal. Entretanto, as entrevistadas casadas parecem apegar-se mais à concepção tradicional de casamento por medo de não terem a sua opção conjugal aceita pela família e pelo

grupo social.

A opção de coabitar, antes de se casar, constitui-se como uma fase intermediária, uma forma de conciliar a insegurança diante do casamento com o desejo de ficar junto. Diferencia-se da opção pela coabitação, pois é vivenciada como um período ainda de escolhas mútuas, e não como uma opção conjugal. Em função de terem tido uma educação que considerava casamento como sendo aquele legitimado por laços religiosos e legais, aquelas que coabitaram e, depois, casaram demonstram que não conseguiram sustentar uma opção conjugal alternativa a essa. Os conflitos interiores e familiares as impulsionaram a formalizar a união nos moldes tradicionais.

A opção pela coabitação, embora possa constituir-se como uma escolha consciente por uma relação sem a interferência do "papel passado", na maioria dos casos, estabelece-se como um processo gradual de aprofundamento da relação e intensificação da convivência do casal. A opção pela coabitação, geralmente, não é feita em oposição ao casamento. Na maioria das vezes, as coabitantes não têm grandes restrições ao casamento, apenas consideram desnecessário o "papel passado" para selar a união do casal.

Aquelas que optam pela coabitação parecem apegar-se mais à essência da relação conjugal, ou seja, ao desejo de aprofundar um relacionamento amoroso convivendo e compartilhando sua vida com o outro. Embora muitas tenham tido também uma

referência familiar de casamento tradicional, isso parece ter sido contrabalançado pela valorização de outras dimensões do casamento, pois as coabitantes não demonstram conflitos com relação à sua opção conjugal. Consideram a opção conjugal como sendo um processo que flui, naturalmente, pelo aprofundamento do relacionamento afetivo e sexual através de uma convivência mais intensa. O ato de casar-se não é, essencialmente, marcado por um momento pontual, embora algumas valorizem a realização de um ritual e/ou festa para marcar essa passagem. Contudo, o "casamento" em si é considerado como algo que é decorrente de uma escolha individual apoiada na convivência cotidiana. Na coabitação, a opção de morar junto vai se estabelecendo aos poucos e continua dessa forma porque o casal não considera necessário à legalização da união. Algumas consideram, até, que é mais interessante para a relação conjugal não ter a interferência do "papel passado".

Grande parte das mulheres que optaram pela coabitação o fez, porque a relação se estabeleceu dessa forma e não pensam em legalizar a união, já que não consideram isso significativo. Geralmente, admitem a possibilidade de legalizar a união, somente, no caso de existirem razões de ordem prática, tais como: impedimentos ou facilidades burocráticas ou se, de alguma forma, os filhos forem prejudicados pela não legalização da união. Entretanto, na maioria dos casos, não demonstram interesse em legalizar a sua união.

Contudo, aquelas que coabitaram e depois se casaram, legalizaram a união, basicamente, para neutralizar pressões familiares, desfrutar de facilidades sociais e/ou amenizar conflitos internos, decorrentes de sentimentos de culpa e inadequação, por estarem vivendo uma opção conjugal contrária às expectativas familiares.

Os temores de que possa haver alguma modificação, no vínculo estabelecido entre os membros do casal pelo fato de legalizarem a união está presente em algumas coabitantes. Estes temores estão ligados, principalmente, à acomodação da relação e à separação do casal. A idéia é a de que ao assinar o "papel passado", a relação possa se modificar, tornando-se acomodada ou propiciando uma separação.

Contudo, esse não é um temor compartilhado por todas as coabitantes. Algumas consideram que a legalização não modificaria em nada a sua relação, pois continuariam tendo, diante do outro e da relação, as mesmas atitudes que têm atualmente. Aquelas que coabitaram e, depois, se casaram não consideram que a legalização da união tenha trazido modificações ao vínculo ou à relação conjugal. A única modificação efetivamente sentida foi a de ordem burocrática, a mudança do estado civil e, em alguns casos, do sobrenome.

A partir desses dados, obtidos na pesquisa de campo, pudemos perceber que as diferenças entre a opção de coabitar ou

casar são bastante sutis. A escolha pela coabitação se dá, basicamente, como um processo, enquanto, no casamento, se constitui como uma decisão a priori. Na coabitação, a opção de morar junto vai se estabelecendo aos poucos, e continua dessa forma, porque o casal não considera necessário a legalização da união. A escolha pelo casamento, entretanto, não se constitui tanto como um processo pois, embora haja durante o período de namoro, uma grande convivência entre o casal esta se limita aos fins de semana e às viagens. Enquanto, na coabitação, essa convivência estende-se, também, pelo cotidiano da semana.

A opção pela coabitação se dá pelo desejo de aprofundar mais a relação, de ir ocupando, cada vez mais, um espaço no cotidiano do outro e, assim, construir algo mais sólido para a relação. A opção pelo casamento, embora tenha também essas motivações, constitui-se, fundamentalmente, pela noção de que a relação chegou a um ponto que precisa evoluir para um outro estágio, ou o casal se casa ou termina a relação.

Na coabitação, o casal vai indo morar junto aos poucos, e quando se dá conta já está coabitando. A partir disso, então, decide assumir a situação de fato. Na opção pelo casamento, o casal primeiro decide que a relação tem que evoluir para um outro estágio e, só depois então é que o faz. Na coabitação, ocorre o inverso, primeiro a relação passa para um outro estágio e, depois, se toma a decisão.

A opção de coabitar e depois se casar, ao contrário



das descritas acima, não se constitui como uma opção conjugal, mas como um período ainda de escolhas mútuas. O casal decide coabitar apenas para se certificar, através da convivência cotidiana, se vale a pena legalizar a relação. Nesse sentido, essa opção diferencia-se da coabitação pois, não se constitui ainda uma opção conjugal, a verdadeira opção conjugal seria, então, o casamento.

Para analisar as opções pela coabitação, pelo casamento e a coabitação antes do casamento, retomaremos às considerações expressas nos capítulos iniciais dessa dissertação. Com relação à opção pela coabitação, dissemos, baseados na bibliografia consultada, que a coabitação poderia se constituir de 3 formas distintas: como uma fase preparatória para o casamento, como uma alternativa a este e como uma variação do mesmo.

De acordo com Roussel(1978), a coabitação, como fase preparatória, constitui-se como um casamento experimental, uma forma de testar a estabilidade da relação antes de se comprometer com o casamento. A coabitação, nesse caso, só se justifica pelo objetivo final, que é a legalização da relação. Nesse sentido, é apenas um estado intermediário entre o namoro e o casamento.

O ideal que apóia esse tipo de escolha, de acordo com a literatura consultada, é o de que a convivência intensa e

cotidiana sob o mesmo teto seria a única forma de conhecer realmente o parceiro na sua intimidade e verificar se é possível a convivência. A idéia da legalização está presente e o ritual de casamento funcionaria mais como um rito de confirmação que de transição e, a legalização seria uma mera formalidade.

A descrição acima se aplica, em parte, aos dados encontrados na nossa pesquisa de campo. Pois, aquelas que optaram pela coabitação antes do casamento consideravam que a relação que viviam era mais do que um namoro, entretanto, na maioria dos casos, ainda não era definida como um casamento. A escolha de coabitar antes de se casar, na maioria dos casos, não se apoiava na idéia de que a convivência cotidiana seria a única forma de conhecer realmente o parceiro, mas, sim, em uma forma de conciliar o desejo de estar junto com a insegurança de assumir um casamento legalizado.

A opção de coabitar antes do casamento se constituiu, de fato, um estado intermediário entre o namoro e o casamento. Contudo, em alguns casos, a decisão de legalizar a relação conjugal foi movida mais por pressões externas do que pelo desejo interno de cada um, ou pela constatação de que a relação já estava madura para o casamento. Os fatores que precipitaram a legalização da relação foram movidos, na maioria dos casos, por pressões familiares, gravidez e facilidades burocráticas. O ritual de casamento constituiu-se mais como uma obrigação familiar do que como uma confirmação do desejo do casal.

A segunda forma de coabitação, descrita na bibliografia consultada, é aquela que se constitui como uma alternativa ao casamento. Nesse caso, a coabitação pretende se constituir como um modelo oposto ao casamento, pois aqueles que a escolhem têm grandes restrições à instituição do casamento.

O ideal em que se apóia essa escolha é o de que a instituição do casamento é algo que contamina a relação. O casamento, por si só, já traria uma série de papéis e posições pré-estabelecidas e a relação seria afetada por isso. O casal ficaria preso a esses papéis pré-estabelecidos o que tornaria a relação algo estereotipado. Além disso, o vínculo conjugal, estando sacramentado e legalizado, favoreceria uma acomodação da relação.

Este tipo de coabitação não foi encontrado na nossa pesquisa de campo. Tanto aquelas que coabitam quanto as que se casaram afirmam não ter grandes restrições ao casamento. Embora concordem com o fato de que o casamento de "papel passado" possa, algumas vezes, ser contaminado pelo modelo pré-estabelecido que o constitui. Porém, este fato não é o que as motivaria, fundamentalmente, a uma possível escolha pela coabitação. Acreditamos que esse tipo de coabitação não foi encontrado pois, atualmente, a coabitação não tem mais uma conotação de protesto contra a instituição do casamento, como ocorria nos anos 60 e 70. Hoje em dia, a coabitação constitui-se apenas como mais uma opção conjugal.

O terceiro tipo de coabitação, descrito nos capítulos iniciais, foi o que mais se aproximou do que encontramos na nossa pesquisa. Lewin(1982) nos diz que, a coabitação constitui-se como uma variação do casamento, uma vez que, muitos dos que coabitam não têm objeções ao casamento, não se opõem ao princípio do matrimônio, nem consideram a coabitação como uma fase experimental, apenas desejam uma relação diferente.

O ideal em que se apóia essa escolha é o de que uma relação conjugal caracteriza-se pela convivência cotidiana sob o mesmo teto. E, o que importa, realmente, na relação é o vínculo afetivo e sexual dos parceiros e, principalmente, o desejo de estarem juntos, e não os vínculos religiosos e/ou legais.

Na pesquisa de campo que empreendemos, aquelas que optaram pela coabitação têm uma atitude semelhante à descrita por Lewin(1982). As coabitantes não têm objeções ao princípio do matrimônio e não consideram a sua escolha como uma fase experimental, mas como uma opção conjugal. Contudo, não desejam uma relação diferente do casamento, uma vez que consideram a sua relação como um casamento, apenas não formalizaram a união, pois não consideram isso significativo. Apóiam a sua escolha na idéia de que o importa é o desejo de estar com o outro e a convivência cotidiana, os laços religiosos e/ou legais não são relevantes.

### 5.1.2 - Os usos e significados dos rituais e símbolos no casamento e na coabitação

Os usos e significados que os rituais e os símbolos ligados ao casamento adquirem para casadas e coabitantes são bem variados e demonstram uma certa ambigüidade. Como dissemos nos capítulos iniciais dessa dissertação, nos últimos 30 anos ocorreram muitas transformações sociais no que se refere às regras de namoro, noivado e casamento. Nesse sentido, os rituais e símbolos que marcavam essas etapas perderam um pouco a sua força de representação. Apesar disso, continuam existindo tanto no nível social quanto no individual, embora não sejam atualmente referências seguras para identificar o tipo de relação e vínculo entre o casal. Desta forma, um ritual de casamento pode marcar tanto um casamento tradicional quanto uma coabitação sem vínculos legais, uma aliança na mão direita pode sinalizar tanto um noivado quanto uma coabitação e, a presença de uma aliança na mão esquerda pode sinalizar uma coabitação e a sua ausência ser comum entre as casadas.

Na coabitação, em muitos casos, ter um ritual de casamento também pode ser algo valorizado. Nesse ponto, casadas e coabitantes distinguem-se apenas pelo fato de que, a realização de um ritual de casamento na coabitação não tem uma conotação religiosa e/ou legal, é apenas simbólica. Na coabitação, o ritual de casamento e a comunicação "oficial" da união, dependem unicamente do desejo do casal, enquanto que, no casamento

tradicional, esses aspectos são inerentes à própria decisão de casar-se.

Para casadas e coabitantes, um ritual e/ou uma festa de casamento tem o mesmo sentido de simbolizar, naquele momento, uma mudança de vida e ajudar na internalização dessa nova condição, tanto do ponto de vista individual quanto do social. Apesar de, na coabitação esse ato ter somente uma conotação simbólica e, no casamento tradicional, ter também as implicações religiosas e legais, o desejo de comemoração é o mesmo em ambos.

O ritual de casamento, para aquelas que coabitaram antes de casar, não parece ter um significado maior, além da conotação de neutralizar pressões familiares e sentimentos de culpa e/ou inadequação. Nesses casos, o ritual de casamento é vivenciado mais como uma obrigação para satisfazer a família e o grupo social do que como um desejo individual.

No casamento e na coabitação, o uso da aliança na mão direita ou esquerda também não é, necessariamente, um referencial seguro na identificação de um vínculo conjugal. Os significados atribuídos a esse objeto são muitos e ambíguos.

Na coabitação, o uso da aliança na mão direita pode sinalizar tanto um desejo de ir morar junto quanto uma coabitação. Ou seja, sinalizar tanto um vínculo de noivado quanto um vínculo conjugal. Essa ambigüidade está, possivelmente, ligada

à internalização do uso adequado desse símbolo. Uso esse que está essencialmente ligado ao referencial tradicional de casamento e aos seus marcadores sociais.

Sendo assim, na coabitação, em alguns casos, a troca da aliança da mão direita para a mão esquerda é feita no dia do ritual ou festa que "oficializa" a coabitação e, em outros, somente quando o casal se casa legalmente. Nesse sentido, coabitantes comportam-se da mesma forma que as casadas nos moldes tradicionais. Podemos supor que essa ambigüidade esteja ligada a um conflito pela internalização de duas concepções de casamento: a tradicional, civil e/ou religiosa, e aquela que associa o casamento, também, ao viver junto sem vínculos legais.

Assim, aquelas mulheres que internalizaram o casamento como sendo o viver junto com ou sem vínculos legais e, privilegiaram as dimensões do casamento não ligadas ao seu aspecto legal e institucional, usam a aliança como se fossem casadas nos moldes tradicionais.

Na coabitação, o uso da aliança na mão esquerda também é variado. Nesse caso, as coabitantes tanto valorizam o seu uso contínuo, para demonstrar que têm uma relação conjugal, quanto o consideram desnecessário e sem sentido, pois entendem que usar ou não uma aliança não é o que vai, efetivamente, ligar o casal e garantir o vínculo conjugal e, portanto, seu uso não faz a menor diferença.

No casamento, o significado uso da aliança, também, não é algo homogêneo. Existem, basicamente, duas posições a esse respeito. Uma em que a aliança é considerada um símbolo significativo, algo que de fato sinaliza a união do casal. E outra em que o uso da aliança não é considerado importante, pois é um símbolo já desprovido desse significado de união e considerado apenas uma convenção. No primeiro caso, as casadas valorizam muito o uso da aliança e, até, transferem para esse objeto o sentimento de estarem casadas, sentindo-se desconfortáveis quando não o estão usando. No segundo caso, não se apegam a esse símbolo, pois temem ficar presas ao papel social de casadas e, com isso, acabam esquecendo-se do significado maior do casamento.

Através da análise dos usos e significados que os rituais e símbolos adquirem, pudemos perceber que, apesar destes não serem mais referenciais seguros para identificar o tipo de relação e vínculo entre o casal, continuam sendo utilizados por casadas e coabitantes como uma forma de tentar internalizar e definir as suas relações. Entretanto, o uso que fazem disso é bastante particular, apesar de tentar conciliar traços tradicionais e modernos na sua execução.

O apego aos rituais e símbolos não está ligado, necessariamente, a uma concepção tradicional de casamento. Muitas vezes, aquelas que vivenciaram os rituais tradicionais de casamento não têm apego à sua realização, o fazem apenas por uma



questão de convenção. Ao passo que aquelas que optaram por uma relação conjugal de coabitação valorizam, não o ritual religioso ou civil tradicional, mas um ritual qualquer que simbolize a sua união e a transição para uma nova fase.

O mesmo ocorre com os símbolos como a aliança. A sua valorização, também, não está ligada a uma concepção tradicional de casamento. Embora, muitas vezes, a forma como a aliança é usada possa ser influenciada pela concepção tradicional. Entretanto, o uso de alianças, por casadas e coabitantes, obedece mais a um desejo interior do que às exigências sociais. Nesse sentido, coabitantes as usam para demonstrar o seu vínculo conjugal e casadas, muitas vezes, não fazem uso desse símbolo.

### 5.1.3 - Ideais de conjugalidade e dinâmica da relação na coabitação e no casamento.

Nos capítulos iniciais desta dissertação, dissemos que a concepção de casamento, nas classes médias cariocas, tem sofrido modificações nos últimos 30 anos e, atualmente, comporta uma variada gama de definições. A modificação na concepção de casamento foi decorrência de uma série de transformações sociais que propiciaram o questionamento da estrutura e do funcionamento das relações conjugais. Houve uma valorização dos aspectos ligados ao relacionamento afetivo-sexual em detrimento daqueles ligados à instituição do casamento. Assim, o ideal de conjugalidade que serve de base a essa concepção de casamento

fundamenta-se mais no entendimento afetivo, sexual e intelectual dos parceiros e no desejo que ambos têm de manter uma vida em comum do que na sua legitimação pelas instâncias sociais.

Sendo assim, o casamento, nesses segmentos, pode ser definido como o "viver junto" com ou sem vínculos legais. E, nesse sentido, abrange tanto o casamento tradicional, legitimado por vínculos religiosos e/ou civis, quanto a coabitação sem vínculos legais. As duas possibilidades de opção conjugal coexistem tanto ao nível social, como modelos de relação conjugal, quanto ao nível individual, como ideais de conjugalidade.

A partir dos dados obtidos na pesquisa de campo, pudemos identificar que a definição de casamento para casadas e coabitantes abrange tanto a idéia de uma relação com um contrato formal, legalizada, quanto o viver junto sem vínculos legais. Essa definição depende, basicamente, de que aspectos do casamento são privilegiados e, muitas vezes, pode ser confusa e ambígua.

Quando casadas ou coabitantes privilegiam a relação em si, a convivência e o amor, a concepção de casamento abrange o viver junto com ou sem vínculos legais. E, nesse sentido, a coabitação é considerada como um casamento. Entretanto, quando privilegiam aspectos como a realização da cerimônia religiosa/civil e a presença de um contrato formal, o "papel passado", o casamento é definido no seu sentido tradicional e

institucional. Desta forma, não envolve, nem considera a coabitação como um casamento. Nessa postura, as pessoas consideradas casadas são aquelas que passaram pelos rituais tradicionais de casamento, cerimônia religiosa/civil, e têm um papel assinado como prova disso.

A concepção de casamento envolve, também, outros aspectos, tais como: o fato de assumir publicamente a relação e o compromisso interno de cada um com a relação. Assim sendo, casadas argumentam que a coabitação pode ser considerada um casamento desde que o casal, que coabita sem vínculos legais, assumam, publicamente, a sua relação como tal. As coabitantes, em muitos casos, concordam com esse aspecto pois realizam um ritual de casamento simbólico diante da família e dos amigos para selar a sua união.

As coabitantes afirmam que o que faz uma pessoa sentir-se casada é o seu sentimento, é o compromisso que ela assume internamente com o outro e como ela define a sua relação. Nesse sentido, ter um "papel passado" ou usar uma aliança não significa que, internamente, exista um compromisso. Entretanto, as casadas concordam com as coabitantes que o maior compromisso na relação conjugal deve ser o afetivo. O compromisso legal é considerado um fator secundário diante do compromisso afetivo, mesmo para as casadas. Essas consideram o compromisso legal como uma confirmação da união, mas afirmam, também, que, no dia a dia, o que vale e sustenta a relação é o compromisso afetivo.

A concepção de casamento de casadas e coabitantes é permeada por aspectos como liberdade de escolha e amor. O que, fundamentalmente, faz a ligação entre a concepção de casamento tradicional, legalizada, e a coabitação é o amor, a convivência e a liberdade de escolher o tipo de relação conjugal que se quer viver.

O amor é considerado o fator que impulsiona e mantém o desejo de estar com o outro e compartilhar com ele a sua vida. Casadas e coabitantes compartilham de um ideal de conjugalidade que se apóia na transformação constante do amor e da relação. Entendem que a relação conjugal só deve se manter, enquanto há amor e prazer em estar e conviver com o outro, e, também, enquanto esta acompanhar a transformação e crescimento de cada indivíduo. Casadas e coabitantes consideram que o indivíduo está em constante transformação e a relação, para se manter, precisa estar, também, acompanhando essas mudanças e transformando-se. A relação conjugal só se mantém, então, enquanto há amor, e este só se sustenta, enquanto está sendo continuamente renovado.

Casadas e coabitantes desejam que o amor e a relação conjugal durem muito, mas consideram que a relação deve durar, somente enquanto existir prazer em estar com o outro, enquanto a convivência valer a pena e enquanto o casal estiver caminhando mais ou menos na mesma direção. Consideram, também, que a manutenção da relação depende de como cada um lida com as dificuldades que surgem no cotidiano e da capacidade que tem de

avaliar os seus sentimentos diante disso.

O amor é um compromisso primordial tanto para casadas quanto para coabitantes, mas estas se referem, também, a outros compromissos na relação conjugal. Enfatizam que, além do amor, são compromissos fundamentais o respeito, o prazer, a sinceridade, a fidelidade, o companheirismo, a cumplicidade e a compreensão.

As coabitantes afirmam que, na relação conjugal, os compromissos devem ser os de respeitar a individualidade do outro, ser companheiro e manter um diálogo constante. Mas compromisso é, sobretudo, o desejo de estar com o outro, de se propor a dividir a vida, crescer junto e investir afetivamente na relação.

As casadas afirmam que os compromissos são os de investir na relação e no outro, incentivando e apoiando o seu crescimento. Além disso, afirmam que o compromisso na relação é o de buscar ser feliz junto, tentar viver bem, estar junto enquanto se está feliz e a relação vale a pena e não em função de um compromisso convencional do tipo: "na saúde e na doença, na alegria e na tristeza".

Casadas e coabitantes concordam com a idéia de que o compromisso mais importante, na relação, deve ser o de permanecer junto, enquanto a relação é boa para os dois, enquanto há amor, prazer e companheirismo.

Na escolha de seus parceiros, casadas e coabitantes, privilegiaram, em maior ou menor grau, aspectos como: compatibilidade sexual, afetiva, intelectual, de ideais e projetos de vida. A compatibilidade sexual ocupa um lugar de destaque principalmente na coabitação. Além desta, o amor e a identificação com pensamentos, ideais e projetos de vida são fundamentais para as coabitantes. Para as casadas, além dos aspectos citados acima, o companheirismo e o respeito ocupam, também, um lugar de destaque na escolha do parceiro.

Casadas e coabitantes têm como pontos fundamentais para a sua relação conjugal: amor, sexo, respeito, fidelidade, compreensão, companheirismo, cumplicidade, interesses em comum e comunicação. Estes aspectos formam a base na qual apóiam sua relação conjugal.

O respeito às diferenças e à compreensão do outro são pontos fundamentais. Compreender o universo do outro e respeitar a sua individualidade é uma preocupação constante, principalmente daquelas que coabitam sem vínculos legais. Lidar com o outro e seu universo, sem ficar tentando impor os seus próprios padrões, respeitando as diferenças individuais é considerado pelas coabitantes um dos maiores desafios.

As coabitantes preocupam-se, também, com aspectos como as dificuldades geradas pelas diferenças individuais na relação cotidiana e demonstram uma intensa disposição para lidar

de forma compreensiva com isso e para buscar transformá-las em pontos de crescimento e enriquecimento do relacionamento.

Casadas e coabitantes valorizam a preservação do espaço e da individualidade de cada um, mas sem exageros, existe uma certa flexibilidade nesse aspecto, pois ambos os grupos consideram que, ao fazerem uma opção pela vida em comum, abriram mão um pouco dessa privacidade. Casadas e coabitantes consideram que se deve tentar preservar uma certa independência na relação conjugal, no sentido de respeitar o outro como alguém que tem interesses e necessidades independentes e que existe além daquela relação. A idéia é valorizar o espaço comum do casal e os espaços individuais. Entretanto, uma certa dependência emocional é considerada uma decorrência natural do envolvimento próprio da relação a dois e do desejo de estar com o outro.

As expectativas e projetos para a relação também são semelhantes na coabitação e no casamento. Em ambos os casos, os projetos em comum são considerados fundamentais para o aprofundamento e a manutenção da relação conjugal.

Casadas e coabitantes consideram que ter interesses em comum é fundamental para aprofundar a relação e estreitar os laços entre o casal. As afinidades com valores e expectativas individuais são fundamentais e tornam possível ter projetos de vida em comum. Casadas e coabitantes consideram que é difícil manter uma relação conjugal em que cada um tem interesses e projetos completamente diferentes. Consideram importante ter

projetos em comum, ter o desejo de construir algo com o outro e tentar caminhar junto.

A comunicação é um ponto muito valorizado por casadas e coabitantes, pois, através dela, é possível o intercâmbio de sentimentos, desejos, valores e pensamentos. A convivência se torna possível, principalmente, a partir da comunicação. A disponibilidade constante para o diálogo é considerada fundamental. Dizer ao outro o que sentem, o que querem, o que esperam dele, bem como, discutir o que vai bem e o que vai mal no relacionamento é considerado essencial. O canal da comunicação sempre aberto possibilita a constante avaliação das coisas na relação e estimula a troca de experiências e o enriquecimento do relacionamento.

Casadas e coabitantes entendem que a comunicação tem que ser um exercício diário e a disponibilidade para o diálogo deve abranger tanto as áreas do cotidiano, os assuntos rotineiros, quanto os assuntos mais delicados ou conflitivos. Consideram que a ausência desse exercício constante traz seqüelas para o relacionamento.

A valorização da sexualidade, no casamento e na coabitação, é um pouco diferente. As coabitantes atribuem à sexualidade uma função fundamental, enquanto as casadas a consideram como um complemento na relação. Entretanto, a intimidade sexual, desde o namoro, é um fator fundamental para



ambas. Embora, a vivência da sexualidade, no namoro, tenha sido mais intensa entre as coabitantes.

O próprio processo de aprofundamento da relação, na coabitação, supunha a intensificação da vivência sexual. As coabitantes tiveram, durante o namoro, uma maior possibilidade de intimidade sexual, decorrente do fato de estarem convivendo mais tempo com os seus parceiros. Entre as casadas a sexualidade, na maioria dos casos, ficava limitada aos fins de semana e às viagens e, na maioria das vezes, era vivenciada de forma escondida. Talvez, esses fatores tenham contribuído para a sexualidade ser algo mais valorizado na coabitação que no casamento.

A compatibilidade sexual e a explicitação das dificuldades de cada um nessa área são consideradas fundamentais, sobretudo na coabitação. Na coabitação, o sexo, além de ser considerado um ponto fundamental, é também reconhecido como um termômetro tanto da relação quanto de si mesmo. As fases de baixa, na sexualidade, são identificadas como um sinal de que algo não vai bem consigo mesmo e/ou com a sua relação com o outro. Uma insatisfação sexual pode, então, ser reflexo de uma insatisfação interna ou de uma insatisfação na relação conjugal.

No casamento, o sexo é considerado como um complemento da relação, situa-se ao lado de outros fatores considerados tão importantes quanto ele, tais como: respeito, confiança, amizade, companheirismo, solidariedade e a sensação de

ser amada e feliz.

Casadas e coabitantes consideram que a atração sexual, por estar mais ligada ao desconhecido, à descoberta do outro, é mais intensa no período de namoro, embora, continue, também, presente na relação conjugal. Durante o namoro, a atração sexual é o que aproxima o casal e a satisfação sexual é o que estimula a continuidade da relação. No casamento e na coabitação, o que aproxima já não é tanto a atração, mas a intimidade e a liberdade entre o casal.

O entendimento sexual é maior na relação conjugal pois, com o aprofundamento da relação, existe mais intimidade e um conhecimento maior do outro. O que os leva a sentirem-se mais à vontade para conversar sobre suas preferências e, assim, buscarem um entendimento e uma satisfação maiores.

Para casadas e coabitantes, a satisfação sexual está mais ligada à intimidade que à atração. Casadas e coabitantes consideram que, na relação conjugal, a satisfação sexual deve ser uma busca constante. Contudo, entendem que a satisfação sexual não é algo constante e depende, também, de outros fatores como, por exemplo, preocupações, cansaço, estado emocional, etc.

Tanto no casamento quanto na coabitação, a frequência das relações sexuais é variável. Existem fases de maior ou menor frequência e intensidade, em função de fatores

como: cansaço, rotina, filhos, etc. Apesar dessas fases de altos e baixos, casadas e coabitantes afirmam que, na relação conjugal, a sexualidade respeita mais o fluxo do desejo de cada um e não da oportunidade como no namoro. A disponibilidade do outro, em função da convivência cotidiana, facilita isso.

A fidelidade é considerada fundamental tanto no casamento quanto na coabitação. Apesar da fidelidade ser entendida como um acordo que é negociado pelos dois, casadas e coabitantes, consideram que uma relação aberta é algo bastante arriscado, pois essa abertura pode fragilizar muito o relacionamento. Entendem que um relacionamento afetivo, sobretudo o conjugal, precisa de dedicação e investimento mútuo para aprofundar-se e ser satisfatório para ambos. Nesse sentido, a fidelidade é considerada fundamental para manter o equilíbrio da relação. Uma infidelidade pode mexer com a estrutura da relação e colocar em risco a sua continuidade.

A possibilidade de ser infiel não é descartada, sobretudo pelas coabitantes, mas é evitada para não colocar em risco o relacionamento. Casadas e coabitantes consideram que a fidelidade é uma decorrência natural quando a relação é boa, quando há um envolvimento e um sentimento forte entre o casal.

A infidelidade é considerada, na maioria das vezes, um sinal de que há algo errado com a relação ou com a pessoa. A infidelidade seria um indicio de que é preciso fazer uma

avaliação de si mesmo, de seus sentimentos em relação ao outro e da própria relação conjugal. A infidelidade pode ser um reflexo de alguma insatisfação pessoal, de uma busca por coisas novas ou um reflexo de que alguma insatisfação na relação com o outro, um indício de que aquilo já se tornou algo rotineiro, ou que o amor acabou e a relação chegou ao fim.

Casadas e coabitantes consideram que a infidelidade pode ou não ser contornada dependendo do seu significado e das circunstâncias em que ocorreu. As possíveis atitudes diante da infidelidade variam desde a não aceitação do fato e o término da relação, até o perdão ou compreensão do fato dependendo das circunstâncias em que a infidelidade ocorreu. As coabitantes consideram que, em casos menos graves, aqueles que não põem em risco a relação, a infidelidade não deve nem ser revelada para não magoar o outro. Entretanto, naqueles casos em que a infidelidade está mexendo muito com o outro e pode abalar a estrutura do relacionamento, ou então, naqueles casos em que já se estabeleceu uma relação fixa com outra pessoa é imprescindível que a situação seja explicitada para o cônjuge.

Com relação à divisão de tarefas, casamento e coabitação se equivalem. Em ambos, as mulheres assumem mais o cuidado com a casa e com os filhos, mesmo quando trabalham fora e os homens têm uma postura mais participativa nas tarefas e responsabilidades domésticas. Casadas e coabitantes consideram que a divisão de tarefas estabelece-se, de forma

predominantemente tradicional, sobretudo, porque as mulheres assumem essas tarefas como sendo uma obrigação sua. Em alguns casos, entretanto, casadas e coabitantes afirmam que essa divisão é mais equilibrada e feita em função das disponibilidades de horário e gostos de cada um. A flexibilidade para inverter os papéis aparece como uma possibilidade mas que, na maioria das vezes, depende de uma situação excepcional.

Apesar de casadas e coabitantes considerarem que, na divisão de papéis, existam coisas que têm um teor mais feminino e outras que têm um teor mais masculino, isso não significa que as áreas de um e de outro sejam rigidamente delimitadas. Teoricamente, ambos podem desempenhar tantos os papéis ditos femininos quanto os ditos masculinos, embora, na maioria das vezes, essa divisão seja feita de forma tradicional.

Com relação à distribuição dos papéis ativos e passivos, casamento e coabitação também se assemelham. Nos dois casos, os papéis ativos e passivos se distribuem na relação de forma dinâmica, de acordo com as características de personalidade, os momentos profissionais e pessoais, e a disponibilidade interna, emocional de cada um. A distribuição é complementar, mas não é rígida, depende muito das situações enfrentadas. Tanto no casamento quanto na coabitação existe uma tendência à complementariedade sem rigidez, uma preocupação constante em não cristalizar uma posição, um ser sempre o ativo e o outro o passivo. Casadas e coabitantes buscam, sempre que possível, inverter essas posições.

As regras de relacionamento, no casamento e na coabitação, são flexíveis e vão se modificando no decorrer do relacionamento, à medida em que vão surgindo novas necessidades.

Com relação à rotina do cotidiano e da relação, casadas e coabitantes também se assemelham. Casadas e coabitantes consideram a rotina do cotidiano chata, mas inevitável, não é algo que as assuste, embora tentem quebrá-la de vez em quando. Quanto à rotina na relação consideram que é preciso estar sempre atenta para que a relação não se torne algo acomodado e desestimulante. Nesse sentido, procuram sempre fazer algo para quebrar a rotina e não permitir que esta prejudique o relacionamento do casal.

Como pudemos perceber pelos pontos discutidos acima, o ideal de conjugalidade de casadas e coabitantes, delineado pela análise dos dados dessa pesquisa de campo, assemelha-se na maioria dos pontos. Diferencia-se apenas em aspectos como o grau de importância atribuído à sexualidade e ao respeito das diferenças individuais. As diferenças encontradas, portanto, são bastante sutis. Nesse sentido, podemos dizer que o fato de ter ou não um "papel passado" legitimando a união não altera os desejos e as expectativas que casadas e coabitantes têm para a sua relação e, também, não traz modificações significativas no seu cotidiano.

Comparando o ideal de conjugalidade de casadas e

coabitantes com aqueles descritos por Salem(1989) e Soares(1989) também pudemos perceber muitas semelhanças, sobretudo no que se referem à valorização de aspectos como: a preservação da individualidade, o respeito às diferenças individuais, a valorização do crescimento e desenvolvimento individual, a disposição de fundamentar o vínculo conjugal em dispositivos internos e subjetivos, a manutenção da relação conjugal pelo desejo de estar com o outro, a auto-observação dos sentimentos e desejos, a intensa disposição para o diálogo e o questionamento de si mesmos e da relação.

#### 5.1.4 - O "papel passado" e o imaginário das diferenças entre casamento e coabitação

Com relação ao "papel passado", pudemos constatar que o imaginário das diferenças entre casamento e coabitação abrange aspectos como: institucionalização da relação, segurança e reconhecimento social, segurança financeira, segurança e estabilidade do vínculo e do compromisso entre o casal.

A institucionalização da relação está ligada à idéia de que o "papel passado" tem um peso institucional. Ou seja, ao assinar o "papel passado", assume-se um modelo de casamento já reconhecido, com papéis pré-estabelecidos e com uma série de expectativas sociais em torno dele. Desta forma, ao assinar o

"papel passado", o casal permite ao social "regular" a sua relação conjugal. Casadas e coabitantes afirmam que, com o "papel passado", existe um risco maior do casal apoiar-se nesses papéis pré-estabelecidos e perder um pouco a dimensão do outro, esquecer-se da essência da relação e ficar vivendo em torno das expectativas sociais para os casados.

A segurança do "papel passado" é atribuída, entre outras coisas, ao seu reconhecimento e respeitabilidade social. Ainda existe, de forma sutil e velada, a noção de que o casamento é mais "respeitável" que a coabitação. Para os setores mais conservadores as pessoas casadas são aquelas que assinaram um papel. Assim, "casar de papel passado" seria a forma de ser aceita socialmente como casada.

As casadas afirmam que, em sua decisão, foram influenciadas pela noção de que "têm que casar direitinho, como manda o figurino". A maioria das casadas valoriza o "papel passado", pois deseja de ter uma relação conjugal que seja socialmente reconhecida. Nesse sentido, as coabitantes diferenciam-se das casadas pois, apesar de também desejarem ter a sua relação reconhecida socialmente, não atribuem a esse fato grande importância. Preocupam-se mais com o seu desejo de estar e manter uma relação com o outro do que com o reconhecimento social da sua relação. Não consideraram um "papel passado" necessário para selar ou provar a sua união.

Com relação à segurança legal e financeira do "papel



passado", casadas e coabitantes concordam que a única função efetiva de assinar um papel seria a de estabelecer e garantir direitos e deveres legais, principalmente para proteger os filhos. Contudo, concordam que até essa função seria, hoje em dia, relativa, pois a lei garante alguns direitos e deveres, também, para os que não são legalmente casados.

As casadas consideram que o "papel passado" é um fator de ponderação na hora de uma separação, que é mais difícil terminar um casamento legalizado. Caso haja a separação, as casadas consideram que o papel facilita as coisas. Algumas coabitantes consideram que o papel pode facilitar as coisas na hora da separação. Contudo, a maioria delas acredita que o papel é um fator de complicação na hora de uma separação. Consideram que não ter um "papel passado" demonstra, inclusive, uma confiança maior entre os parceiros, a confiança de que um não vai querer prejudicar o outro. Coabitantes consideram, também, que o papel não é necessário na separação, pois sempre existe um acordo tácito entre o casal e esse é o que deve prevalecer.

A segurança e estabilidade do vínculo e do compromisso entre o casal são aspectos, também, presentes no imaginário das diferenças entre casamento e coabitação. As casadas consideram que, na coabitação, o vínculo entre o casal e com a relação não é tão sério, firme e estável como no casamento. As casadas supõem que, na coabitação, é mais fácil se desvencilhar da relação, que o vínculo com o outro é mais frágil,

exceto quando o casal tem filhos. Os filhos seriam um vínculo mais forte e, de certa forma, conduziriam o casal para uma situação de maior responsabilidade.

Para as casadas, coabitar seria uma forma de não assumir um compromisso tão radical logo de cara. As casadas consideram que o fato do casal não querer assinar um papel demonstra que não tem segurança do seu desejo de ficar junto ou dos seus sentimentos em relação ao outro. A ausência do papel sinalizaria, então, que naquela relação o compromisso não é tão estável ou sério e que pode acabar a qualquer momento. Assim, as casadas aceitam a coabitação como uma forma do casal testar o seu relacionamento e os seus sentimentos até estarem seguros para assumirem um casamento de "papel passado".

As casadas não acreditam que, as mulheres que optam pela coabitação, não desejem casar-se nos moldes tradicionais. Acreditam que as coabitantes aceitam a sua condição, mas no fundo gostariam de ter se casado na Igreja e assinado um papel, pois é assim que as pessoas são reconhecidas como casadas. Este é um modelo internalizado pelas mulheres desde a infância.

As coabitantes, entretanto, discordam que o fato de não ter um "papel passado" sinaliza que a relação entre o casal não é forte e estável. Consideram que o fato de morar junto sem o "papel passado" não significa que o casal esteja se isentando de responsabilidades, apenas não consideram necessário assinar um papel para oficializar uma união. As coabitantes, também, não

consideram que, pela ausência do papel, a relação é mais frágil ou que é mais fácil de se desvencilhar dela. Ao contrário disso, consideram-se tão ou mais casadas que aquelas que assinaram um papel, pois o único vínculo que mantém o relacionamento é o afetivo.

As coabitantes não se sentem menos casadas por não terem legalizado a sua união. Acreditam, inclusive, que a ausência do papel é um fator importante para a relação, pois demonstra que o casal está junto porque quer e não porque assinou um papel. Assim, ao contrário de sinalizar uma fragilidade do vínculo entre o casal, a ausência do papel sinaliza o desejo de estarem juntos, pois o único vínculo que os prende é o afetivo.

A "falta de segurança", causada pela ausência do "papel passado", é considerada pelas coabitantes um fator positivo e estimulante, pois, sendo o vínculo afetivo o único que prende o casal, o investimento afetivo de ambos na relação tem que ser maior. As casadas consideram que, de certa forma, a sensação de segurança causada pelo "papel passado" pode tornar-se uma coisa negativa para a relação, pois propicia uma acomodação maior entre o casal. A sensação de estabilidade causada pelo "papel passado" acomoda, pois estimula a sensação de que a relação já está segura e que já não é preciso mais se preocupar em investir, afetivamente, na relação.

O reconhecimento da coabitação, como um casamento,

depende de vários fatores, entre eles: o caráter assumido e público da relação, a estabilidade da mesma e/ou a presença de filhos. De um modo geral, ainda existe uma certa resistência em considerar a coabitação como uma relação conjugal do mesmo nível do casamento, isso é demonstrado, principalmente, pela noção de que, nesse tipo de relação, o vínculo entre o casal não é tão sério ou firme e, que esta é uma relação mais frágil e de menos responsabilidade.

Sendo assim, as coabitantes, na maioria dos casos, têm que esforçar-se muito para demonstrar que a sua relação não é frágil, instável ou isenta de responsabilidades mútuas. A aceitação da coabitação, como uma opção conjugal, é algo que precisa ser construído, batalhado pelo casal junto a sua família e ao seu grupo social. De um modo geral, a tendência da família e do grupo social próximo é, também, associar a ausência do papel a um indício de fragilidade da relação. Entretanto, a família aceita melhor a coabitação quando sente que a relação entre o casal é estável e quando existem filhos. Um outro fator que ajuda na aceitação da coabitação, como um casamento, é o fato do casal assumir-se publicamente como casados, seja pelas suas atitudes, seja pela comunicação dessa condição através da realização de um ritual ou de uma festa de casamento.

O reconhecimento da coabitação como um casamento ainda envolve alguns preconceitos, na maioria das vezes velados. De um modo geral, as pessoas não assumem abertamente as suas

restrições à coabitação e, ao contrário disso, afirmam que ter ou não "papel passado" não faz diferença. Mas, nas entrelinhas, revelam as suas distinções em frases do tipo: vocês casaram mesmo ou tão só morando juntos?

Pela posição ambígua que a coabitação ocupa, a relação das coabitantes com o social pode tornar-se confusa e complicada. Não em relação às discriminações explícitas ou grandes empecilhos, mas pelas confusões geradas pelo estado civil ser solteira e a realidade de vida compartilhada. Nesse sentido, podem surgir algumas situações constrangedoras. As confusões mais comuns são aquelas geradas pelo estado civil e pela definição da relação socialmente. Ou seja, quando se quer sinalizar que existe entre o casal uma relação marital, mas que não é legalizada.

Casadas e coabitantes afirmam que o "papel passado" é um valor cultural, é aquilo que confirma e legitima socialmente a união do casal. As casadas atribuem ao "papel passado" o significado de prova da união do casal. As coabitantes não compartilham dessa idéia e consideram o papel desnecessário para confirmar a união ou solidificar a relação.

Casadas e coabitantes concordam, entretanto, que ao nível da relação cotidiana, ter ou não um "papel passado" não faz a menor diferença. Consideram que, tanto no casamento quanto na coabitação, os aborrecimentos e alegrias da convivência cotidiana são iguais. Com relação aos sentimentos que unem o casal, ao amor, casadas e coabitantes também concordam com o fato que ter

ou não uma relação de "papel passado" não faz diferença. A única diferença considerada significativa entre casamento e coabitação é a que se refere a relação do casal com o social. Assim, nos sentimentos e na relação entre o casal, casamento e coabitação são equivalentes.

#### 5.1.5 - Diferenças entre casamento e coabitação

Para finalizar a discussão proposta, nesse trabalho, gostaríamos de resumir as principais diferenças encontradas, ao nível do imaginário e do cotidiano, entre casamento e coabitação.

Com relação ao imaginário, casamento e coabitação distinguem-se no que se referem às considerações sobre o "papel passado". As casadas atribuem ao "papel passado" alguns significados diferentes das coabitantes, como por exemplo: prova de união, segurança maior do vínculo, dos compromissos mútuos e do desejo de estar junto.

As casadas consideram que a ausência do "papel passado" significa uma fragilidade tanto do vínculo conjugal quanto do desejo de ter uma vida em comum. As coabitantes, por outro lado, não atribuem ao "papel passado" esses significados e, ao contrário disso, consideram que é a ausência do mesmo que demonstra prova de união, segurança do vínculo, dos compromissos mútuos e do desejo de estar junto. Pois, sendo o vínculo afetivo

o único que une e mantém o casal, este tem que ser forte. No imaginário desses aspectos, casadas e coabitantes opõem-se significativamente.

Apesar de casadas e coabitantes atribuírem significados diferentes ao "papel passado", o seu ideal de conjugalidade e suas atitudes diante da relação conjugal são bastante semelhantes. Os sentimentos, as expectativas e os projetos para a relação são equivalentes. Os pontos considerados fundamentais, também, são os mesmos. Diferenciam-se apenas na valorização da sexualidade e das diferenças individuais. Na coabitação a sexualidade, ocupa uma posição de destaque, enquanto que, no casamento, se situa como um complemento. As coabitantes se mostram mais preocupadas que as casadas, em compreender o universo do outro e respeitar as diferenças individuais.

Nesse sentido, podemos dizer que a presença ou ausência do "papel passado" não traz modificações significativas para o ideal de conjugalidade e a dinâmica das relações.

Ao nível do cotidiano, podemos dizer que casamento e coabitação, também, são equivalentes. Diferenciam-se apenas na relação do casal com o social, sobretudo, nos aspectos burocráticos. Nesse ponto, as coabitantes enfrentam, muitas vezes, algumas situações constrangedoras por causa da ambigüidade do seu estado civil. Entretanto, essas situações são quase sempre contornáveis e não afetam, significativamente, a vida do casal.

No nosso entender, essas foram as principais diferenças encontradas entre o casamento legalizado e a coabitação sem vínculos legais. Esperamos que as nossas considerações, ao longo desse trabalho, possam ter contribuído, de alguma forma, para ampliar o conhecimento das relações conjugais contemporâneas, sobretudo daquelas vividas pelas classes médias urbanas. E, desejamos que este estudo sirva de incentivo a outros trabalhos que aprofundem esses conhecimentos.



## BIBLIOGRAFIA

- Almeida, Angela Mendes de (Org.). Pensando a família no Brasil: da colônia à modernidade. Rio de Janeiro, ed. Espaço e Tempo, 1987.
- Almeida, Maria Isabel Mendes de. A "nova maternidade": uma ilustração das ambigüidades do processo de modernização da família. Em: Figueira, S. A. (Org.), Uma nova família?, Rio de Janeiro, Zahar, 1986.
- Alves, Zélia Maria M. B. Intersecções das análises quantitativas e qualitativas. Em: Anais da 18ª reunião anual de psicologia - Sociedade de psicologia de Ribeirão Preto, 1988.
- André, Marli E. A. O qualitativo e o quantitativo: oposição ou convergência? Em: Anais da 18ª reunião anual de psicologia - Sociedade de psicologia de Ribeirão Preto, 1988.
- Ariés, Philippe. A família e a cidade. Em: Velho, G. e Figueira S.A. (Orgs.), Família, psicologia e sociedade. Rio de Janeiro, ed. Campus, 1981.
- Ariés, P. (1982). O amor no casamento. Em: Ariés, P. e Béjin, A. (Orgs.), Sexualidades Ocidentais, São Paulo, ed. Brasiliense, 1987.
- Ariés, P. (1982). O casamento indissolúvel. Em: Ariés, P. e Béjin, A. (Orgs.), Sexualidades Ocidentais, São Paulo, ed. Brasiliense, 1987.
- Azevedo, Thales (1961). Família, casamento e divórcio. Em: Azevedo, T. Cultura Racial no Brasil, Rio de Janeiro, ed. Civilização Brasileira, 1966.
- Azevedo, Thales (1975). Namoro à antiga: tradição e mudança. Em: Velho, G. e Figueira S.A. (Orgs.), Família, psicologia e sociedade. Rio de Janeiro, ed. Campus, 1981.
- Bardin, Laurence (1977). Análise do conteúdo. Lisboa, edições 70, 1991.
- Béjin, A. (1982). O casamento extraconjugal dos dias de hoje. Em: Ariés, P. e Béjin, A. (Orgs.), Sexualidades Ocidentais, São Paulo, ed. Brasiliense, 1987.
- Berger, P. L. e Luckmann, T. (1966). A construção social da realidade, Petrópolis, ed. Vozes, 1985.

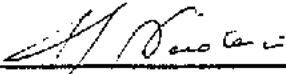
- Berger, P. L. Le mariage et la construction de la réalité. Dialogue: recherches cliniques et sociologiques sur le couple et la famille, n. 102, 1988.
- Berquó, Elza. A família no séc. XXI. Ciência hoje, São Paulo, v. 10, n. 58, Out. 1989a.
- Berquó, E. A família no séc. XXI: um enfoque demográfico. Revista brasileira de estudos de população, São Paulo, v. 6, n. 2, Jul/Dez. 1989b.
- Bloom, David E.; Bennett, Neil G.; Blanc, Ann K. Commitment and the modern union: assessing the link between premarital cohabitation and subsequent marital stability. American sociological review, v. 53, 1988.
- Bumpass, Larry L. and Sweet, James A. The role of cohabitation in declining rates of marriage. Journal of marriage and the family, v. 53, n. 4, Nov. 1991.
- Carneiro, Terezinha F. Aliança e sexualidade no casamento e no recasamento contemporâneo. Psicologia, teoria e pesquisa, Brasília, v.3, n.3, Set/Dez. 1987.
- Clayton, Richard R. and Voss, H. L. Schacking up: cohabitation in the 1970s. Journal of marriage and the family, v.39, n.2, May 1977.
- Eco, Humberto (1977) Como se faz uma tese. São Paulo, ed. Perspectiva, 1991.
- Ferreira, Aurélio Buarque de H. Minidicionário da língua portuguesa, Rio de Janeiro, ed. Nova Fronteira, 1993.
- Figueira, S. A. O contexto social da psicanálise. Rio de Janeiro, ed. Francisco Alves, 1981.
- Figueira, S. A. Modernização da família e desorientação: uma das raízes do psicologismo no Brasil. Em: Figueira, S. A. (Org.) Cultura da psicanálise, São Paulo, ed. Brasiliense, 1985.
- Figueira, S. A. O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira. Em: Figueira, S. A. (Org.) Uma nova família?, Rio de Janeiro, ed. Zahar, 1986.
- Figueira, S. A. (Org.). Efeito Psi: a influência da psicanálise, Rio de Janeiro, ed. Campus, 1988.
- Flandrin, Jean-Louis (1982). A vida sexual dos casados na sociedade antiga. Em: Ariés, P. e Béjin, A. (Orgs.) Sexualidades Ocidentais, São Paulo, ed. Brasiliense, 1987.
- Goldenberg, M. Ser homem, ser mulher: dentro e fora do casamento, Rio de Janeiro, ed. Revan, 1991.

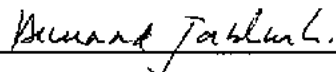
- Goode, W. J. (1963). Revolução mundial e padrões de família, São Paulo, Companhia editora nacional, 1969.
- Goode, W. J. (1964). A família, São Paulo, livraria pioneira editora, 1970.
- Jablonski, B. Até que a vida nos separe: a crise do casamento contemporâneo, Rio de Janeiro, ed. Agir, 1991.
- Jesus-Garcia, P. Recasamento: um estudo das dimensões da individualidade e conjugalidade, Dissertação de Mestrado, PUC-RIO, 1990.
- Lewin, Bo. Unmarried cohabitation: a marriage form in a changing society. Journal of marriage and the family, v.44, n.3, Aug. 1982.
- Macfarlane, A. (1986). História do casamento e do amor, São Paulo, ed. Companhia das letras, 1990.
- Macklin, E. D. Nontraditional family forms: a decade of research. Journal of marriage and the family, v.42, n.4, Nov. 1980.
- Maranhão, Rosa M. C. S. A construção social da mulher: papéis divergentes e conflitos, Dissertação de Mestrado, PUC-RIO, 1984.
- Martins, Joel e Bicudo, M. A. V. A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos, São Paulo, ed. Moraes, 1989.
- Massi, Marina. Vida de mulheres: cotidiano e imaginário, Rio de Janeiro, ed. Imago, 1992.
- Minayo, Maria Cecília S. (1992) O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde, São Paulo, ed. Hucitec-Abrasco, 1993.
- Nicolaci-da-Costa, Ana Maria. Mal-estar na família: descontinuidade e conflito entre sistemas simbólicos. Em: Figueira, S.A. (org.), Cultura da psicanálise, São Paulo, ed. Brasiliense, 1985.
- Nicolaci-da-Costa, A.M. Sujeito e cotidiano: um estudo da dimensão psicológica do social, Rio de Janeiro, ed. Campus, 1987.
- Nicolaci-da-Costa, A.M. O processo de modernização da sociedade e seus efeitos sobre a família contemporânea. Em: Anais da 18ª reunião anual de psicologia, sociedade de psicologia de Ribeirão Preto, 1988.
- Nicolaci-da-Costa, A.M. Análise do discurso e pesquisa qualitativa. Em: Anais da 18ª reunião anual de psicologia, sociedade de psicologia de Ribeirão Preto, 1988.


- Nicolaci-da-Costa, A.M. Teorias lingüísticas, concepções de língua(gem) e concepções de análise de discurso. Original datilografado cedido pela autora.
- Nicolaci-da-Costa, A.M. Questões metodológicas sobre a análise de discurso. Trabalho apresentado na 40ª reunião anual da SBPC, Julho, 1988. Original datilografado cedido pela autora.
- Oliveira, Z.M.R. Abordagens qualitativas em psicologia do desenvolvimento. Em: Anais da 18ª reunião anual de psicologia, sociedade de psicologia de Ribeirão Preto, 1988.
- Prestrelo, E.T. Em busca de novos papéis sexuais na relação amorosa: um estudo sob a ótica feminina. Dissertação de Mestrado, PUC-RIO, 1989.
- Queiroz, M.I.P. Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva. São Paulo, T. A. Queiroz editor, 1991.
- Reich, W. Casamento indissolúvel ou relação sexual duradoura? Textos exemplares, 4, São Paulo, Martins Fontes.
- Rocha-Coutinho, M. L. Tecendo por trás dos panos: algumas estratégias de controle da mulher sobre a família. Tese de Doutorado, PUC-RIO, 1992.
- Romanelli, G. Famílias de camadas médias: modernidade e mudança. Em: Anais da 18ª reunião anual de psicologia, sociedade de psicologia de Ribeirão Preto, 1988.
- Roussel, L. La cohabitation juvénile en France. Population, n.1, Revue bimestrielle de l'institute nacional d'etudes demografiques, 1978.
- Russo, J. e Santos, T.C. Psicanálise e casamento. Em: Família, psicologia e sociedade. Velho, G. e Figueira, S.A. (orgs.), Rio de Janeiro, ed. Campus, 1981.
- Salem, T. Família em camadas médias: uma revisão da literatura recente. Boletim do Museu Nacional, Rio de Janeiro, n. 54, Out. 1985.
- Salem, T. O casal igualitário: princípios e impasses. Em: revista brasileira de ciências sociais, n. 9, v. 3, Fev. 1989.
- Santos, T.C. De Dona Leticia a Carmem da Silva: as revistas femininas e a modificação do comportamento da mulher. Em: Figueira, S.A. (org.) Uma nova família?, Rio de Janeiro, Zahar, 1986.
- Simmel, G. (1950) A metrópole e a vida mental. Em: O fenômeno Urbano, Velho, O.G. (org.), Rio de Janeiro, Zahar, 1967.

- Soares, E.M. Novas perspectivas no relacionamento amoroso. Ciência hoje, São Paulo, v. 10, n. 58, Out. 1989.
- Spanier, G.B. Married and unmarried cohabitation in the United States: 1980. Journal of marriage and the family, v. 45, n.2, May 1983.
- Stafford, R.; Backman, E.; Dibona, P. The division of labor among cohabiting and married couples. Journal of marriage and the family, v.39, n.1, Feb. 1977.
- Velho, G.(1981) Individualismo e cultura, Rio de Janeiro, ed. Zahar, 1987.
- Velho, G. Aliança e casamento na sociedade moderna: separação e amizade em camadas médias urbanas. Boletim do Museu Nacional, n. 39, Ago. 1983.
- Velho, G. A busca de coerência: coexistência e contradições entre códigos em camadas médias urbanas. Em: Figueira, S.A. (org.), Cultura da psicanálise, São Paulo, Brasiliense, 1985.
- Viveiros de Castro, E.B. e Araújo, R.B. Romeu e Julieta e a origem do Estado. Em: Velho, G. (org.), Arte e Sociedade: ensaios de sociologia da Arte, Rio de Janeiro, Zahar, 1977.
- Willems, E. A estrutura da família brasileira. Sociologia, v. 16, n. 4, Out. 1954.

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio  
pela aluna Monica de Vasconcellos Dias, intitulada Casamento e  
Coabitação: Imaginário e Cotidiano, e aprovada pela Banca  
Examinadora constituída pelos seguintes Professores:


  
\_\_\_\_\_  
Ana Maria Nicolaci-da-Costa / PUC-Rio

  
\_\_\_\_\_  
Bernardo Jablonski / PUC-Rio

  
\_\_\_\_\_  
Terezinha Féres Carneiro / PUC-Rio

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, 10 de Março de 1995

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Jurceval Hays  
Coordenador dos Programas de Pós-Graduação  
do Centro de Teologia e Ciências Humanas